

UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
DSCO - Departamento de Comunicação Social
FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Curso de Jornalismo

TAYANE AIDAR ABIB

**O JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS: UM ESTUDO DA
PRODUÇÃO NOTICIOSA DE ELIANE BRUM**

Bauru
2015

TAYANE AIDAR ABIB

**O JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS: UM ESTUDO DA
PRODUÇÃO NOTICIOSA DE ELIANE BRUM**

Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da UNESP- Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:
Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura

Bauru
2015

TAYANE AIDAR ABIB

**O JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS: UM ESTUDO DA
PRODUÇÃO NOTICIOSA DE ELIANE BRUM**

Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da UNESP-Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social- Jornalismo.

Bauru, 07 de maio de 2015.

Profª Dra. Angela Maria Grossi de Carvalho
Membro da Banca Examinadora

Liliane de Lucena Ito, Jornalista e Mestre em Comunicação
Membro da Banca Examinadora

Profº Dr. Mauro de Souza Ventura
Orientador e presidente da Banca Examinadora

*Dedico este trabalho aos meus irmãos
Maria e Ricardo Augusto, por me
mostrarem a delicadeza do amor de
Deus manifesta nos pequenos gestos.*

AGRADECIMENTOS

Sou grata, sempre e em primeiro lugar, a Deus, pelos dons recebidos, e a Nossa Senhora, pela graça do seu amor maternal. Obrigada por preencherem a minha existência com o bem supremo da fé.

Aos meus pais Ricardo e Leila, pela doação incondicional à nossa família. Agradeço por sustentarem a minha vida e a de meus irmãos, ensinando-nos sobre os valores que dignificam o ser humano. Por vocês, tudo vale a pena.

Aos meus avós Carim, Jorge (*in memoriam*), Neide e Alice – e à minha quase centenária bisavó Maria José – por serem meu exemplo de zelo, fortaleza e humildade.

Ao meu companheiro Luã, por me mostrar a beleza que há no amor e na doação mútua. Obrigada por compartilhar dos meus sonhos, ajudando-me nessa caminhada desafiadora que é viver.

À minha cunhada Letícia e ao nosso pequeno Francisquinho. Obrigada pelo seu sim à vida e por todas as alegrias que ainda virão.

Ao professor Mauro, meu orientador e minha referência na universidade. Obrigada por partilhar seus conhecimentos comigo e por inspirar em mim novos sonhos e buscas.

A todos os mestres da UNESP, em especial à professora Angela e à Liliane, por gentilmente aceitarem contribuir com esse projeto.

À professora Maria Estrela Serrano e ao CIMJ, pela acolhida e pelos aprendizados.

À Eliane Brum, pelas reflexões suscitadas por sua palavra-alma em movimento.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela concessão das bolsas de Iniciação Científica e de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) para o desenvolvimento do presente trabalho.

“Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, são os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada”. Clarice Lispector

RESUMO

Este projeto de pesquisa propõe um estudo da produção jornalística de Eliane Brum, tomando como *corpus* de análise os livros *A Vida que ninguém vê* e *O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, duas obras que reúnem textos publicados no jornal Zero Hora e na Revista Época, respectivamente. Com isso, tem-se por objetivo demonstrar e compreender de que forma o jornalismo de Brum se diferencia dos registros de uma mídia convencional, orientada por valores-notícia e por um fazer jornalístico que indicam as posturas a serem adotadas em cada fase de produção jornalística. A partir do estudo das temáticas presentes nas reportagens de Eliane Brum, busca-se identificar quais são os seus critérios de noticiabilidade e o seu conceito de notícia, além de desenvolver uma análise interpretativa de seus textos. A presente pesquisa se ocupará, portanto, em verificar a possibilidade da existência de valores e técnicas jornalísticas que destoam dos procedimentos da mídia tradicional.

Palavras-chave: Jornalismo. Reportagem. Valores-notícia. Eliane Brum.

ABSTRACT

This project proposes a study of the journalistic production of Eliane Brum, taking as corpus of analysis the books *A vida que ninguém vê* and *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, two books that bring together texts published in the newspaper Zero Hora and journal Época, respectively. Thus, it has been designed to demonstrate and understand how the journalism of Brum differs from records of a conventional media, guided by news values that indicate the positions to be taken at each stage of production journalistic. From the study of the themes present in the stories of Eliane Brum, we seek to identify what are your criteria for newsworthiness and her concept of news, besides developing a narrative analysis of her texts. This article will verify, therefore, the possibility of journalistic techniques and values that clash with the procedures of traditional media.

Keywords: Journalism. Report. News values. Eliane Brum.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 NOTAS METODOLÓGICAS.....	12
3 UM ESTUDO DA PRODUÇÃO NOTICIOSA CONVENCIONAL	15
1.1 PANORAMA DA CONSTITUIÇÃO DA IMPRENSA	15
1.1.1 A profissionalização do jornalismo	16
1.2 ASPECTOS DA TEORIZAÇÃO DA NOTÍCIA.....	18
1.3 O JORNALISMO ENQUANTO COMUNIDADE INTERPRETATIVA	25
1.3.1 Um enquadramento alternativo segundo Zelizer	26
1.3.2 A tribo jornalística é transnacional	28
1.4 ESTRUTURAÇÃO DA NOTÍCIA E TÉCNICAS TEXTUAIS	31
1.4.1 Objetividade jornalística	34
1.4.2 A arte de contar histórias.....	39
1.5 A NOTICIABILIDADE: DO FATO À NOTÍCIA	41
1.5.1 Os valores-notícia na ótica de Traquina	44
4 O JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS.....	47
2.1 AS MARCAS DE ELIANE BRUM: O QUE AS PALAVRAS CONTAM DE SUA VIDA.....	48
2.2 O ESTADO VISCERAL DE SER REPÓRTER: O <i>ETHOS</i> JORNALÍSTICO DE ELIANE BRUM	52
2.3 A ARTE DO OLHAR E DO ESCUTAR: SUJANDO OS SAPATOS EM BUSCA DA LITERATURA DA VIDA REAL	57
2.4 ESCREVER PARA SER: UM PERCURSO DE DESIDENTIDADES	65
2.5 O COTIDIANO É NOTICIÁVEL: A VIDA COMUM É EXTRAORDINARIAMENTE ORDINÁRIA	72
5 ENTREVISTA COM A JORNALISTA ELIANE BRUM	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

Da escolha da pauta à publicação da reportagem, perpassando os processos de contato com as fontes, entrevista, apuração e escrita, o jornalismo de Eliane Brum se revela distinto do praticado pela mídia tradicional em cada etapa da produção jornalística. Com uma linguagem característica, resultante da intersecção entre jornalismo e literatura, e técnicas de reportagem diferenciadas, Eliane assume-se como uma repórter de acontecimentos.

Sustentando-se em tal definição, o que se busca neste trabalho de pesquisa é analisar e entender de que forma o jornalismo de Brum se diferencia dos registros de uma mídia tradicional, orientada por valores-notícia e por um fazer jornalístico que indicam as posturas a serem adotadas em cada fase de produção jornalística.

Pretende-se, portanto, desenvolver um estudo sobre a caracterização dos critérios de noticiabilidade de Eliane Brum, buscando definir seu conceito de notícia, com a finalidade de compreender a prática de seu jornalismo em cada etapa do processo produtivo; tomando, para isso, duas de suas obras que reúnem uma seleção de seus escritos para dois meios de comunicação: *A vida que ninguém vê*, em seu período de trabalho no jornal Zero Hora, na década de 1990, e *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, na revista Época, durante os primeiros anos de 2000.

Para tanto, elaborou-se um percurso metodológico composto de duas partes: revisão bibliográfica sobre as Teorias do Jornalismo, a fim de fundamentar um escopo teórico para o projeto, e análise interpretativa, com o objetivo de levantar inferências acerca da produção noticiosa de Eliane Brum e de novas perspectivas no cenário jornalístico.

Esta pesquisa acredita que se aprofundar no estudo do jornalismo de Eliane Brum é verificar a possibilidade da existência de valores e técnicas jornalísticas que destoam dos procedimentos da mídia tradicional. Em um cenário noticioso cujo compasso é regido por interesses mercadológicos, a prática de Brum faz perceber a essência de um jornalismo que não se deixa corromper. Especializada em contar histórias de gente, a repórter resiste ao fazer jornalístico padronizado da grande imprensa e prova ser possível fazer um jornalismo capaz de transformar o olhar de seus leitores para o mundo.

Entender seu conceito de notícia, definir seus critérios de noticiabilidade e identificar a materialização de sua concepção jornalística em seu estilo de linguagem são os objetivos deste projeto e também os primeiros passos para se perceber a presença de uma prática de reportagem preocupada com a função primordial do jornalismo: a da mediação social. Configurada como elo entre indivíduo e realidade, a atividade jornalística contém a

responsabilidade de inserir a sociedade em um cotidiano de informação e conhecimento. Uma inserção que visa levar um olhar diferente, que não apenas vê, mas enxerga. E, quando enxerga, é incomodado, quer mudança. Tal desejo de transformação também pode ser percebido nos textos de Eliane Brum.

Para provar que “ser repórter não tem preço” (BRUM, 2006, p. 194), Eliane defende um jornalismo pautado em uma relação de envolvimento e transparência com seus personagens e leitores. Contrária ao uso de técnicas já consolidadas no cânone jornalístico, o único procedimento estabelecido por Brum é o de se esvaziar, ficar limpa para se deixar preencher pela história do outro, em uma atitude de recusa à objetividade defendida pelo jornalismo convencional. O que a repórter quer é por os pés na lama, é pedir licença para entrar na vida dos anônimos, é pertencer a uma realidade até então desconhecida.

Deixar-se guiar pelos valores pré-estabelecidos da mídia tradicional é compactuar com uma prática que ignora o humano e o sensível de cada vida e de cada história. Propor-se a fazer um jornalismo baseado na observação, na escuta e no olhar é buscar os meios de dar ao leitor a possibilidade de viver a mesma realidade que a repórter está vivendo. Para transformar é preciso se sentir parte. Resgatar esse compromisso de vínculo entre cada indivíduo e entre sociedade como um todo é missão primeira da essência profissional do jornalismo e também de Brum, pois somente o encontro honesto permite o reconhecimento e a transformação.

Ao se deparar com uma pauta, questionar-se sobre a melhor forma de contribuir com o debate social é atitude essencial de um jornalista comprometido com um trabalho honesto - que envolve repórter, fonte e sociedade em uma mesma sintonia. Essa relação de interdependência é fundamental para se compreender a importância da análise da produção jornalística de Brum. Antes de buscar entender seus procedimentos e técnicas, o esforço é para compreender uma necessidade social: o ser humano é dependente da informação e dos meios de comunicação.

Um jornalismo que se deixa modelar por padrões noticiosos é também um jornalismo que se nega a enxergar a realidade em sua totalidade. Treinada a olhar em uma mesma direção, sempre sob o mesmo ângulo, a mídia tradicional esquece-se de se voltar à vida que está bem ali, todos os dias, sendo vista por ninguém. Tão mergulhada e acostumada a uma rotina, a grande imprensa se esquece de noticiar as histórias compartilhadas por todos, que se repetem.

Escutadeira, buscadora de gente e repórter de desacontecimentos: assim se define Eliane Brum, interessada no “cachorro que morde o homem”, preocupada em relatar o

silêncio, os nuances e os detalhes da significância que cada indivíduo dá a sua própria existência. Disposta a ouvir verdades, Eliane não se deixa acorrentar pelas rédeas do cronômetro e dos preceitos editoriais. Livre de preconceitos, não de erros, a repórter sabe admitir falhas e reconhecer enganos. Sem se deixar abater pelas críticas do cânone jornalístico, a jornalista mostra ser possível resgatar a função jornalística em um contexto tão deturpado por interesses políticos e econômicos.

Antes de fazer, Eliane é seu jornalismo. Um jornalismo visceral, que nasce de dentro e que depende de processos internos para se revelar. Um parto, que exige entrega e transparência, que tem tempo de amadurecimento. Um jornalismo que quer ser estrangeiro e não turista. Que não quer arrancar histórias, mas ser digno de contá-las. Um jornalismo que até parece utopia. Esquecido, não praticado, inviável. Um jornalismo que renasce e se reinventa na prática noticiosa de Eliane Brum.

NOTAS METODOLÓGICAS

O plano inicial deste projeto experimental de conclusão de curso previu, no período dos primeiros meses, um aprofundamento da bibliografia selecionada, sustentando-se na leitura e fichamento das obras apresentadas como referenciais para este estudo, no sentido de reunir subsídios e consolidar fundamentos teóricos para o desenvolvimento desta pesquisa.

De modo complementar a este trabalho, foi realizado um estágio de pesquisa no Centro de Investigação Media & Jornalismo (CIMJ), associado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/NOVA), sob a orientação da professora Dra. Maria Estrela Serrano e financiamento da Bolsa de Estágio e Pesquisa no Exterior BEPE/FAPESP, durante os meses de janeiro a março de 2014. Entre os meses de estágio, este projeto esforçou-se em explorar novos estudos referentes às teorias do jornalismo, de modo a confirmar as hipóteses lançadas no início da pesquisa e desenvolver um quadro teórico consistente – a partir da ótica de Nelson Traquina e de outros estudiosos da área – para posterior análise interpretativa sobre as obras de Eliane Brum.

Assim, a fim de já enriquecer a análise interpretativa proposta para a segunda etapa deste trabalho, ainda durante o aprofundamento bibliográfico este projeto desenvolveu considerações preliminares sobre o *corpus* – as obras *A vida que ninguém vê* e *O olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, publicados em 2006 e 2008, respectivamente – no intuito de depreender deles aspectos de relevância para a pesquisa, visando à interpretação e conceituação do jornalismo de desacontecimentos - o principal objetivo desta pesquisa.

Desse modo, em um primeiro momento, definiu-se como objetivo inicial o desenvolvimento da fundamentação teórica deste projeto, de modo a reunir dados bibliográficos e os subsídios necessários para entender a constituição do jornalismo enquanto profissão e a formação de um *ethos* e de uma cultura cujos valores e posturas se difundem e se partilham como em uma tribo, como proposto por Traquina (2008). A partir desta concepção, fez-se possível compreender as práticas dos tradicionais veículos de comunicação e debruçar-se sobre suas técnicas textuais e seus critérios noticiosos.

Todo este percurso inicial visou ao desenvolvimento de uma segunda parte, realizada nos últimos meses da pesquisa, a partir da análise do *corpus* que sustenta a caracterização de um jornalismo de desacontecimentos. Para tanto, este projeto desenvolveu uma análise do conteúdo dos referidos livros, a fim de compreender as temáticas, as técnicas e os valores utilizados por Brum em sua produção jornalística. Com base nas interpretações dos textos

presentes nessas obras, este estudo conceituou um novo modo de apurar, entrevistar e escrever notícias, que serão relatados e aprofundados neste projeto experimental.

A partir dos estudos comparativos entre o *modus operandi* dos meios noticiosos convencionais e da produção jornalística de Eliane Brum, tornou-se possível refletir sobre um novo modo de fazer jornalismo, intitulado aqui como o Jornalismo de Desacontecimentos, assim como descrever as técnicas e valores nele presentes. Neste novo jornalismo, a preocupação é a de atingir o cerne do tecido social que compõe o cotidiano e a vida comum, de modo a revelar, a partir do dia a dia de anônimos, as problemáticas que envolvem nossa política, nossa cultura, nosso meio ambiente, nosso estar e ser no mundo atual.

Por fim, este projeto realizou uma entrevista com a jornalista Eliane Brum. Esta entrevista foi feita pelo telefone, tendo em vista sua agenda comprometida, e segue transcrita no item 3 desta pesquisa. Por meio desta conversa, foi possível se aprofundar ainda mais na prática noticiosa de Brum, de modo a confirmar as reflexões aqui expostas e acrescentar novos pensamentos sobre o paradigma da comunicação neste século em que os alicerces do modo de fazer notícia convencional parecem estar abalados.

Desde a formulação do pré-projeto desta pesquisa, o esforço desta investigação sempre foi o de questionar a prática noticiosa dos meios de comunicação convencionais, de modo a refletir sobre a possibilidade de existência de um novo modo de fazer jornalismo, pautado não por interesses comerciais ou de audiência, mas de vínculo e responsabilidade com o ser humano. Mais do que compreender o *modus operandi* de Eliane Brum, o objetivo deste projeto foi o de analisar o cenário midiático atual, para assim propor novos valores para um jornalismo entrelaçado com a causa social.

A escolha de um *corpus* composto por obras da jornalista Eliane Brum veio ao encontro a essa proposta: demonstrar que é possível fazer diferente. Em toda a sua carreira, Brum percorreu caminhos pautados pelo jornalismo em sua essência, preocupada em encontrar os significados que tecem o dia a dia de pessoas comuns, interessada em ouvir, observar, olhar e compreender as problemáticas dos outros, sabendo esvaziar-se de si mesma para esse fim. Por isso, suas produções exemplificam um modo de contar histórias distinto dos registros da mídia convencional.

Seus embates travados com o acontecimento – valor esse tão caro aos veículos convencionais – inspiram uma nova perspectiva para o cenário atual: fazer um jornalismo que desacontece. E que não tem medo de se opor aos interesses comerciais, empresariais ou organizacionais. Importa-se apenas em revelar o que move cada um na busca por significar sua existência: nos detalhes, nas nuances, nos cheiros, nas palavras, no silêncio.

Esse modo de fazer jornalismo da Eliane Brum é o alicerce da proposta deste projeto: a caracterização de um Jornalismo de Desacontecimentos. Durante todo o período de pesquisa, este projeto esforçou-se por estudar o jornalismo, em suas teorias, suas técnicas, seus paradigmas. Realizou consideráveis avanços ao aprofundar sua fundamentação teórica por meio de estágio no Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ) e reuniu os subsídios necessários para uma análise interpretativa do *corpus* escolhido. Empenhou-se em analisar o conteúdo das produções jornalísticas de Brum, de modo a depreender delas posturas e técnicas para uma nova prática noticiosa. E, para finalizar, fez uma entrevista com a própria jornalista para demonstrar seu posicionamento a respeito do jornalismo em suas esferas tradicional e de desconhecimentos.

1 UM ESTUDO DA PRODUÇÃO NOTICIOSA CONVENCIONAL

Esforçando-se para não desviar o olhar dentre as inúmeras questões-chave que permeiam os estudos do jornalismo, esta pesquisa traçou um percurso por entre o qual suas análises irão percorrer em busca de um propósito assumido: estudar a produção jornalística de Eliane Brum e demonstrar de que forma os seus registros diferem da prática noticiosa convencional. Para não deixar brechas no decorrer do trajeto, estruturou-se uma metodologia de pesquisa de cunho teórico-interpretativo, com a revisão bibliográfica de um quadro de referências no assunto e posterior análise descritiva do *corpus* definido neste projeto.

Sendo assim, inicia-se agora a primeira parte deste estudo, cujo objetivo é apresentar uma abordagem acerca do universo teórico que respalda a prática jornalística enquanto comunidade profissional. Este primeiro capítulo buscará, portanto, analisar a notícia e a cultura jornalística, de modo a verificar os princípios e valores que orientam sua produção. A partir dessa compreensão, será possível empreender uma nova jornada: aprofundar-se no jornalismo de Eliane Brum e em suas divergências para com a mídia tradicional – e esse será o desafio da segunda parte dessa pesquisa.

1.1 Panorama da constituição da imprensa

O jornalismo tal qual o conhecemos hoje, nas sociedades democráticas, firmou suas raízes no século XIX. Foi durante este período que se assistiu ao desenvolvimento do primeiro *mass media* - a imprensa. Impulsionados pela intensa expansão dos jornais, novos empregos foram criados e um número crescente de pessoas passou a se dedicar integralmente a atividade jornalística. Foi também durante o século XIX que o jornalismo assumiu um novo propósito: fornecer informação e não propaganda. Com o desenvolvimento da *penny press*, nos anos 1830, um novo jornalismo e um novo conceito de notícia emergiram, sustentados pela consolidação da fronteira entre fatos e opinião. A *penny press* efetudou, assim, a mudança de um jornalismo de opinião para um jornalismo de informação. Este novo paradigma resultou no nascimento de valores que ainda hoje são identificados com o jornalismo, dentre os quais se cita, segundo Traquina (2005), a independência, a liberdade, a notícia e a noção da prestação de serviço público.

A realidade da informação em detrimento da propaganda fortaleceu a constituição de um novo grupo social, os jornalistas, e de um novo saber, a notícia. Nesta história do jornalismo, cada vez mais notada na era da globalização, destacam-se dois fatores de

influência na evolução da atividade: a sua comercialização e a profissionalização de seus trabalhos.

A partir da comercialização da imprensa, a informação adquiriu o *status* de mercadoria – percepção essa facilmente identificada com o surgimento de uma imprensa mais sensacionalista. Com a emergência de um dispositivo tecnológico - a imprensa - o jornalismo passou a se inserir enquanto atividade remunerada. Sua consequente profissionalização abriu caminhos para a consolidação de uma identidade ou de um *ethos* jornalístico, em cuja comunidade, na visão de Traquina (2005), partilham-se valores-guias, responsáveis por orientar cada etapa da produção jornalística e por perpetuar normas e costumes que passam a se caracterizar como intrínsecos entre os membros desta tribo.

A fim de compreender a consolidação da identidade dessa comunidade, esta pesquisa debruça-se sobre as questões relativas à profissionalização do jornalismo. Essas análises servirão de suporte teórico para embasar os posteriores estudos que este projeto pretende realizar. Somente ao entender os caminhos percorridos pelo jornalismo, de sua constituição à sua profissionalização, é que se poderá visualizar a formação de uma “tribo” (TRAQUINA, 2005) cujos princípios regem a realidade construída pela mídia nos dias atuais.

1.1.1 A profissionalização do Jornalismo

Pontua Traquina (2005) que, historicamente, o jornalismo se firmou enquanto profissão em meados do século XIX, em decorrência da formação de clubes, associações e sindicatos que impulsionaram a consolidação da atividade no meio social. Nos Estados Unidos, por exemplo, na capital Washington, um clube socialmente exclusivo denominado *Washington's Correspondents Clun* foi organizado em 1867. Nos anos 1880, em cidades como Chicago, Boston e San Francisco, clubes de jornalistas também foram criados; sinalizando, assim, a formação de uma nova comunidade profissional.

A partir de então, associações e grupos passaram a se difundir pela Europa. Na Inglaterra, em 1884, a Associação Nacional de Jornalistas começou a lutar por melhores condições de trabalho e pela proteção de sua reputação. “O seu principal objetivo era conseguir um estatuto profissional para os jornalistas, promovendo os seus interesses, elevando o seu estatuto social e as suas qualificações de associado”, relata Traquina (2005, p. 81).

Com a emergência de instituições sindicais, no decurso das duas últimas décadas do século XIX, os jornalistas assumem uma identidade profissional com o intuito de adquirir

uma existência e uma legitimidade coletivas. Este mesmo período também assistiu à formação de organizações de nível internacional, através de encontros de grupos articulados em diferentes países. Em 1900, um Congresso em Paris mencionou pela primeira vez a possibilidade de criação de um bilhete internacional de identidade dos jornalistas e de escolas preparatórias para essa profissão.

Neste cenário, é importante ressaltar que, além da constituição de associações e de grupos, o desenvolvimento da formação e do ensino dos jornalistas exerceu influência fundamental na profissionalização da atividade. Já no início do século XX, Estados Unidos e França introduziram formalmente uma instrução jornalística no ensino superior, na qual antigos homens dos jornais eram os responsáveis por ministrarem as aulas.

Muitos destes programas de ensino em jornalismo davam ênfase ao treino da escrita e da edição, primeiro nos departamentos de inglês, depois em departamentos independentes e escolas de jornalismo. Esta formação ao nível da Licenciatura evoluiu posteriormente, no início do século XX, para a instrução a nível de Mestrado em escrita e edição em Columbia e noutras universidades (TRAQUINA, 2005, p.84).

Desta forma, a partir do século XX, os cursos universitários em jornalismo cresceram vertiginosamente em número e em quantidade de alunos inscritos. Enquanto em 1910 eram contabilizados quatro cursos universitários, em 1927 esse número já era de 1954. Em outros países, como na Grã-Bretanha, o desenvolvimento do ensino em jornalismo foi mais tardio. Como forma de comparação, nos anos 1960, apenas 30% dos jornalistas especializados deste país possuíam uma formação universitária.

No Brasil, a primeira faculdade de Jornalismo foi criada em 1943, por meio do testamento do jornalista paulistano Cásper Líbero, então diretor-proprietário de um dos mais modernos jornais da América Latina - “A Gazeta”. No entanto, devido a entraves legislativos, o curso só entrou em funcionamento quatro anos depois. Na década de 60, outras regiões do país receberam a implementação do curso em suas universidades. No nordeste, o ensino de jornalismo foi incorporado à Universidade Católica de Pernambuco e à Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em São Paulo, destaca-se a criação da Escola de Comunicação e Artes, na Universidade de São Paulo, e da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação, na Universidade Estadual Paulista.

Evidencia-se, desse modo, o vínculo que atrela a profissionalização do jornalismo nas sociedades ocidentais ao desenvolvimento do capitalismo e aos consequentes processos de industrialização e educação em massa, que abriram espaço para a criação da imprensa e da

identificação do jornalismo enquanto serviço público. A partir deste elo, os jornalistas empenharam-se num processo de busca por maior autonomia e de estatuto social; fato que resultou na construção de uma cultura jornalística marcada pela ideia do jornalista como portador de conhecimento e também da existência de autointeresses específicos do grupo.

Escreve Traquina (2005) que, com o processo de profissionalização, tornou-se possível para os jornalistas participarem de um grupo organizado, em cuja relação estruturou-se uma identidade própria ou um *ethos* jornalístico. Como veremos adiante, inevitavelmente, as notícias são um reflexo desse *ethos* especializado da comunidade jornalística, uma vez que se moldam a partir de suas estruturas e processos.

Sendo assim, após percorrer esse breve panorama histórico, essa pesquisa passa a elucidar suas análises sobre as teorias do jornalismo e suas implicações na comunidade jornalística e na produção da notícia.

1.2 Aspectos da teorização da notícia

Quais fatores condicionam a noticiabilidade de um acontecimento? Quais explicações fundamentam a origem da notícia tal como ela é? Questionamentos como esses permeiam os caminhos do campo da pesquisa em jornalismo e motivam estudos substanciais acerca do assunto há mais de 150 anos. Uma vasta literatura foi desenvolvida ao longo do século XX - mesmo antes da criação do curso de Mestrado e Doutorado nos anos de 1930, nos Estados Unidos - com o intuito de compreender a atividade jornalística. Percebe-se, desta forma, o estudo do campo jornalístico como uma área científica com já longas tradições, testemunhando a presença de um amplo debate entre pesquisadores de comunicação e ciências humanas e a formulação de teorias que não se excluem nem são necessariamente independentes umas das outras, mas atuam de modo complementar dentro do cenário noticioso.

Com a consolidação das sociedades democráticas e da liberdade de imprensa, o interesse em investigar o emergente campo jornalístico se formou em dois polos basicamente: o econômico, que concebe o jornalismo em parâmetros mercadológicos, e o ideológico, que o configura como um serviço público. Antes de analisar os estudos selecionados para esta pesquisa, é interessante ressaltar que o corpo da “teoria da notícia” (*newsmaking*) ou “Teoria do Jornalismo” é vasto e complexo e que só recentemente se tem notado tentativas de sistematização orientadas ao que se pode considerar como uma teoria do conteúdo das notícias.

Segundo Sousa (1999), as notícias se definem como um artefato construído pela interação de várias forças, que podem se situar ao nível das pessoas, do sistema social, da ideologia, da cultura, do meio físico e tecnológico e da história. Para o autor, os meios de comunicação conferem notoriedade pública a determinados acontecimentos, ideias e temáticas que representam discursivamente, democratizando assim o acesso às mesmas e tornando habitual, talvez até como um ritual, o seu consumo.

Ainda nesta linha de estudo, assume-se que, embora as notícias representem determinados aspectos do cotidiano, sua mera existência já se torna capaz de contribuir socialmente para a construção de novas realidades e novos referentes. Assim como Traquina (2005), Sousa adota uma visão construcionista das notícias, que ultrapassa as “teorias” organizacional e estruturalista, bem como as de ação pessoal, de modo a concebê-las como participante do processo de instituição - coletiva e contínua - da realidade social.

A fim de melhor compreender as teorias do jornalismo, esta pesquisa direciona suas análises aos estudos de Traquina (2005) – como resultado do estágio de pesquisa no Centro de Investigações Media e Jornalismo (CIMJ) -, cuja proposta se estrutura em uma leitura do jornalismo com base em cinco orientações que nortearam a história da produção das notícias: a teoria do "espelho", a teoria da ação social pessoal ou teoria do *gatekeeper*, a teoria organizacional, as teorias de ação política e as teorias da notícia como construção social, da qual surge a perspectiva de uma teoria estruturalista e a teoria interacionista. Passemos, então, para uma breve síntese das teorias abordadas pelo autor antes de retomar e aprofundar a concepção da notícia enquanto construção social:

a) A Teoria do Espelho: assim como toda profissão é sobrecarregada de imagens, o jornalismo se faz de mitos que o rodeiam de tal maneira que, muitas vezes, apresentam-no enquanto contra-poder e revelam seu produto como sendo uma transmissão não expurgada da realidade, um espelho. Segundo Traquina (2005), essa teoria é, na verdade, a própria ideologia profissional dos jornalistas, pelo menos nos países ocidentais.

Central à teoria é a noção-chave de que o jornalista é um comunicador desinteressado, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam da sua missão de informar, procurar a verdade, contar o que aconteceu, doa a quem doer (TRAQUINA, 2005, p. 147).

Nela, o *ethos* dominante e os valores e normas identificados com o profissionalismo criam um ambiente de resistência entre os membros da comunidade jornalística a qualquer

questionamento sobre esse *status* da profissão como difusora da verdade. A legitimidade e a credibilidade dos jornalistas estão assentes nessa crença social que identifica a notícia enquanto reflexo da realidade, na defesa da imparcialidade dos jornalistas e do respeito às normas profissionais que asseguram ao seu trabalho a função de mediação, como simples reprodutores do acontecimento na notícia;

b) A Teoria da Ação Pessoal ou a Teoria do *Gatekeeper*: na investigação acadêmica sobre o jornalismo, ressalta-se os estudos de David Manning White, nos anos 1950, sobre o *Gatekeeper* como a primeira teoria formulada. O termo refere-se à tomada de decisão em uma sequência de decisões, e foi introduzido pelo psicólogo social Kurt Lewin, em 1947. Nesta teoria, a produção de informação depende de um processo de escolhas no qual o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, portões que atuam como áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai noticiar determinado acontecimento ou não.

Segundo essa linha, o jornalista é concebido como “porteiro”, influenciando e permitindo a passagem ou não das notícias, selecionando-as.

A conclusão de White é que o processo de seleção é subjetivo e arbitrário, as decisões do jornalista eram altamente subjetivas e dependentes de juízos de valor baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper* (TRAQUINA. 2005, p.150).

Assim, as notícias são explicadas como um produto das pessoas e das suas intenções. Por analisar as notícias a partir do prisma de quem a produz, o jornalista, esta teoria foca apenas uma abordagem microsociológica - ao nível do indivíduo - avançando em uma explicação quase exclusivamente psicológica;

c) A Teoria Organizacional: ao contrário do *Gatekeeper*, esta teoria não analisa o indivíduo, mas a organização jornalística em que ele se insere, em um nível mais amplo. Os estudos foram realizados por Warren Breed e destacam a importância dos constrangimentos organizacionais sobre a atividade jornalística, sublinhando a conformidade do profissional com as normas editoriais da política editorial da organização mais do que com quaisquer crenças e valores pessoais.

Para o sociólogo norte-americano, o jornalista acaba por ser socializado na política editorial da organização através de uma sucessão sutil de recompensa e punição. A política

editorial nunca é dita, ou ensinada, mas é percebida pelo jornalista e interiorizada. As regras, normas e valores são aprendidos de modo natural. Além disso, segundo essa vertente, o trabalho jornalístico é condicionado pelo fator econômico, determinante na resposta dada à pergunta ‘por que as notícias são como são’.

Sob esta ótica, o jornalismo posiciona-se também como um negócio e submete-se aos interesses publicitários, na medida em que o espaço ocupado pela publicidade intervém diretamente na produção do produto jornalístico. Os custos e a lógica do lucro, então, são impostos ao trabalho jornalístico. Dessa forma, para a teoria organizacional, as notícias resultam de processos de interação social situados dentro da empresa jornalística;

d) As Teorias de Ação Política: a partir dos anos 1960, em diversos países, o campo do jornalismo foi marcado por uma nova fase de investigação, cujo interesse pautava-se em parâmetros ideológicos. Por isso, a partir da década de 1970, os estudos jornalísticos trilharam esse percurso, assumindo novas preocupações e perspectivas. Identifica-se, assim, a relação do jornalismo com a sociedade, por meio de uma análise da profissão orientada para as implicações políticas e sociais das notícias, e a capacidade do Quarto Poder em corresponder às enormes expectativas em si depositadas pela própria teoria democrática.

Seja de esquerda ou de direita, estas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção de sua visão de mundo, da sociedade, etc. (TRAQUINA, 2005, p.163).

Nas teorias de ação política, os meios noticiosos são vistos de uma forma instrumentalista, isto é, como agentes que objetivam certos interesses políticos. Na corrente de esquerda, são concebidos enquanto canais que ajudam a manter o sistema capitalista; na versão de direita, servem como instrumentos que põem em causa o capitalismo.

e) As Teorias Construcionistas: a partir dos anos 1970, as pesquisas acadêmicas assistiram a um momento de virada no paradigma das notícias: o produto jornalístico começou a ser identificado enquanto construção, em uma perspectiva oposta àquela que a percebia como distorção, colocando em xeque a própria ideologia jornalística e sua teoria das notícias como espelho da realidade.

Sob o prisma construcionista, os meios noticiosos não refletem a realidade, mas ajudam a construí-la. Desta forma, a linguagem não se faz como a reprodução direta dos significados, uma vez que a neutralidade discursiva é ilusória. Antes, a estrutura da notícia é

suscetível a diversos fatores, sejam eles organizativos, econômicos e do cunho do próprio jornalista.

Conceber a notícia enquanto construção não invalida e nem deslegitima sua veracidade, ao contrário do que se afirma com a teoria do espelho. A resistência dos jornalistas em aceitar tal fato reside justamente neste pensamento, segundo o qual espelhar a realidade é sinônimo de objetividade e validade do jornalismo - que deve se fazer de fatos e não de ‘estórias’.

A notícia não é um relato, mas uma construção. E conceituá-la como estória dá relevo à importância de compreender a sua dimensão cultural. Acrescenta Schudson (1995 apud TRAQUINA, 2005, p.171) que, quando entendidas como uma forma de cultura, as notícias “incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão de considerações que devemos tomar seriamente em consideração”.

Assim, depreende-se que os fatos precisam ser inseridos em um mapa de significado, que já contém conhecimento cultural, identificação social e contextualização. Este avanço no estudo do jornalismo se relaciona com as inovações metodológicas, uma abordagem etnometodológica, na qual os pesquisadores foram aos locais de produção, com o intuito de entrar na pele das pessoas observadas, e puderam perceber a importância da dimensão trans-organizacional no processo produtivo das notícias, no que toca à conexão cultural que provém de ser membro de uma comunidade profissional.

Além disso, as teorias construcionistas também minimizaram as visões instrumentalistas – originárias também deste período - que encaram a produção de notícias como conspiração, com intenção consciente de distorção em sua elaboração.

Desse novo paradigma, das notícias como construção, emergem duas teorias: a estruturalista e interacionista. Para ambas, as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais, jornalistas, fontes e sociedade. Também nelas se destacam a importância da cultura jornalística, a estrutura dos valores-notícia, a ideologia da comunidade e as rotinas do profissional.

Nesta perspectiva construcionista, as notícias são reconhecidas como narrações, ‘estórias’, por isso registram formas literárias para enquadrar o acontecimento. As notícias tendem a apoiar as interpretações oficiosas dos acontecimentos, e é sobre este ponto que as duas teorias divergem;

e.1) As Teorias Estruturalistas: tal como a Teoria de Ação Política, a Estruturalista possui uma abordagem macrossociológica e, embora reproduza a ideologia dominante, reconhece a autonomia relativa dos jornalistas em relação a um controle econômico direto. Para esta teoria, as notícias são um produto social resultante de vários fatores: a organização burocrática dos *media*, a estrutura dos valores-notícia e a prática profissional dos jornalistas, e o próprio momento de construção da notícia, no qual os acontecimentos são tornados significativos.

A mídia, então, assume um papel ideológico, na medida em que definem, para a maioria da população, quais acontecimentos são relevantes. Dessa forma, estabelece-se uma relação estrutural entre eles e os chamados “definidores primários”, que são as opiniões dos poderosos - os porta-vozes. Assim, na produção jornalística, os veículos noticiosos colocam-se numa posição de subordinação estruturada aos definidores primários ou às fontes ‘poderosas’.

Nesta teoria, as fontes oficiais são encaradas como um bloco unido e uniforme, a existência de disputas entre os membros das fontes oficiais é minimizada e a relação entre fontes e jornalistas é encarada como unidirecional. O importante da relação estrutural entre a mídia e os definidores primários institucionais é que permite aos definidores institucionais estabelecer uma interpretação primária do tópico em questão. É essa interpretação que, por assim dizer, comanda a ação em todo o tratamento subsequente e impõe os termos de referência que nortearão todas as futuras coberturas ou debates.

É por conta deste determinismo excessivo que a Teoria Estruturalista é criticada. Os jornalistas são encarados como sujeitos passivos, sem iniciativa e incapazes de desafiar os “definidores primários”, já que nunca há um processo de negociação antes da definição principal. Desta forma, o jornalismo perde seu potencial de recurso para todos os diversos agentes sociais;

e.2) A Teoria Interacionista: nesta teoria, o pressuposto é de que a notícia, na medida em que torna presente o acontecimento a que se remete, também o constrói e, assim, participa do processo de instituição, coletiva e contínua, da realidade social.

Nas palavras de Traquina (2005, p.180), "as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima, os acontecimentos, num produto, as notícias". O autor lembra que a teoria interacionista, ou, pela aproximação conceitual, também conhecida como etnoconstrucionista, percebe processo de

produção noticioso como interativo, destacando o papel ativo de diferentes agentes sociais, em um processo constante de negociação.

Na ótica interacionista, os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo, por conta da abundância de acontecimentos diários, e travam uma luta contra o relógio a fim de impor ordem no espaço e no tempo. Para estar no controle, o jornalismo e as empresas são obrigados a elaborar estratégias para enfrentar esse desafio e acabam criando uma rotina de "previsibilidade" para conseguir cobrir os principais fatos considerados noticiáveis para a edição do dia ou da hora seguinte: é daí que surge a pertinência das "rotinas produtivas", bem como das necessárias "ordens" no tempo e no espaço.

A ordem no espaço é uma atitude das empresas jornalísticas, segundo Gaye Tuchman (1973), de estender uma rede noticiosa para capturar acontecimentos em certas localidades e não em outras. Elas dividem o mundo em áreas de responsabilidade territorial, fazem uma especialização organizacional. Uma das consequências deste imperativo que os membros da comunidade jornalística utilizam para levar a cabo seu trabalho é de fazer com que acontecimentos julgados notícia terão assim tendência a ocorrer em certas localidades e não em outras. No entanto, é inegável a existência de grandes "buracos" na cobertura noticiosa. A razão principal é a extrema concentração de recursos das empresas jornalística em territorialidades geográficas específicas. O restante dessas só é notícia quando em desordem social, tecnológica ou moral.

A ordem no tempo é uma tentativa de impor uma estrutura sobre o tempo. Tal como se espera que acontecimentos julgados com valor-notícia ocorram em alguns locais institucionais, mas não noutros locais, também se espera que os acontecimentos com valor-notícia se concentrem durante as horas normais de trabalho, quando repórteres e fotógrafos ficam disponíveis para cobri-los. A empresa jornalística tenta planejar o futuro através do seu serviço de agenda que elabora a lista de acontecimentos previstos, permitindo assim a organização do seu próprio trabalho com certa antecedência. Este valor de imediatismo tem como consequência uma ênfase nos acontecimentos e não nas problemáticas, já que os acontecimentos se inserem facilmente no *lead* tradicional.

Ambas as teorias apresentam similaridades, pois são transorganizacionais, destacam a importância da cultura jornalística e seus critérios de noticiabilidade, sendo micro e macrosociológicas concomitantemente. Entretanto, há diferenças significativas que permitem assinalar o avanço de uma em relação à outra quando se trata de explicar o fenômeno noticioso.

Conforme aponta Traquina (2005), os estudos na linha da teoria interacionista reconhecem a importância dos ‘definidores primários’, mas ao contrário da teoria estruturalista, admitem a possibilidade de outros agentes sociais conseguirem mobilizar o campo jornalístico para os seus objetivos comunicacionais e reconhecem, via o seu acesso direto, o poder dos jornalistas na definição do que é notícia e como será construída.

Compactuando com tal pensamento, Sousa (2006, p.81) afirma que os resultados das pesquisas realizadas no campo dos estudos jornalísticos permitem concluir que a notícia jornalística é o produto da interação histórica e presente (sincrética) de forças pessoais, sociais (organizacionais e extra organizacionais), ideológicas, culturais, históricas e do meio físico e dos dispositivos tecnológicos que intervêm na sua produção e através dos quais são difundidas.

Desta forma, a ideia que resulta da proposta de Sousa (2006) é a de que as notícias são uma construção e, portanto, não são, nem poderiam ser, espelhos das realidades a que se referem. Ao assumir uma versão construcionista das notícias, Sousa complementa e dialoga com a visão de Traquina.

A partir da concepção das práticas jornalísticas cotidianas, a conclusão a que se chega é que as teorias em muito contribuem para a compreensão da função do jornalismo no quadro das sociedades democráticas. Através dos estudos expoentes aqui citados, pretendeu-se verificar a consolidação de um novo paradigma de pesquisa cujos resultados apontam para o jornalismo enquanto construção social da realidade.

1.3 O jornalismo enquanto comunidade interpretativa

De modo a compreender as notícias, esta pesquisa cursou um breve trajeto de sistematização das teorias do jornalismo, amparada em uma investigação substancial de estudos da área. No entanto, segundo Traquina (2005), para compreender o produto jornalístico, faz-se necessário, ainda, analisar a comunidade jornalística como uma tribo, cujas características e ideologias são determinantes na noticiabilidade de um acontecimento. Afinal, no processo de interação social do qual resultam as notícias, os jornalistas se inserem como importantes agentes e membros de uma comunidade profissional.

Sendo assim, não há meios de conceber teoricamente as notícias sem compreender a identidade e a cultura dos profissionais do campo jornalístico. Nesse subitem, portanto, o presente estudo se aprofundará nas análises acerca do universo da tribo jornalística, de modo a se sustentar nos estudos de Zelizer (2000) e de Traquina (2005).

Inicialmente, debruça-se sobre um enquadramento alternativo de Zelizer, que propõe o jornalismo não sob um viés do profissionalismo, mas sob o prisma de uma comunidade interpretativa. Busca-se, com isso, verificar as características desta comunidade e reunir subsídios para complementar uma análise mais ampla em torno da tribo jornalística, que será objeto de estudo deste projeto a partir do acervo de Traquina (2005).

Deste modo, após o aprofundamento acerca da comunidade interpretativa proposta por Zelizer e da tribo jornalística apontada por Traquina, chegar-se-á a conclusão de que a comunidade interpretativa é transnacional. Tal constatação advém dos estudos de Traquina (2005) sobre a tribo - resultante de considerações acerca da cobertura midiática sobre a problemática da AIDS - e reúne pressupostos teóricos significativos para fins de comparação interpretativa entre as práticas jornalísticas da mídia convencional e do jornalismo de acontecimentos de Eliane Brum.

1.3.1 Um enquadramento alternativo segundo Zelizer

Em seus estudos acerca do universo jornalístico, Zelizer (2000) apresenta uma forma suplementar de analisar o jornalismo que, antes de passar pelo quadro da profissão, procura dar conta de dimensões alternativas da prática jornalística. Sua proposta é conceber o jornalismo como uma comunidade interpretativa, em que discursos e interpretações coletivas de acontecimentos públicos são partilhados.

Sob este prisma, Zelizer evidencia aspectos da prática jornalística que não têm sido relatados nas discussões sobre a profissão, como a tarefa dos repórteres, seus contatos informais e o ato de contar ‘estórias’. Tudo isso, apesar de não estar imerso no âmbito do profissionalismo, contribui para a união dos jornalistas, segundo a autora.

Deste modo, a partir da análise de dois acontecimentos centrais no jornalismo americano – o Watergate e o mccarthismo -, a autora sugere que os jornalistas “não só usam o discurso para dar sentido a prática jornalística, mas o fazem de forma a assimilar elementos dessa prática negligenciados pelas interpretações formalizadas da profissão” (ZELIZER, 2000, p.33). Por isso, ultrapassa-se o enquadramento dominante, dos jornalistas enquanto profissionais, para um enquadramento alternativo, que os insere enquanto comunidade interpretativa.

Evidentemente, o âmbito do profissionalismo permitiu aos jornalistas adquirirem um estatuto de autoridade e um sentimento de partilha resultante do trabalho que efetuam. Ser

profissional implicou na adoção de determinadas posturas, como objetividade, neutralidade e equilíbrio que ainda nos dias atuais permanecem na prática noticiosa. No entanto, diversas dimensões da profissão não são mencionadas a partir desta perspectiva. Zelizer salienta, neste ponto, a recusa do profissionalismo para com a concepção das notícias enquanto construção da realidade, assim como as práticas de narração e de contar histórias – que mais adiante serão objetos de estudo dessas análises.

Essas posturas se justificam pela marcante distinção entre fato e ficção e pelo pressuposto de falta de profissionalismo ao se assumir uma estrutura narrativa de apresentação de notícias. Neste sentido, a abordagem alternativa da autora se lança a compreender:

De que modo os jornalistas atribuíram a si próprios o poder de interpretação, o que levou a que certos tipos privilegiados de narração tivessem sido adotados pelas organizações noticiosas, e de que forma a estrutura narrativa ajudou os jornalistas a neutralizar outras descrições menos fortes ou menos coerentes do mesmo acontecimento (ZELIZER, 2000, p.36).

Seu objetivo, portanto, é explicar o jornalismo enfocando no modo como os jornalistas constroem um significado sobre si mesmo. Essa concepção que projeta a ideia de comunidade interpretativa provém dos estudos antropológicos de Hymes (1980), relativos a um grupo unido por interpretações compartilhadas da realidade – esse assunto será retomado adiante com a análise das teorias de Traquina (2005). Por estabelecerem convenções tácitas e negociáveis, que permitem aos membros criar e experimentar, essa comunidade se define por associações informais que se fazem em torno de interpretações compartilhadas, e não através de indicadores fixos e rígidos de aprendizagem, como no âmbito do profissionalismo.

Essa perspectiva abre caminhos para evidenciar elementos interessantes da prática jornalística, uma vez que seu discurso compartilhado produz indicadores de como os jornalistas veem a si próprios. Eles constroem histórias da realidade e circulam entre si – informalmente – narrativas e definições do que é considerada uma prática adequada.

É neste cenário que se ambienta as ponderações acerca do Jornalismo de Desacontecimentos, chave desta pesquisa. A partir do conhecimento destes conceitos e das análises desenvolvidas sobre os estudos de Zelizer (2000) e de Traquina (2008), identifica-se a constelação de valores e posturas compartilhadas pela comunidade interpretativa jornalística e evidencia suas dissonâncias para com a prática jornalística de Eliane Brum.

A fim de aprofundar as análises acerca da tribo jornalística enquanto comunidade interpretativa transnacional, parte-se dos estudos de Zelizer para as ponderações de Traquina, de modo a caracterizar a cultura profissional e o *ethos* jornalístico.

1.3.2 A tribo jornalística é transnacional

Apoiando-se nos conceitos de “tribo” de Michel Maffesoli (1988) e de “comunidade interpretativa” de Dell Hymes (1980), Traquina (2005) desenvolve seu próprio estudo a fim de formular uma tese a respeito da comunidade dos jornalistas. Trata-se de uma análise comparativa das notícias sobre a problemática das AIDs em cinco jornais diferentes e em quatro países diferentes (Portugal, Espanha, Brasil e EUA). Sustentando-se em tal material, Traquina (2005) busca fundamentar a concepção de que a comunidade jornalística é uma comunidade transnacional em que os jornalistas, nos diversos países, partilham valores-notícia semelhantes e toda uma cultura noticiosa profissional comum.

Assim, os dados coletados pelo autor apontam para o fato de que os jornalistas partilham, com variações de intensidade, um sistema de valores que fornece uma identidade clara do profissional - de tal modo que a tribo jornalística pode ser encarada sob uma ótica transnacional- cuja origem remonta ao processo de profissionalização.

Primeiramente, apreende-se da observação da tribo jornalística e dos diversos estudos efetuados pelo autor que a unidade de análise privilegiada pelo jornalismo é o acontecimento.

Obcecados pelo valor do imediatismo, os jornalistas são pessoas com uma cronamentalidade. O ritmo do trabalho jornalístico leva-os a privilegiar os acontecimentos porque estes são mais passíveis de serem integrados na teia da facticidade (TUCHMAN, 1978, p. 74).

Contudo, o que ocasionou esse comportamento e por que se tornou tão visível na rotina da comunidade jornalística? Traquina (2008) alude ao século passado, com a criação da chamada *penny press*, para verificar a emergência de um novo paradigma, o da informação, preterindo o paradigma da propaganda, fator esse que também acabou por gerar o fortalecimento do seguimento comercial do jornalismo, seguido da profissionalização dos seus trabalhadores.

Essa profissionalização, ocorrida ao longo de décadas, agregou à identidade da comunidade jornalística toda uma mitologia respaldada pela teoria democrática, que conforme Traquina (2005), certamente reconhece o papel social desses profissionais, ligados a conceitos

nobres como o da liberdade. Neste cenário, surgem os rótulos que compõem a mitologia dessa profissão, tais como a imprensa como quarto poder e jornalistas como ‘cães de guarda’. Essa identidade profissional é encarada como um *ethos*, isto é, o comportamento ideal e desejável para o jornalista.

De forma geral, ser jornalista implica a partilha de uma identidade que tem sido afirmada desde o século XIX, assim como também a crença numa constelação de valores: liberdade, independência e autonomia, associação com a verdade, objetividade, rigor e exatidão. É válido ressaltar, no entanto, que o compartilhamento de tal *ethos* exige a consolidação de um sistema democrático, sem o qual não é possível haver liberdade de imprensa e os outros princípios subsequentes.

Uma vez estabelecida a relação simbiótica entre democracia e liberdade, o jornalismo encontra campo para se constituir como profissão e os profissionais, para formarem tribos e se enquadrarem como possuidores de maior conhecimento do que outros. Por sua vez, a ideia de portador implica a existência de autointeresses específicos do grupo, e o resultado de todo este contexto é a formação de uma ideologia, isto é, um sistema de crenças e de interações sociais e técnicas aprendidas e compartilhadas. Desta forma, ao desenvolver seus próprios interesses ou necessidades de acontecimentos, na visão de Molotch e Lester (1997 apud TRAQUINA, 2005), a comunidade jornalística cria uma cultura de normas e de guias de comportamento em situações sociais que perpassam o *ethos* da profissão.

Desta equação final, depreende-se a constituição de uma comunidade ou de um grupo unido pelas suas interpretações partilhadas da realidade. E daí provém os valores-notícias, as estruturas cognitivas, perceptivas e avaliativas partilhadas. Por conta desses fatores, é possível enxergar o mundo oferecido aos leitores como uma “imagem” refratada, que passa através de um ‘prisma’: os filtros utilizados pelos jornalistas para determinar a noticiabilidade de um acontecimento.

Alguns fatores são intrínsecos a essa comunidade profissional. O mais notório é o fator tempo, traduzido pela importância do imediatismo e do conceito de atualidade nas produções das notícias, em função dos prazos-limite – *deadline* – das redações, que estabelecem uma relação “fetichista” do jornalismo com o tempo e passa a constituir o eixo central do campo de produção jornalística. Dessa forma, o imperativo fator tempo leva o jornalismo a privilegiar a cobertura dos acontecimentos. Para Tuchman (1978, p.134), “o trabalho jornalístico é uma atividade prática diária cujo ritmo exige uma ênfase nos acontecimentos e não nas problemáticas”. Os acontecimentos estão, assim, extremamente vinculados à ocorrência de fatos, visíveis no *lead* noticioso.

Outra singularidade da cultura jornalística é traduzida pelo termo “rede noticiosa”, utilizado por Tuchman para caracterizar uma prática dos veículos de imprensa quando os mesmos enviam repórteres a determinados locais e eventos com a expectativa de que esses últimos gerem ou subsidiem notícias, tornando-as previsíveis e pré-fabricadas. Desta forma, as rotinas tornam as notícias semelhantes nos diversos órgãos de comunicação social.

Completam a cultura profissional da comunidade jornalística as maneiras altamente homogêneas de ver, agir e falar, características que se veem nos critérios de noticiabilidade, também chamados de valores-notícia, que orientam essa tribo. Essas maneiras de ver, agir e falar são classificadas por Ericson, Baranek e Chan (1987 apud TRAQUINA, 2005) como fatores estruturantes da cultura profissional; constituindo, assim, três saberes: saber de reconhecimento, saber de procedimento e saber da narração. O primeiro saber trata da capacidade de reconhecer o que é notícia; o segundo trata da capacidade de recolher e processar informação, apurar a notícia e formular entrevistas; já o terceiro compreende o domínio das técnicas de redação jornalística em tempo útil e de forma atrativa.

Sustentando-se em toda essa perspectiva histórica de consolidação do jornalismo enquanto profissão e consequente formação de um *ethos* próprio, Traquina (2005) depreende de seus estudos a existência de uma cultura noticiosa comum.

Antropologicamente falando, a comunidade jornalística é uma tribo, e as características e ideologia dessa tribo são um fator crucial na elaboração do produto jornalístico. Postulamos agora que esta comunidade interpretativa chamada jornalistas é uma comunidade transnacional, uma diáspora, espalhada pelo mundo (TRAQUINA, 2005, p. 190).

Desse modo, faz-se possível compreender que a partilha de estruturas cognitivas, perceptivas e avaliativas compõe a identidade jornalística e fomenta uma cultura profissional que orienta as práticas e posturas a serem adotadas em cada etapa da produção de notícias. O que se percebe, portanto, é que a comunidade jornalística compactua de critérios que, de acordo com Traquina (2005), constituem-se como as unidades essenciais da cultura jornalística, responsáveis por determinar se um acontecimento é susceptível de se tornar notícia.

Assim, o estudo aprofundado da identidade jornalística permite concluir que, perpassando o processo cultural da profissão, há um sistema de valores que dão o tom da identidade dos membros da tribo e também um conjunto de critérios de noticiabilidade que forma uma cultura noticiosa, os “óculos”, na linguagem de Bourdieu (1997, p.25), e que cria uma realidade construída para os leitores.

Confirmando tal análise e compactuando com a existência de um *ethos* profissional, Sodré postula:

A notícia constitui-se como o relato (micronarrativo) de um acontecimento factual, ou seja, inscrito na realidade histórica e, logo, suscetível de comprovação.[...] Esta implica a construção do acontecimento segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos, em função da ‘cultura’ jornalística, isto é, do conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa (SODRÉ, 2009, p.71).

Para melhor compreender a produção jornalística, esta pesquisa avança sobre a estruturação da notícia e passa a desenvolver um estudo no que toca os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato: as técnicas textuais e a objetividade jornalística.

1.4 Estruturação da notícia e técnicas textuais

Seguindo a linha conceitual do jornalismo como comunidade interpretativa transnacional, Sousa (1999) apresenta um processo característico dentro de uma organização jornalística: o de socialização. Para o autor, ao ingressar no universo profissional, o sujeito se submete a processo que o leva a aculturar-se na organização e na tribo, de maneira a ter suas atitudes, comportamentos e até mesmo sua identidade moldada. No entanto, essa ótica não é determinista e também considera a possibilidade de uma influência pessoal do jornalista sobre o meio, de modo a individualizar os papéis organizacionais.

Por isso, a socialização deve ser entendida como um processo de interação entre a comunidade jornalística e os membros e entre esses entre si. Para Sousa (1999), a própria tribo tem de ser concebida como uma organização interativa com o seu meio, com grau de abertura relativo ao ambiente em que se insere.

Para mim, um dos perigos da socialização no jornalismo é o encerramento do sistema jornalístico-organizacional sobre si próprio, já que esse encerramento pode levar à manutenção indesejável de um sistema auto-referencial, que vai criando e retro-alimentando referências e que se revela nas práticas e nas rotinas, sem se abrir a referências externas que poderiam ser proveitosas, face às funções que as pessoas esperam (ou deveriam esperar) do jornalismo numa sociedade aberta, plural e verdadeiramente democrática (SOUSA, 1999, p.91).

Todo este cenário se enquadra nas competências profissionais específicas para ser jornalista, abordada por Traquina (2005). Segundo ele, os membros da tribo compartilham de

um vocabulário de precedentes composto por três saberes: o de reconhecimento, o de procedimento e o de narração. No primeiro, espera-se do profissional o faro jornalístico necessário para perceber a notícia segundo os parâmetros dos critérios de noticiabilidade. Ao referir-se ao saber de procedimento, diz-se respeito aos conhecimentos do jornalista sobre as notícias e aos fatores nelas envolvidos, enquanto o saber de narração é responsável por finalizar a produção noticiosa e empacotar todas as informações em uma narração. Nesta última habilidade, o profissional debruça-se sobre as técnicas textuais, socializadas e compartilhadas dentro das organizações jornalísticas.

Entre as técnicas que permeiam a elaboração do produto noticioso, Traquina (2005) aponta a maneira de falar jornalística: o ‘jornalês’, uma linguagem com traços comuns que buscam a compreensão e o entendimento de todos. Este modo muito específico de falar é geralmente associado a um formato cuja estrutura se tornou dominante no jornalismo norte-americano por volta de 1900, a pirâmide invertida. Defende Tuchman (1972) que a pirâmide invertida se estrutura em uma fórmula noticiosa do ‘quem’, o ‘quê’, ‘onde’, ‘quando’, ‘por quê’ e ‘como’. Esses seis termos são identificados pela socióloga como servidores da notícia e podem ser considerados como os “fatos” mais significativos acerca da estória.

Sodré (2009) explica as origens da pirâmide invertida e do *lead*:

A fórmula retórica remonta tanto às regras do debate sofístico quanto a um recurso mnemotécnico (Manual de retórica, de Quintiliano, datado de dois mil anos), que consiste em responder a perguntas básicas dos elementos narrativos, isto é, quem, o que, como, quando, onde e por quê, assinalados pelo poeta inglês Rudyard Kipling como sequência germinal de toda narrativa e estrutura constante da notícia moderna (SODRÉ, 2009, p.24).

Assim, essa técnica textual configura-se como um dispositivo cujo objetivo é listar as unidades de informação na ordem decrescente da sua presumível importância. Ao aplicar tal método noticioso, o formato jornalístico impõe uma estrutura nos acontecimentos: a notícia deve partir do aspecto mais relevante da informação. Por isso, o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso é tipicamente um parágrafo-tópico, que se inicia pela sentença-tópica, o *lead*. Segundo Lage (2005, p.73), “a natureza do *lead* é pragmática, ou seja, relacionada às condições da comunicação e à intenção de torná-la eficaz”.

Deste modo, a estrutura do formato não se relaciona a uma tradição literária – ao trágico, ao dialético, ou ao lírico – mas ao uso oral, à maneira como um sujeito relata algo a que assistiu numa conversação.

Comparado ao relato oral de uma informação nova e de interesse, o que o lead faz é situá-la no tempo-espaço e formalizar, quanto a denominações, os elementos ou notações do fato relativo. Presume-se que encerra o fato principal da série que constitui a notícia (LAGE, 2005, p.73).

A fim de sistematizar a aplicação desta fórmula noticiosa, o autor classifica o *lead* em quatro tipificações, cuja diferença reside nos recursos utilizados em cada uma. A fórmula mais tradicional e difundida dentro da comunidade jornalística é a do *lead* clássico, que ordena os elementos servidos da notícia a partir da notação mais importante, de modo a excluir o verbo. Lage aponta também para a estrutura do *lead* resumo, comumente aplicados em notícias de cobertura ou continuações (suítes). Neste modelo, há várias informações de destaque, mais ou menos equivalentes, e que devem ser condensadas em uma única matéria jornalística. Tem-se, ainda, o tipo de fórmula denominada *flash*, utilizada como recurso para estabelecer uma relação retórica, geralmente de antítese, entre eventos distintos. Por fim, opondo-se aos modelos tradicionais, o autor destaca o *lead* narrativo, cuja estrutura assemelha-se a um conto, de poucas linhas, em que os fatos sucessivos buscam conduzir o leitor ao clímax.

Todo esse método de apuração e técnica de redação, para Lage (2005), objetiva concentrar o foco do discurso no referente factual. Assim, os elementos subjetivos presentes no discurso noticioso são reduzidos ao mínimo, de modo a reafirmar a tonalidade objetiva defendida como valor soberano pela tribo jornalística. Sendo impossível negar a existência de valores subjetivos no texto, a comunidade profissional vale-se de recursos para minimizar a percepção do leitor para esses fatores e interiorizar a ideologia da objetividade no discurso jornalístico.

A fim de compreender a importância do valor de objetividade na profissão e aprofundar o estudo sobre a aplicação textual deste método, a pesquisa passa a concentrar suas análises nas considerações de Traquina (2005) e Tuchman (1999) acerca do assunto.

1.4.1 Objetividade jornalística

A credibilidade, tida como pedra de toque das relações de confiança entre o público e o jornal e, portanto, o principal capital simbólico do jornalista, resulta de um acordo implícito entre o membro da comunidade da informação e o leitor. Trata-se de um pacto impulsionado pela bandeira da objetividade, firmada no solo da cultura jornalística desde os meados do século XIX, a partir da distinção entre texto opinativo e notícia.

Sob a ótica de Rosen (2000), a objetividade é um dos elementos identificadores do jornalismo ocidental, sobretudo do americano. Para compreender o *modus operandi* da imprensa americana, bastaria esmiuçar este conceito essencial que, segundo o autor, pode ser visualizado a partir de cinco perspectivas diferentes. No caso do jornalismo convencional, a forma epistemológica que o caracteriza pode ser descrita como uma teoria da separação. Nela, defende-se a divisão entre fatos e valores, entre informação e opinião, entre notícias e pontos de vista, de modo a não permitir que a subjetividade do autor interfira nos ‘fatos puros’.

Apesar de ter se firmado no seio da cultura jornalística desde o século XIX, foi somente no século passado que o conceito de objetividade se consolidou como valor primordial no jornalismo.

Nas primeiras décadas deste século, com o pessimismo decorrente da propaganda na Primeira Guerra Mundial e com o nascimento das relações públicas, que postularam a impossibilidade de alcançar o fato absoluto, o que se percebe é uma perda de fé nos fatos por parte da sociedade de uma maneira geral. Por isso, no jornalismo, o valor de objetividade surgiu como ideal fundado na confiança de que a perda de fé nos fatos era irreversível. Segundo Traquina (2005), essa fé nos fatos foi substituída pela fidelidade às regras e aos procedimentos criados para um mundo no qual até os fatos eram postos em xeque.

Todavia, Tuchman (1999) provou que a objetividade ainda está viva, na forma de um “ritual estratégico”, destinado a defender os jornalistas e o produto noticioso de críticas e, numa certa medida, isentá-los das informações erradas ou manipuladoras que por vezes dão a seu público.

Ao se referir às técnicas de texto utilizadas pelos jornalistas com o fim de acentuar a objetividade, Sodré (2009) parece partilhar da noção de ritual da socióloga:

A imprensa moderna, organizada em fins do século XIX como um campo de produção industrial-capitalista da cultura, pôs em primeiro plano a tarefas de apenas informar o público, assim privilegiando a objetividade profissional das técnicas de texto e o desenvolvimento dos processos mecânicos e eletrônicos de reprodução das mensagens (SODRÉ, 2009, p.55).

A ideologia da objetividade parece, assim, ainda bem entranhada no campo jornalístico, apesar da crescente formação acadêmica específica dos jornalistas. Empírico, esse valor acaba por funcionar como baluarte entre os profissionais e os críticos, assim como também se torna o responsável por minimizar, e até mesmo anular, a responsabilidade da tribo perante erros jornalísticos.

Desta forma, a objetividade atua como um mecanismo de defesa e proteção dos profissionais. Como sugere Tuchman (1999, p. 75), “os jornalistas invocam sua objetividade quase do mesmo modo como um camponês mediterrânico põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos”. Assim, a comunidade jornalística retoma alguns conceitos de objetividade como um ritual estratégico, o que pressupõe ser esse mecanismo uma prática rotineira.

Na ótica de Tuchman (1999), um ritual deve ser analisado com um procedimento que se repete e que tem relevância tangencial para o fim procurado. Sendo assim, a adesão a esse tipo de mecanismo é obrigatório e frequentemente utilizado como estratégias performativas. O próprio termo estratégia já denota uma tática ofensiva, cujo objeto é prevenir um ataque das críticas. Por isso, para a comunidade interpretativa jornalística, os procedimentos rituais são uma espécie de armadura para neutralizar potenciais críticas e para preservar sua rotina compartilhada.

Três fatores, para Tuchman (1999), auxiliam um jornalista a definir um fato como objetivo: a forma, o conteúdo e as relações interorganizacionais. Por forma, entende-se o uso de atributos que exemplifiquem os processos noticiosos, com o uso das aspas. Por conteúdo, depreende-se aquelas noções da realidade social que os profissionais consideram como adquiridas. Assim, o conteúdo também dialoga com as relações interorganizacionais dos jornalistas, já que as suas experiências com a tribo motivam-no a tomar certas decisões e vice-versa.

Esses três fatores serão esmiuçados em quatro procedimentos estratégicos, de modo a comprovar que o manuseamento da notícia, isto é, o uso de certos mecanismos perceptíveis ao receptor, protege o jornalista dos riscos de suas ações:

a) A apresentação de possibilidades conflituais: neste procedimento, exige-se do jornalista a capacidade de enfrentar os fatos e confrontar as versões dos personagens, de modo a oferecer um número suficiente de dados para que o leitor tire as suas próprias conclusões. A autora, no entanto, alerta:

Visto que a objetividade pode ser definida como ‘prioridade aos objetivos externos ao pensamento’ e objetivo como ‘aquilo que pertence ao objeto de pensamento e não ao sujeito que pensa’ (ambas definições do dicionário), seria difícil de afirmar – como os jornalistas fazem – que a apresentação de possibilidades conflituais fomenta a objetividade (TUCHMAN, 1999, p.80).

b) A apresentação de provas auxiliares: a fim de comprovar suas informações, é preciso que o jornalista encontre provas e dados que corroborem suas afirmações. Esse mecanismo consiste em localizar e citar fatos suplementares que com frequência são aceitos pelo público como verdadeiros e inquestionáveis;

c) O uso judicioso de aspas: esse mecanismo também é uma forma de prova suplementar. As citações de opiniões de outras pessoas são utilizadas pelos jornalistas como meio de se isentar da notícia e deixar os “fatos” falarem. Desta forma, eles acham que deixam de participar do produto noticioso, como se excluíssem toda carga subjetiva que pode estar contida na informação;

Ao acrescentar mais nomes e citações, o repórter pode tirar as suas opiniões da notícia, conseguindo que os outros digam o que ele próprio pensa. O uso de citações para fazer desaparecer a presença do repórter da notícia estende-se ao uso das aspas como instrumento de sinalização. Elas podem ser usadas para informar: ‘esta afirmação pertence a qualquer pessoa, menos ao repórter’. As aspas tornam a notícia objetiva e protegem os jornalistas e seus superiores (TUCHMAN, 1999, p. 81).

d) A estruturação da informação numa sequência apropriada: esse fator faz alusão às técnicas textuais de pirâmide invertida e de *lead* mencionadas no início desse subitem. É destinado a indicar objetividade, um atributo formal da notícia, em que se presume a apresentação da informação mais importante de um acontecimento no primeiro parágrafo, com cada parágrafo subsequente contendo informação de menor importância.

Para a socióloga, esse é o aspecto formal mais problemático da objetividade para o jornalista. Isso porque, nos outros três procedimentos analisados, o profissional pode alegar que apresentou provas, valeu-se da opinião dos outros e não das suas, isentou-se do contexto e eliminou elementos subjetivos do discurso. No entanto, ao utilizar tais técnicas textuais, o jornalista torna-se o responsável pela estruturação da notícia, uma vez que a ele cabe o papel de escolher o *lead*. “O repórter só pode invocar o profissionalismo e afirmar que o *lead* é validado pelo *news judgement*”, afirma Tuchman (1999, p. 82).

O *news judgement* é uma atitude profissional inerentemente defensiva, uma vez que se refere à capacidade do jornalista de escolher objetivamente entre fatos concorrentes quais são os mais “importantes” ou “interessantes”. Por isso, ao estruturar a informação não há meios de o profissional neutralizar seus valores e subjetividades.

Por fim, a análise das práticas redacionais da tribo jornalística permite verificar a existência de procedimentos noticiosos, aqui exemplificados como atributos formais da notícia, que são efetivamente estratégias através das quais os jornalistas se defendem dos críticos e reivindicam, profissionalmente, a objetividade. Aliás, de acordo Tuchman (1999), a comunidade jornalística parece necessitar de rituais estratégicos para justificar o direito de se reivindicar objetivos e, assim, isentarem-se da subjetividade tão temida no quadro dos valores jornalísticos.

A negação da subjetividade no jornalismo, para Sousa (2004), deve-se, para além da ‘distorção’ que introduziria na compreensão dos ‘puros fatos’, ao entendimento generalizado de que a subjetividade só pode levar à opinião e esta, segundo o estudioso, vive há muito tempo em uma difícil coabitação jornalística com a notícia. “Isso faz com que, de um modo geral, a tendência seja a de cair no erro de associar a objetividade à notícia e a subjetividade à opinião” (SOUSA, 2004, p.449).

Neste sentido, a produção jornalística de Eliane Brum parece caminhar em vertente oposta às posturas da grande mídia. A jornalista não hesita em demonstrar, no decorrer de seus textos, o seu nível de intervenção, uma vez que sua simples presença já altera a realidade sobre o que se vai escrever. Para lidar, portanto, com esse dilema da profissão, Eliane opta pela transparência.

Nunca me vi na posição de um deus que observa uma realidade de fora, imune a suas implicações. Conheço bem as fraquezas da minha humanidade. Em meus textos, procuro deixar claro ao leitor qual é o meu lugar e onde minha interferência foi decisiva (BRUM, 2008, p.417).

Esse modo de conceber e de praticar jornalismo assemelha-se ao conceito de jornalismo ampliado, abordado por Resende (2004). Segundo o autor, neste método, o jornalista deixa, através do texto, de ocupar o lugar de dono da lei, para tornar-se um observador. Ele não faz sua a voz do outro e não se propõe a parafrasear suas fontes “como nas narrativas atrofiadas que insistem na onipresença do autor-jornalista e que, por se limitar, muitas vezes, a dizer ‘de acordo com’, faz-se legitimadora de uma só voz, e pouco atenta ao emaranhado que tece os discursos” (RESENDE, 2004, p.485).

Ao contrário, nas narrativas de resistência do jornalismo ampliado, torna-se possível perceber o sujeito “negociador de sentidos” ou mediador social, como aponta Medina (1996, p.232), aquele que “no extenso e pluralista trânsito social em que atua, lida com um coral de vozes, com a polifonia”. Neste sentido, desmitifica-se o jornalista-juiz ou o jornalista-deus,

uma vez que se passa a produzir um texto que se reconhece dialógico, isto é, que permite que outros dizeres se tornem constitutivos dele.

O jornalismo, em parte, tem sido vítima e cúmplice dessa verborragia, dessa excessiva valorização da palavra dita. O jornalista é reduzido a um compilador de monólogos, a um aplicador de aspas em série. Especialmente se só pode contar com as palavras transmitidas por telefone ou por e-mail. Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. O dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um auto de silêncio (BRUM, 2008, p.191).

Nesta perspectiva, Eliane assume um jornalismo que se pretende dialógico, que se propõe a apreender as diferentes dimensões que preenchem o cotidiano, que busca sair às ruas para se espantar e não para legitimar um discurso monológico. O jornalismo de desacontecimentos quer apurar os sentidos que compõem a narrativa, deixando-se guiar por todo não dito que torna visível toda a realidade de seus personagens. Para tanto, a jornalista resiste aos padrões da mídia convencional e aos valores e posturas pré-estabelecidas dos manuais de redação, de modo a não permanecer na superfície dos fatos, mas a mergulhar nas estórias.

Deste modo, notam-se em suas produções tons subjetivos e de interferência, da mesma forma em que se percebe a utilização de recursos literários como forma de preencher e permitir seus mergulhos narrativos.

Seguindo a linha desta concepção – e inserido no contexto da objetividade - este trabalho de conclusão de curso passa a se debruçar sobre a questão dos possíveis diálogos entre jornalismo e literatura e do jornalismo enquanto estória. Esta perspectiva parece sofrer uma recusa dentre os grandes veículos de comunicação, pois nega a notícia como espelho da realidade e a coloca no âmbito da construção narrativa. A partir de agora, portanto, esta pesquisa empreende um trajeto que percorre o jornalismo, as histórias e seus possíveis diálogos e encontros no estilo discursivo de Brum.

1.4.2 A arte de contar estórias

Ainda hoje, a discussão entre notícias e estórias é considerada com desconfiança, em virtude dos mitos que imperam na imprensa - objetividade, imparcialidade, reflexo da

realidade e verdadeira representação. O estudo da narrativa e do emprego de seus recursos no campo jornalístico, no entanto, tornam-se cada vez mais importantes, uma vez que nele se vislumbram os textos enquanto construções culturais.

Tal perspectiva põe em xeque a teoria que percebe as notícias como refletoras da realidade. Segundo Traquina (1993), nem mesmo os jornalistas, ao utilizarem o termo histórias reconhecem essas suas implicações. Apenas o concebem como um falar das coisas de uma forma mais interessante. “Mas ao dizer que as notícias são uma história, afirma-se que as notícias são uma forma cultural, um produto da cultura, um artefato” (TRAQUINA, 1993, p. 251).

E dizer que uma notícia é uma história, na visão de Tuchman (1993), não é de modo algum rebaixar a notícia, ou acusá-la de ser fictícia:

Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora de sua própria validade interna. Os relatos noticiosos, mais uma realidade seletiva do que uma realidade sintética, como acontece na literatura, existem por si só. Eles são documentos públicos que colocam um mundo à nossa frente (TUCHMAN, 1993, p.262).

Assim, embora sendo índice do real, as notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas pelos jornalistas para organizar o acontecimento. Esses recursos extrapolam a técnica da pirâmide invertida por aplicar um processo orientado pela narrativa e não se limitar à resposta das perguntas do *lead* – quem? o quê? onde? quando?.

Pondera Tuchman (1978), aliás, que o tradicional *lead* noticioso, envolto por uma teia de facticidade onde os acontecimentos estão concretamente enterrados, não permite a abordagem de problemáticas. Por isso, observa-se a enorme dificuldade do campo jornalístico em abordá-las. A ênfase de trabalho é sobre acontecimentos.

Neste sentido, evidenciam-se também divergências no que toca à prática jornalística de Eliane Brum. Por se identificar como contadora de histórias, a jornalista recusa a padronização textual de estruturação em *lead* e pirâmide invertida e assume uma prática narrativa que não se escusa de adentrar as fronteiras do literário, apropriando-se de seus recursos para contextualizar seus discursos.

Desde muito cedo percebi que a trajetória de uma vida continha bem mais do que os conflitos visíveis. Em parte, me transformei numa contadora de histórias ao intuir que a forma como é contada uma vida pode significar a possibilidade desta vida (BRUM, 2013, p.75).

Para Eliane, portanto, somente é possível alcançar e adentrar a realidade de seus personagens por meio da narrativa. Sendo assim, uma história se faz a partir deste encontro e desta identificação do jornalismo como contador, uma vez que permite perceber o invisível e o não dito.

Tais características narrativas, segundo S. Elizabeth Bird e Robert W. Dardenne (1993), operam enquanto mecanismo de atração e de conquista do leitor para o texto. As histórias são orientadas de uma maneira específica, apresentando habitualmente relações de causa e efeito numa progressão lógica. Por isso, o estudo sobre as narrativas revela que os leitores respondem mais à informação que é apresentada dentro desses parâmetros.

A pirâmide invertida é um instrumento eficiente para o jornalista, mas pode ser um desastre para o leitor. Os leitores ignoram grande parte de um jornal porque o assunto não lhes interessa, mas também podem ignorar uma grande parte porque a forma narrativa os repele. O estilo de pirâmide invertida encoraja à leitura parcial e pode ajudar a garantir que os leitores esqueçam muito daquilo que de fato leem (BIRD; DARDENNE, 1993, p.272).

A fim de comprovar tal constatação, alude-se à experiência de Donohew (1983,1984), cujo objetivo foi medir a reação física de leitores a relatos noticiosos dos suicídios em massa em Jonestown, contendo os mesmos acontecimentos, mas estruturados diferentemente. A conclusão a que se chegou: “as mensagens escritas em estilo narrativo criaram significativamente maior interesse e reações de alteração de humor, do que as que foram apresentadas no estilo jornalístico tradicional” (DONOHEW apud TRAQUINA, 1999, p.155).

É nesse sentido que Eliane Brum assume a responsabilidade de um jornalismo contador de histórias. Em uma recusa às técnicas textuais aplicadas pela grande mídia, Brum projeta suas produções enquanto documentos públicos. Por isso, cada reportagem sua contém a postura ética que a prática profissional exige. A escolha por um discurso narrativo permite à jornalista a construção de textos aprofundados e transparentes, com o leitor e com suas fontes.

Conheço jornalistas que alteram a fala dos entrevistados, ‘melhoram’. Dizem que existe repórter que até inventa ‘aspas’ para seus personagens. Não sei se é verdade. Para mim, ‘melhorar a fala’ já é uma fraude. Nós trabalhamos com palavras. Como as pessoas contam o que contam é fundamental para compreender o que contam. Colocar um sinônimo, nas aspas do entrevistado, já é traí-lo. No mínimo desde Freud sabemos que as palavras que escolhemos – e mais ainda as que deixamos escapar – falam de nós (BRUM, 2008, p. 223).

O rigor com que trabalha seus textos resulta de sua entrega às palavras e ao não dito – técnicas empregadas por uma contadora de histórias, que busca apreender a realidade em sua totalidade, que não se acomoda em empregar padrões e modelos discursivos. Assim, considerar as notícias como narrativas não nega o valor de considerá-las como correspondentes da realidade exterior; mas, ao contrário, insere outra dimensão às notícias, dimensão essa na qual as histórias de notícia transcendem as suas funções tradicionais de informar e explicar.

O sistema simbólico a que pertence a narrativa tem caráter duradouro. Por isso, enquanto os modelos padronizados de notícia se constituem como efeméride, as histórias se consolidam no transcorrer do tempo, com recursos que se inserem como culturais e atuam na ordenação humana dos fatos.

Em última instância, espera-se demonstrar a arte de contar histórias como processo narrativo que destoa das práticas textuais verificadas nos registros da mídia convencional, de modo a retratar o jornalismo de Brum como destoante aos modelos noticiosos dos veículos de comunicação tradicionais.

1.5 A noticiabilidade: do fato à notícia

Antes de aprofundar os estudos acerca da noticiabilidade e dos valores-notícia, faz-se necessário compreender a conceituação de fato e as condicionantes de sua transformação em produto jornalístico. Para isso, essa pesquisa alude às análises de Sodré (2009, p.33) quando sustenta a hipótese de que o “o acontecimento é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema da informação, o conceito de fato”. Sob esta definição, considera-se o acontecimento como um desdobramento do fato, que aborda um conjunto de normas e convenções discursivas e que corresponde a critérios como os de noticiabilidade.

Tais critérios são concebidos como valores adequados ao acontecimento e se constituem como tais não por serem únicos, mas por determinarem “categorias de organização ou controle de fluxos que atuam no espaço urbano por meio de representações, normas, comportamentos e afetos” (SODRÉ, 2009, p.75). Desse modo, esses critérios se configuram como unidades essenciais da cultura jornalística, sendo responsáveis por determinar se um acontecimento é suscetível ou não de se tornar notícia.

Os valores-notícia, portanto, nada mais são do que o resultado de um consenso entre a tribo jornalística, que determina a importância ou não de um assunto como noticioso. Os “fatos não-marcados”, aqueles descartados, não significariam fatos sem importância social,

mas sim fatos não imediatamente relevantes para “o cânone da cultura jornalística, sendo, portanto, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia” (SODRÉ, 2009, p.76)

Em consonância com Wolf (1987), então, pode-se definir a noticiabilidade como um conjunto de elementos através dos quais a comunidade jornalística controla a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais deverá selecionar quais serão notícias. Essa é uma qualidade que, segundo Sousa (1999), resulta do encontro de vários condicionantes principais:

A noticiabilidade, a seleção e a hierarquização informativa de acontecimentos e dados sobre esses acontecimentos passam por critérios que parecem partilhar (a) influências pessoais (como as idiossincrasias de um jornalista), (b) um pendor social, sobretudo organizacional (como a inter-relação desta com os restantes *news media*), (c) um pendor ideológico, visível, por exemplo, no destaque noticioso dado às figuras-públicas do poder político e económico e (d) um pendor cultural, resultante das culturas profissional, de empresa e do meio (SOUSA, 1999, p. 54).

Apesar de os valores-notícia mudarem ao longo do tempo e terem diversas naturezas, o que se pode verificar é certa homogeneidade no seio da cultura profissional jornalística transnacional. A seleção de notícias com base em critérios de noticiabilidade tende a tornar repetitivo o conteúdo dos meios de comunicação social, abrindo espaço para a consolidação de um sistema cujos valores são perpetuados e socializados pelo *ethos* jornalístico.

Além disso, é também evidente que, face à existência de determinados critérios, muitos assuntos não são tendencialmente noticiáveis uma vez que não se enquadram nos critérios e nas formas organizadas, racionalizadas, rotineiras e convencionalizadas de fazer jornalismo na maioria dos órgãos de comunicação social. Nem toda a informação com interesse potencial chega, por consequência, ao conhecimento público através dos meios jornalísticos.

Thomas Patterson (1997 apud TRAQUINA, 2005) assinala que a notícia é um relato altamente selecionado da realidade. Por isso, o mundo oferecido aos leitores nada mais é do que uma imagem refratada que passa através de um “prisma” – os valores-notícia da comunidade jornalística. Essa conceituação usada por Patterson é notavelmente semelhante ao conceito de “óculos” usado por Pierre Bourdieu. Para Bourdieu (1998, p.19), o jornalismo é um microcosmo e os jornalistas partilham “estruturas invisíveis que organizam a percepção e determinam o que vemos e não vemos”. Escreve Bourdieu: “os jornalistas têm ‘lentes’ especiais através das quais veem certas coisas e não veem outras, e através das quais veem as coisas que veem da forma especial por que as veem” (1998, p.19).

Há muitos estudos que elencam os valores que tornam um fato noticiável. Galtung e Ruge (1965) foram um dos primeiros autores a chamarem a atenção para a existência de critérios de noticiabilidade dos acontecimentos que se sobrepunham à ação pessoal do *gatekeeper*, embora sem a eliminar, e que determinariam as possibilidades de uma mensagem passar pelos vários *gates* numa organização noticiosa.

Neste momento, essa pesquisa recorre às análises de Traquina (2005) em torno de três épocas históricas, a fim de perpassar os estudos realizados até então e culminar nos valores-notícia resultantes da investigação do autor, que serão referência para este projeto. É preciso ressaltar que o foco de análise aqui instaurado recairá sobre os valores-notícia de seleção, no subgrupo dos critérios substantivos, que se referem à avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia.

O primeiro período a ser analisado é o século XVII, mais especificamente o intervalo que abrange de as primeiras décadas de 1600. Os valores-notícias são destacados das “folhas volantes”, os jornais da época; já que, nestes anos, os jornais diários ainda não circulavam. Isso só começou a acontecer em 1616, na Alemanha e, posteriormente, na França e em Portugal.

As notícias, então, eram dadas por meio destas folhas volantes, criadas para satisfazer a curiosidade dos acontecimentos, noticiando assuntos referentes a assassinatos, celebridades e fatos insólitos. É também nessa época que surgem os primeiros jornais, sendo considerado o primeiro deles o *Aviso de Augsburg*, na Alemanha, com publicação em 1609.

Avançando no tempo, Traquina (2005) se debruça sobre o século XIX, nos seus anos 30 e 40. É nesse período que surgem as raízes do jornalismo tal qual o conhecemos atualmente, devido à constituição da chamada *penny press* na década de 1830, em um contexto socioeconômico favorável. Esse novo modelo de se produzir informação em detrimento da propaganda valorizou as notícias factuais, acessíveis e atrativas, isto é, com caráter mercadológico, o que fomentou o êxito para a imprensa em formação.

Num terceiro momento histórico, nos anos 70 do século XX, com o advento de uma imprensa cada vez mais importante, o jornalismo expande-se e tem sua prática aprimorada, com a crescente utilização do *lead* e da entrevista, que passariam a gerar a padronização da notícia.

Esses recortes temporais acerca da produção da notícia corroboram com a visão de Traquina (2005), para quem as notícias produzidas ao longo de quatro séculos são muito semelhantes. Essa compreensão permite afirmar que os valores-notícia básicos têm variado pouco.

Para desenvolver sua lista de valores-notícia, o autor apresenta os estudos de Galtung e Ruge, e outro estudo de uma equipe canadense, formada por Richard Ericson, Patrícia Baranek e Janet Chan. Os julgamentos apresentados pelo autor assemelham-se àqueles citados por Wolf (1987). Porém, sobre a problemática dos estudos dos valores-notícias, Traquina ressalta a necessidade de uma distinção entre valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção, o que Wolf (1987) já havia indicado.

Conforme Wolf (1987), os valores notícia de seleção referem-se aos critérios utilizados pelo jornalista quando elege apenas um entre vários acontecimentos como candidato à sua transformação em notícia. Já os valores-notícia de construção sugerem o que deve ser prioritário, realçado e omitido na construção de um acontecimento como notícia, ou seja, funcionam como direcionamento para a apresentação do acontecimento selecionado.

1.5.1 Os valores-notícia na ótica de Traquina:

Após a análise dos critérios de noticiabilidade de outros estudiosos, Nelson Traquina apresenta agora a sua própria teoria de valores-notícia. Conforme mencionado anteriormente, essa pesquisa se aprofundará apenas nos subgrupo dos critérios substantivos, uma vez que esses dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia. São eles:

- a) Morte: é uma das razões que explica o negativismo do mundo jornalístico. A comunidade jornalística apresenta grande interesse por acontecimentos que têm morte. Segundo Traquina (2005, p. 85), “quanto mais morte tiver, mais noticiável vai ser”;
- b) Notoriedade: esse valor refere-se ao destaque ou à visibilidade que o ator principal do acontecimento tem. Como no tempo das “folhas volantes”, a celebridade ou a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento tem valor como notícia. De modo sintético: o nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade;
- c) Proximidade: o critério pode ser tanto em termos geográficos, quanto culturais. Para um acontecimento virar notícia é preciso que se leve em consideração a proximidade física e territorial, mas, também, os aspectos da cultura em questão;

d) Relevância: corresponde ao impacto que determinado acontecimento tem sobre as pessoas, à sua capacidade de incidir sobre elas;

e) Novidade: uma questão central para os jornalistas é precisamente o que há de novo. Dificilmente os jornalistas vão voltar a um mesmo assunto se nele não houver um elemento novo;

f) Tempo: em diferentes aspectos, o tempo possui valor-notícia como atualidade ou como efeméride. Pontua Traquina (2005) que, num ambiente de incertezas como é o jornalístico, a velocidade é de uma importância vital;

A notícia é um artigo deteriorável. Parece existir uma relação fetichista entre os jornalistas e o tempo. Uma relação que não só determina quem é competente, como também revela uma obsessão com minutos e segundos que poucos fora da comunidade conseguem entender como racional (TRAQUINA, 2005, p. 92).

g) Notabilidade: é a qualidade de ser visível e configura-se no jornalismo com a tendência de olhar para a cobertura de acontecimentos e não problemáticas. O ritmo do trabalho jornalístico exige a ênfase sobre acontecimentos e não sobre problemáticas. Isso porque os acontecimentos se enquadram facilmente no *lead*, e a problemática não;

h) Inesperado: é aquilo que irrompe e que surpreende a expectativa da comunidade jornalística;

i) Conflito ou controvérsia: pode ser representado pela violência simbólica ou física e acaba por colaborar para marcar a distinção entre o que é correto e o que não;

j) Infração: é o critério da violação, da transgressão de regras. Por isso o crime adquire tanto valor enquanto notícia.

Os estudos desenvolvidos nessa pesquisa permitem verificar que o escopo teórico sobre a noticiabilidade é bem amplo. No entanto, apesar das diferentes análises e vertentes históricas, verifica-se uma similaridade no que diz respeito à aplicação dos critérios de

noticiabilidade por parte dos meios de comunicação e à configuração da notícia em termos globais.

É surpreendente que a essência das notícias pareça ter mudado tão pouco? A que outros assuntos se poderiam as notícias ter se dedicado? Podemos imaginar um sistema de notícias que desdenhasse o insólito em favor do típico, que ignorasse o proeminente, que dedicasse tanta atenção ao datado com ao atual, ao legal como ao ilegal, à paz com a guerra, ao bem-estar como à calamidade e à morte? (STEPHENS apud TRAQUINA, 2005, p. 69).

Finalizamos a fundamentação teórica desse projeto pesquisa propondo novos questionamentos. Qual seria a resposta de Eliane Brum à indagação citada no trecho acima? É possível verificar a existência de um jornalismo que caminha na vertente oposta das práticas convencionais? Como se desvirtuar das normas e valores impostos pela tribo jornalística e produzir um novo modelo noticioso?

São esses questionamentos que impulsionarão a segunda parte desses estudos e que nortearão nossos passos a caminho de uma nova perspectiva no campo da comunicação: a de um jornalismo de desacontecimentos.

2 O JORNALISMO DE DESACONTECIMENTOS

Nesta segunda etapa, o projeto assume um novo desafio: valer-se de todo subsídio teórico reunido até o momento e inseri-lo em um campo de confronto, onde a análise vislumbra uma nova perspectiva no fazer jornalístico, em uma concepção que transforma a prática convencional e abre caminhos para um novo modelo noticioso, respaldado por um *ethos* jornalístico e por uma cultura profissional própria. Trata-se de uma nova possibilidade no cenário da comunicação: o jornalismo de desacontecimentos.

Essa vertente sustenta-se na prática noticiosa de Eliane Brum e propõe, assim como a jornalista em suas reportagens, a arte de olhar para um jornalismo ao avesso, interessado na antinotícia. É um percurso de reinvenção profissional, de assunção de uma nova identidade jornalística, com um propósito antes de transformação, e não de negação do modelo jornalístico convencional. Apropriar-se da essência primeira da imprensa, de aproximar mundos e mediar a sociedade, e a ela agregar novos valores e técnicas, que destoam da burocracia presente nas redações atuais, de forma a permitir um encontro diferente, honesto e verdadeiro.

Ao fugir da vala comum da pauta, de assuntos e personagens que estão nas agendas das salas de imprensa, Eliane Brum ilumina um mundo recluso pela emergência da notícia ou pela máxima de que, no jornalismo, a história só existe quando o homem é quem morde o cachorro. Não se trata de subverter o interesse público ou subestimar as temáticas abordadas pela mídia tradicional. Antes, o que se quer é explorar o modo de fazer jornalismo com novas posturas, com critérios que, em lugar de impor, emancipam a cultura profissional compartilhada no meio jornalístico.

Ser e estar jornalismo, para Eliane Brum, é firmar uma trégua na correria do dia-a-dia e na competição por furo e por audiência, para exercitar um olhar e uma escuta às histórias do outro. É humanizar a forma quase mecânica de fazer notícia e se arriscar a assumir uma realidade que, de tão repetitiva, faz-se nova. É cavar informações nos redutos menos inesperados do cotidiano, que é onde a vida mais (des)acontece. É exercer o que há de melhor no jornalismo: “compreender o poder da narrativa é o primeiro passo para construir uma vida que vale a pena. É também a chave para alcançar a complexidade – ou as várias versões – da vida do outro” (BRUM, 2013, p.75).

2.1 As marcas de Eliane Brum: o que as palavras contam de sua vida

Para compreender a produção noticiosa de Eliane Brum, torna-se imprescindível traçar uma rota de análise que inclui um estudo sobre suas marcas e suas concepções acerca do universo jornalístico. Fazer jornalismo para Brum é, antes de uma ação, um estado, como se a palavra fosse não uma extensão de sua vida, mas um componente intrínseco do que ela é. Sendo assim, faz-se interessante debruçar-se, em um primeiro momento, sobre a função visceral que a escrita desempenha em seus caminhos para então explorar suas práticas profissionais.

Para mim não existe vida fora da palavra escrita. Penso que as marcas se inscrevem em nós primeiro como algo indizível. E depois as transformamos em outra coisa que nos dá a possibilidade de viver. Em mim, elas viram texto. Percebo então que palavras são marcas por escrito (BRUM, 2013, p.119).

Depreende-se dos dizeres de Brum que a jornalista assume as palavras enquanto registros de sua vida, em uma postura que busca exprimir no texto não só o que ela é, mas o que o seus arredores representam. Ao entender que a vida é uma criação própria de cada indivíduo, Brum compreende-se como uma narradora de vidas. “Em parte, me transformei numa contadora de histórias ao intuir que a forma como é contada uma vida pode significar a possibilidade desta vida” (BRUM, 2013, p.75).

Assim, seu interesse no jornalismo é buscar a essência da vida comum, no sentido de apreender o que dá sentido às rotinas e às relações cotidianas que cada indivíduo cria no seu trajeto histórico. Apesar dos fatos e dados concretos de cada realidade, a escrita permitiu a Brum enxergar a vida enquanto invenção, e os seus diversos percalços enquanto reinvenção. Sob essa ótica, o jornalismo assume capacidades; de compreensão e de transformação cotidiana. Ao empreender um olhar para o dia-a-dia, Brum delega às palavras o papel de traduzir os significados que compõem o ambiente real de cada um.

Por isso, sua escrita não impõe afirmações e nem pretende apaziguar valores e enraizá-los como definitivos. Antes, o contorno de suas palavras busca desenhar perturbações, inquietar práticas e atitudes. Narrar o outro não é somente dar espaço à voz dos reclusos em uma sociedade que parece ser míope, mas é uma tentativa de compreender a época em que se vive, de tomar posse de dramas e conquistas reais a fim de desacomodar e vislumbrar novas perspectivas.

Esse gosto de circular por vários mundos, especialmente pelas bordas – concretas e subjetivas – remonta ao início da carreira jornalística de Brum, em 1988, no jornal gaúcho Zero Hora. Nas primeiras reportagens produzidas para o jornal, no decorrer dos onze anos em que nele atuou, Brum já dava indícios de uma prática profissional destoante das postuladas na grande mídia.

Pautas de coletiva de imprensa eram substituídas por reportagens de garotos que moravam em bueiros ou de idosos que, durante um jogo de carteados, assistiam a chegada da modernidade em sua cidade, personificada na inauguração da franquía *Mc Donald's*. Era uma amostra da arte do olhar e do escutar, técnicas tão presentes em suas produções atuais.

No final dos anos de 1990, passou a assinar a coluna *A vida que ninguém vê*, nas edições de sábado do Zero Hora. Durante onze meses, Brum produziu quarenta e seis textos que foram reunidas em um livro homônimo, premiado com o 49º Jabuti. A obra contém relatos de anônimos, em narrativas que buscam o extraordinário da vida real.

Nesse cenário, os despercebidos são notícia: o mendigo que jamais pediu coisa alguma, o carregador de malas de aeroporto que nunca voou e até um macaco fugitivo de sua jaula. Para a jornalista, interessada no que desacontece, qualquer vida é digna de retrato, como afirma a jornalista em Oliveira (2012): “sempre tentei olhar o diferencial dentro do que parecia igual. O que fazemos em geral é ficar no mesmo lugar, olhando a mesma coisa. O olhar já fica viciado”.

Motivada por essas buscas, e também na pretensão de romper paradigmas históricos, Brum se aventurou em percorrer os 25 mil quilômetros da Coluna Prestes, arrecadando depoimentos de quem vivenciou os tempos da rebeldia desse grupo. O resultado da empreitada originou o livro *A Coluna Prestes: o avesso da lenda*, em 1994. Em cada nova produção, Brum transparecia uma carreira preocupada em complicar pautas recorrentes, descobrir mundos ignorados, compreender o universo singular de cada indivíduo, conduzindo o leitor às reflexões pertinentes sobre problemáticas comuns.

Durante seus quase dez anos como repórter da revista *Época*, a partir dos anos 2000, Brum empreitou narrativas que iluminaram o mosaico brasileiro. Descobriu em Roraima seu lugar e desbravou as lutas de garimpeiros, índios e parteiras amazônicas, mas também se fixou entre idosos, mães de traficantes, famílias desempregadas e subúrbios da periferia.

Essas histórias de gente formam a obra *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real*, de 2008, que reúne dez textos da jornalista em seu tempo de “*Época*”. Como complemento das reportagens, Brum adiciona análises jornalísticas ao fim de cada

narrativa contada. Trata-se dos bastidores da notícia, em que se revelam as buscas, assumem-se os erros e confirmam-se as técnicas utilizadas por Brum na arte de reportar.

Mais adiante, este projeto se debruçará sobre os livros *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real*, seu corpus de análise, para explorar as temáticas e personagens neles presentes e assim apreender práticas textuais e técnicas noticiosas aplicadas por Eliane Brum.

Após esses trabalhos, a jornalista se desafiou a adentrar no universo ficcional e, em 2011, lançou a obra *Uma Duas*, uma narrativa que se lança nos meandros da relação entre mãe e filha. Recentemente, em 2013, *A menina quebrada* reuniu as melhores colunas de Brum durante 2009 e fins de 2012, no período em que a jornalista passou a atuar com um blog na página on-line da revista Época.

Em meados de março de 2014, Eliane Brum decidiu aventurar-se no percurso de suas memórias e contar a história de sua vida com as palavras com o livro *Meus Desacontecimentos*.

Trata-se de uma nova entrega da jornalista aos seus leitores, porém, dessa vez, não através de uma viagem pelas significâncias do outro, mas através de suas próprias. Eliane oferece sua primeira ficção, a sua vida, em mais uma amostra de transparência com aquilo que é e com aquilo que faz. Suas recordações permitem entender um pouco mais de sua concepção jornalística e do papel da palavra na construção do seu próprio eu.

Às vezes me perguntam o que aconteceria comigo se não existisse a palavra escrita. Eu respondo: teria me assassinado, consciente ou não de que estava me matando. É uma resposta dramática, e eu sou dramática. O que tento dizer é que, se não pudesse rasgar o papel com a caneta, ainda que numa tela digital, eu possivelmente rasgaria o meu corpo. E, em algum momento, o rasgaria demais (BRUM, 2014, p.17).

Ao encarnar a palavra escrita, Brum assume uma literalidade que assinala o seu estar no mundo e que justifica o seu rigor no trato jornalístico. Mais adiante, essa pesquisa analisará em profundidade a fidelidade de Brum com os dizeres de suas fontes, de modo a não admitir alterações ou distorções no que é dito por elas.

Desde já, no entanto, compreende-se que esse cuidado com a narrativa de seus personagens provém de sua relação intrínseca com a palavra que se revela desde sua infância. Por significar sua realidade com a escrita, Eliane (2014, p.110) se concebe como “corpo-letra” e, neste caminho, espera oferecer aos invisíveis e anônimos um lugar na narrativa-mundo.

Desde pequena eu tenho muita raiva – e quase nenhuma resignação. A reportagem me deu a chance de causar incêndios sem fogo e espernear contra as injustiças do mundo sem ir para a cadeia. Escrevo para não morrer, mas escrevo também para não matar. Ouvi de alguns chefes que a indignação faz mal para o exercício do jornalismo, que bom jornalismo não tem causa. Discordo. Indignação só não faz bem para quem tem como única causa a do patrão (BRUM, 2014, p. 70).

A causa de Brum é oferecer aos que estão à margem da narrativa a oportunidade de serem contados. Em forma de palavra-escrita. Aquilo que há de mais significativo em sua vida. Assim, *Meus Desacontecimentos* adquire grande importância para esse estudo, na medida em que fornece novo material para a reflexão do *modus operandi* do jornalismo de desconhecimentos a partir dos valores assumidos por Brum no decorrer de sua vida.

Dentre todos esses caminhos percorridos em mais de vinte anos de carreira, é inevitável perceber pontos de encontro em suas mais variadas produções. Suas obras deixam latente um ser - muito mais do que um fazer- jornalístico cuja proposta se direciona em caminhos contrários dos registros convencionais. São critérios e posturas que evidenciam uma identidade e uma cultura noticiosa própria: a dos desconhecimentos.

A carne da minha reportagem são os ‘desconhecimentos’, palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender essa narrativa, busco subverter o foco, embaralhando os conceitos de centro e de periferia. Sou uma repórter de desconhecimentos (BRUM, 2013, p.13).

Assumir um jornalismo de desconhecimentos é, além de propor um novo olhar e uma nova escuta, questionar com os valores compartilhados entre o cânone jornalístico. É opor-se às práticas noticiosas da grande mídia e recusar-se a pertencer a uma tribo que padroniza posturas e produções. Escrever sobre gente é tomar para si a palavra enquanto expressão do real, transformar a burocracia das redações em autenticidade narrativa.

Mais do que buscar novas pautas, é preciso entender que Brum se empenha em buscar novos modos, novos fazeres, novos seres dentro das possibilidades jornalísticas. E são sobre esses novos rumos que essa pesquisa se atém. Compreender o sentido da palavra e da escrita na concepção e no percurso jornalístico de Eliane Brum permitirá estudar a sua identidade enquanto profissional.

2.2 O estado visceral de ser repórter: o *ethos* jornalístico de Eliane Brum

As análises depreendidas por essa pesquisa até o momento objetivaram demonstrar que, mais do que uma profissão, o jornalismo é um ser/estar no mundo para Eliane Brum. Essa concepção revela muito sobre sua vontade de adentrar outras vidas e explorar o cotidiano.

Aludindo a Caco Barcellos, no prefácio de *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real*, “reportagem, para Eliane, é um ato de entrega, de envolvimento intenso entre quem fala e quem escuta, por meio de uma relação preciosa de confiança mútua entre repórter e personagem” (BRUM, 2008, p.10).

É por isso que o *ethos* profissional de Eliane Brum, isto é, a sua identidade enquanto jornalista se faz em um estado visceral de ser repórter. De uma prática com critérios próprios, que serão esmiuçados no decorrer deste subitem, mas que se sustenta em um valor primordial: atravessar a rua de si mesmo para olhar a realidade do outro lado de sua visão de mundo. Seus fundamentos sobre jornalismo exemplificam práticas de conduta simples, mas simbolicamente resistentes por se oporem aos modelos jornalísticos tradicionais, vinculados à grande mídia.

Os métodos rigorosos de apuração e técnicas textuais de Brum, como veremos adiante, representam o avesso da lógica tecnoburocrática predominante nas redações atuais. Apurar por e-mail, telefone ou dispositivos eletrônicos de informação, além de excluir da pesquisa a maioria da população, que não tem acesso a essas tecnologias, elimina a essência da prática jornalística: ouvir de perto, ao vivo, de preferência com os pés envolvidos na lama dos acontecimentos.

Por acreditar na reportagem enquanto documento histórico da vida contada, como testemunho, Brum exerce um jornalismo com rigor, em busca da precisão e do respeito à palavra exata. Sem deixar de lado os diversos nuances, texturas, cheiros e silêncios que compõem uma narrativa, mesmo quando se trata de uma narrativa jornalística.

Antes de chegar em qualquer mundo, a gente pede licença. E a minha forma de pedir licença é fazer um processo de entrega, em que eu me esvazio. Eu só posso ser preenchida por aquela realidade se eu me esvaziar. E esse processo não é fácil, porque tu tem que ir para o mundo do outro, sem os teus preconceitos, sem os teus dogmas e, principalmente, sem as tuas certezas, com a coragem e o respeito de se arriscar a uma realidade que não é tua, e se espantar com essa realidade (BRUM, 2008, p.14).

O primeiro valor enraizado no *ethos* jornalístico de Eliane Brum é, portanto, assumir um processo interno de despojamento. Permitir que ideias pré-concebidas se diluam e deem espaço para os significados transmitidos pelo indivíduo em cada reportagem. Acreditar na isenção jornalística absoluta é ilusório; no entanto, apurar e entrevistar livre de querereres e de certezas contribui para um trabalho noticioso mais honesto e ético. Tatear a realidade antes de adentrá-la é também compreender que cada história tem seu ritmo e, ao invés de alterá-lo, o jornalismo deve buscar adentrá-lo.

Esvaziar-se de si mesmo é uma possibilidade de se identificar enquanto repórter, com uma história, inscrito em uma cultura, com um esforço em respeitar a realidade do outro e como o outro entende a sua vida. Jornalistas que se pretendem objetivos e acima da sociedade colocam-se como entidades, e não como indivíduos que também têm suas histórias.

Quando me tornei repórter, tentei fazer da minha escrita um espelho amoroso no qual as pessoas cujas histórias eu contava pudessem enxergar, descobrir-se habitantes do território das possibilidades e viver segundo seus próprios mistérios. Ser contadora de histórias reais é acolher a vida para transformá-la em narrativa da vida. É só como história contada que podemos existir. Por isso escolhi buscar os invisíveis, os sem-voz, os esquecidos, os proscritos, os não contados, aqueles à margem da narrativa. Em cada um deles me resgatava a mim mesma – me salvava da morte simbólica de uma vida não escrita (BRUM, 2014, p.111).

Essa atitude de despojamento de Brum exemplifica sua vontade em assumir os detalhes que compõem a vida comum, livre das ideias pré-concebidas que carregamos e que nos impedem de olhar para ver. Os componentes essenciais da realidade do outro. Em última instância, ao mergulhar nas singularidades de cada indivíduo, a busca de Eliane é tecer o coletivo que nos une.

É preciso ir para a rua aberto ao espanto, sem saber o que vai acontecer. O contrário do jornalismo é a tese. Arma-se tudo dentro da redação, como infelizmente acontece. É possível escrever todo o texto sem sair para rua e depois só procurar algumas pessoas para ouvir aquilo que é necessário para confirmar uma tese. Isso não é jornalismo. A graça está em sair para a rua disposto a se espantar e a virar do avesso todas as noções. Sempre gostei muito mais de ir para a rua sem pauta, às vezes até sem ideia (BRUM apud OLIVEIRA, 2012).

A proposta de Brum é simples, porém inovadora por romper com os moldes atuais de produção noticiosa. Componentes da cultura e do *ethos* jornalístico convencional, os critérios de noticiabilidade atuam como fatores que condicionam a suscetibilidade de um fato enquanto

notícia – ou não. Defender um *modus operandi* que descarta a ideia de pauta como um suporte que já contem valores pré-estabelecidos de apuração e de entrevista é divergir da prática postulada pela mídia tradicional. Buscar informação sem uma pré-produção não consiste em um despreparo para Brum; mas, antes, em uma possibilidade de se emancipar de todos os pré-julgamentos que podem interferir em reportar.

Em “O homem-estatística”, reportagem de seu livro *O olho da rua*, Eliane foi encarregada de fazer uma matéria sobre a pobreza. A partir de uma pergunta básica – que, segundo a jornalista, é a melhor forma de inspirar uma pauta – “quem são os pobres em 2002?”, Brum iniciou o percurso de assumir o dia-a-dia de Hustene Pereira, conhecido na vizinhança como Pankinha, para sentir a realidade de um pai desempregado e da perda dos símbolos de sua vida. Brum percebeu que na necessidade da família de consumir supérfluos, como ‘Danoninho’, é que se encontrava a chave para compreender a pobreza deste século.

Esse novo olhar sobre uma realidade constante demonstra a capacidade de Brum de revelar novas perspectivas sobre diferentes problemáticas. E essa reflexão só se torna possível na medida em que a jornalista se dispõe a esvaziar-se para assumir a vida do outro. Vida essa que somente é capaz de revelar seus detalhes e segredos no cotidiano, isto é, nos hábitos e nos valores que se repetem.

Então vivi a vida do Pankinha por uma semana, senti a dureza das portas que não se abriam, fiz as bolhas nos pés dos caminhos de quem não tem dinheiro para o ônibus, comi seu prato de arroz com ovo, vi Estela e seus filhos pelo filtro amoroso de seu olhar (BRUM, 2008, p.151).

Entender o despojamento e o espanto como peças da identidade jornalística é assumir a concepção de que o jornalista não é juiz e, portanto, não deve se colocar diante dos fatos para julgar. Antes, é preciso um exercício para que sua presença e sua visão de mundo interfiram o mínimo possível, para que se possa alcançar o maior número de verdades possível, já que a isenção absoluta é inalcançável.

Outro valor jornalístico presente no *ethos* de Brum que merece ser ressaltado é a habilidade de olhar e de escutar, neste projeto entendidos como uma arte, já que tão distantes da cultura noticiosa convencional. Esse modo de reportar e de pensar jornalismo será explorado adiante, no próximo subitem. No entanto, convém analisar o lugar de escuta enquanto meio que garante ao jornalista alcançar com maior proximidade o mundo do outro e, portanto, como critério intrínseco da identidade de Brum.

O processo de observação e de escuta, por parte da repórter, já demonstra sua disposição de espera para adentrar a realidade de seus entrevistados. Não invadir o espaço do outro, não exigir entrevistas e não elencar perguntas representa o esforço de Brum em transparecer respeito para com a história de cada um.

Nesse ponto, o presente estudo debruça-se sobre uma análise interessante do *ethos* de Brum no que toca ao lugar do jornalista dentro da notícia. Colocar-se em um plano secundário, onde somente se olha e se ouve, simboliza uma atitude de inserção do personagem enquanto protagonista de sua própria história.

Quando o jornalista é mais importante que a notícia, um dos dois não é verdadeiro. Essa frase foi dita pelo Mestre Leonam, o professor que me apontou o jornalismo como a melhor profissão do mundo. Jornalista não era pop star, não aparecia em revista de celebridade e nem desandava a falar de si mesmo. Jornalista era o homem (ou a mulher) que estava lá, pessoalmente (e não por telefone ou por e-mail), com os dois pés enfiados na lama dos acontecimentos. Mas era também o homem que não estava lá, em autorreferências no texto (BRUM, 2008, p.346).

Assim, afirmar que o indivíduo é mais importante que a informação sintetiza o reconhecimento da escritora diante da dignidade de cada ser humano. Tal esforço ainda demonstra sua concepção sobre os limites da reportagem, sobre os deveres e obrigações do jornalista com suas fontes.

Enquanto repórter, Brum se coloca na posição de pedir licença antes de bater na porta de alguém e, além disso, questionar-se sobre a viabilidade de abrir ou não esta porta se estivesse no lugar do outro. Essa postura permite pensar sobre o seu direito de invadir o espaço de seu entrevistado.

Quando se pensa na liberdade e na privacidade da fonte enquanto indivíduo dilui-se também a aura do interesse público enquanto fator soberano na cultura jornalística tradicional. Assumir o lugar do outro é desfazer-se de juízos estereotipados que estimulam o furor pela informação nova a qualquer preço, valor esse tão enraizado no pensamento profissional.

Muito jornalista experiente escorrega porque presume demais. E presume a partir de seus preconceitos, de sua visão de mundo, de sua vida cotidiana numa realidade muito diferente. A vida sempre fica mais fácil quando reduzida a um ponto de vista que nos coloca como civilizados em contraposição ao outro – sempre frio, sujo, malvado e ignorante (BRUM, 2008, p.11).

Reportar sem presumir, portanto, exige despojamento, observação, escuta e espera. Toda reportagem tem seu tempo, ainda que os valores da cultura jornalística tentem afirmar o contrário. Para Brum, é a realidade que impõe o andamento da produção jornalística – e não o contrário. E compreender o momento, esperar o tempo, não significa abrir mão da informação, mas permitir que ela aconteça segundo suas ordens naturais, sem se submeter à interferência da vontade de repórter.

No quesito *ethos* profissional, é válido traçar um estudo sobre a presença de valores que sustentam a ética do jornalismo de Brum. Da escolha da pauta ao processo de apuração e entrevista, seguido da escrita e publicação do texto, Eliane revela uma preocupação com os princípios básicos de um jornalismo que se fundamenta na transparência com seus personagens e com seus leitores.

Ao redigir, a seriedade e o rigor com a linguagem e as palavras de cada entrevistado representam a sensibilidade de uma dimensão que compreende que cada história é insubstituível e que cada cultura é única.

Quando me descobriam pela redação nas madrugadas, a última a ir embora, alguns colegas achavam que era exagerada. Eu sou exagerada. Por que eu não deveria ser exagerada? Minha vigília é pelas pessoas que abriram a porta para me receber e se contar, é pelo respeito que tenho pela minha própria vida, que se expressa na narrativa da vida de um outro. Se traísse ou permitisse que traíssem as histórias abaixo do meu nome, tenho a sensação de que elas viriam bater à minha janela, como seres a quem lhes tivessem roubados pernas e braços, um pedaço do fígado, o coração escorrendo como numa pintura de Salvador Dalí (BRUM, 2014, p.134).

Na publicação da reportagem, ligar para informar sobre a veiculação e enviar exemplares do conteúdo faz parte da rotina jornalística de Eliane. “Não fico sossegada até saber que a pessoa se sentiu reconhecida na história” (BRUM apud OLIVEIRA, 2012). Mesmo após a produção da reportagem, a jornalista faz questão de manter o envolvimento adquirido durante o processo de apuração e acompanhar a vida de seus personagens.

Em *A vida que ninguém vê*, por exemplo, a repórter relata a história de Antonio e Adail, em reportagens distintas. Semanas após a publicação, Eliane retoma a história desses dois personagens para reportar um novo acontecimento na vida de cada um, demonstrando que a relação entre entrevistador e fonte não se encerra com a materialização da escrita.

Seguindo a risca o princípio de transparência do jornalista para com sua fonte e seu leitor, Brum não tem vergonha de admitir seus erros. “A Casa de Velhos é uma de minhas

reportagens preferidas – e é a que mais me dói. Ainda hoje ela dói muito. Porque errei feio” (BRUM, 2008, p. 129).

Essa é a declaração de Eliane ao final de sua reportagem sobre uma casa de repouso, do livro *O Olho da rua*. O erro a que se refere foi o de ter publicado na matéria os sonhos eróticos que o personagem Paulo tinha com a enfermeira do asilo. Naquele momento, Brum falhou por não ter poupado os idosos que lhe confiaram seus segredos.

Na reportagem “Mães vivas de uma geração morta”, de *O olho da rua*, Brum demonstra novamente a relação de confiança e respeito que estabelece com seus personagens e um dever de protegê-los. A jornalista optou por não publicar o nome de Eva, violentada pelo marido, na publicação da revista Época.

Somente anos depois, no livro que reúne dez de suas reportagens para a revista, após a morte do marido agressor, é que Eliane decide revelar o nome da mulher. A postura de Brum foi concordante ao pedido de Eva, de ocultar seu nome por medo da violência do marido.

As pessoas sabem que vai ser publicado, mas não sabem o que isso significa. É nossa obrigação dar a elas a dimensão exata do que a matéria pode causar na sua vida no momento em que revista estiver na banca (BRUM, 2008, p.129).

Perpassar os valores noticiosos de Brum permite uma verificação de seu ser/estar no jornalismo. Entender os fundamentos que sustentam seu *ethos* é reconhecer uma prática profissional divergente dos modelos convencionais. O estado visceral de ser repórter justifica as posturas de Brum enquanto jornalista.

Para compreender suas técnicas e seu *modus operandi*, é preciso antes entender suas razões de despojamento, observação, escuta e ética; fatores esses que em muito explicam a concepção noticiosa de Brum. Por isso, após empreender este percurso de análise da importância da escrita para o jornalismo de Brum e dos valores que calcam sua prática, passa-se a estudar em profundidade suas técnicas de reportagem.

2.3 A arte do olhar e do escutar: sujando os sapatos em busca da literatura da vida real

Praticar um jornalismo divergente dos modelos tradicionais vai além de assumir concepções e fazeres destoantes da mídia convencional. Trata-se de propor novas possibilidades dentro do cenário noticioso. E, nesse quesito, pode-se abrir aspas no termo novas possibilidades, já que o que se quer é o retorno de um velho conhecido dos jornalistas:

as ruas. A campanha de Brum é pela volta dos sapatos sujos, é pela arte do olhar, um exercício cotidiano de resistência.

“Desde pequena sou uma olhadeira e uma escutadeira, raramente uma faladeira, e vou engolindo as novidades com os olhos e com os ouvidos, sempre ávida por mais” (BRUM, 2013, p.13). Sustentada nessas concepções de Brum, essa pesquisa inicia um esforço por entender o significado de tais definições em seu jornalismo e as implicações desses pensamentos em sua prática profissional.

Como analisado anteriormente, o olhar e o escutar constituem-se enquanto valores integrantes do *ethos* jornalístico de Brum. Isso porque o esvaziamento do repórter, a máxima defendida por Brum, dá-se na medida em que o mesmo consegue se desfazer de seus juízos pré-definidos para deixar-se preencher pelos pensamentos e significados do outro. Nesse percurso de despojamento e preenchimento, a arte de olhar e de escutar atua como dispositivo de entrega dos novos valores que passarão a compor as concepções do jornalista em torno da história do outro.

Uma vez livre de suas ideias pré-estabelecidas, abre-se no repórter um espaço para assumir e entender o lugar de seu entrevistado na narrativa. Esse espaço será todo composto pela apreensão dos olhos e dos ouvidos do jornalista. E por esses termos, para Brum, entende-se não somente o que se vê e o que se escuta, mas o que se obtém por todos os órgãos sensoriais. O cenário noticioso também é composto por cheiros, nuances, silêncios e texturas, e só se é possível tatear esse ambiente ao se assumir essa técnica tão imprescindível no jornalismo de Brum: a de olhar e de escutar.

Se o telefone e a internet são invenções geniais, não há tecnologia capaz de tornar obsoleto o encontro de um repórter e seu personagem. Se isso acontece, é por distorção. Esse olhar que olha para ver, que se recusa a ser enganado pela banalidade e que desconfia do óbvio é o primeiro instrumento de trabalho do repórter. Só poder ser exercido sem a mediação de máquinas (BRUM, 2006, p.191).

O jornalismo de Brum não refuta os benefícios advindos do processo tecnológico, mas se nega a aceitar uma prática que descarta o encontro entre repórter e fonte, que somente o olhar e a escuta permitem. Para Brum, a tecnologia não altera a essência da reportagem: estar na rua, olhando nos olhos das pessoas, enfiando o pé na lama. Não há outra maneira de noticiar que não seja essa, já que a realidade permanece no mesmo lugar, no lado de fora das redações e não há contato virtual que possa remotamente substituir o real.

Assim, como técnica de reportagem de Brum, pode-se apontar o esforço por ser estrangeira diante do fato e do personagem. Esse desafio em continuar estrangeiro visa manter o olhar de espanto, necessário para vislumbrar a camada além do óbvio.

É nesse sentido que o olhar de estrangeiro diverge do olhar de turista. Na ótica de Brum, o turista só enxerga a realidade filtrada pelos seus preconceitos ou pelas suas fantasias. Por isso, só vê aquilo que acredita ser a verdade daquela realidade; enquanto, por outro lado, o olhar estrangeiro permite adentrar novos mundos desfeitos de ideias pré-estabelecidas.

É esse olhar estrangeiro que Brum exerce em suas narrativas, como, por exemplo, na reportagem “Coração de ouro – no Brasil de Zé Capeta”, de seu livro *O olho da rua*. O desafio de Eliane é reportar o garimpo do sul do Amazonas, e uma peça fundamental para entender esse cenário é o garimpeiro conhecido como Zé Capeta. A jornalista já havia coletado as versões de amigos e inimigos do Capeta: garimpeiros, autoridades, comerciantes, prostitutas, mas não conseguia encontrá-lo, pois ele estava foragido.

Apesar de já ter material para falar sobre ele, as falas contraditórias de outros personagens que poderiam desvelar o seu perfil, Eliane não se contentou com esse método mais simples. “Acho arriscado pensar pela cabeça dos outros, porque não há como alcançar todos os interesses que permeiam a opinião da fonte ou a matéria da imprensa. Só posso responder pelo meu olhar” (BRUM, 2008, p.274).

Para a jornalista, encontrar o Zé Capeta era garantir a honestidade de seu trabalho, pois somente o encontro permitiria o exercício do olhar e da escuta, que revelam muito mais detalhes em uma apuração. Apenas no último momento antes do voo de retorno a São Paulo, Brum conseguiu conversar com ele. E foi essa conversa que possibilitou à repórter desmistificar toda a descrição que se fazia em torno do garimpeiro.

Ainda analisando a importância do olhar no jornalismo de Brum, em *A vida que ninguém vê*, a jornalista mergulha em um relato que nasce essencialmente do ato de observar. “Você já reparou nos olhos das pessoas na rua?” (BRUM, 2006, p.132), é com esse questionamento que se inicia a narrativa “Dona Maria tem olhos brilhantes”, no qual Brum nos faz conhecer as nuances que permeiam a vida de uma senhora com os olhos brilhantes.

Trata-se de um enredo que só se sustenta devido à captura desse detalhe que, aos que não olham para ver, passaria despercebido. Mas que aos olhos de Brum e de um jornalismo que busca desacontecer faz toda a diferença. E, assim, dos olhos brilhantes de Dona Maria, a jornalista concebe uma narrativa que reflete sobre problemáticas sociais que assolam o nosso país, como o acesso a um ensino e a uma educação de qualidade para todos.

Também em *A vida que ninguém vê*, outro relato nasce do olhar diferenciado de Brum. Dessa vez, em “O conde decaído”, a jornalista propõe reflexões a partir da observação de uma estátua em Porto Alegre.

Ele está lá. Quase ninguém vê, mas está. A maior lição sobre a relatividade do poder. E se aconteceu com o conde – o conde! – pode acontecer com qualquer um. O conde de Porto Alegre reduzido a uma vida que ninguém vê num canto da cidade (BRUM, 2006, p.66).

Para o jornalismo de Brum, as vidas que desacontecem são as que merecem permear as reportagens. A partir do relato dos detalhes que compõem o cotidiano de pessoas comuns, Eliane consegue desvelar as mazelas que nos assolam e adentrar em nossas veias sociais. E tudo isso somente se pode sustentar por uma concepção jornalística que propõe valores e técnicas diferenciadas, interessadas em tocar a dimensão do outro, a partir do esvaziamento do eu repórter e de sua capacidade de olhar e escutar.

Para Brum, “olhar dá medo porque é risco, se estivermos realmente decididos a enxergar não sabemos o que vamos ver” (BRUM, 2006, p.192). E é também por este fator que o jornalismo, em parte, tem sido vítima e cúmplice de uma verborragia, isto é, de uma excessiva valorização da palavra dita, em que o jornalista é reduzido a um mero compilador de monólogos, a um aplicador de aspas em série.

Tenho pena dos repórteres das teses prontas, que saem não com blocos, mas com planilhas para preencher aspas predeterminadas. Donos apenas da ilusão de que a vida pode ser domesticada, classificada e encaixotada em parágrafos seguros. Tudo o que somos de melhor é resultado do espanto. Como prescindir da possibilidade de se espantar? O melhor de ir para a rua espiar o mundo é que não sabemos o que vamos encontrar. Essa é a graça maior de ser repórter (BRUM, 2006, p.192).

Ao perceber o cenário noticioso e se deparar com os modelos partilhados nas redações da mídia tradicional, Brum empreende uma crítica direta aos valores que se tem defendido e aplicado na produção jornalística atual. Propõe um retorno ao jornalismo que suja os sapatos em busca de histórias reais – e não prontas – e a ele ainda agrega o fundamento de conduzir um olhar que permite se espantar e de uma escuta que permite apreender.

“Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. O dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não dito, o que o entrevistado deixar de dizer, o que omite” (BRUM, 2006, p.191).

Por isso, a técnica de reportagem de Brum envolve o silêncio. Mais do que questionar para ter frases feitas, é preciso se calar. Somente assim se torna possível perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as expressões do outro. Olhar é também um ato de silêncio, já que, para Brum, metade de uma reportagem é o que se diz e a outra metade, o que é percebido.

Nesse sentido, as técnicas jornalísticas de Brum parecem assentar-se na proposta do diálogo dos afetos de Medina (2008, p.93). “O repórter precisa do silêncio subjetivo, dos sinais dos cinco sentidos e da despoluição da consciência para a escuta da intuição criado. Daí advêm gestos solidários que se consumam na interação social. O Eu e o Tu se encontram em dialogia”.

Quando Eliane acompanhou os últimos quatro meses de vida de Ailce Oliveira Sousa, em *O olho da rua*, tornou-se nítida a importância de apreender significados a partir do não dito. Ailce era uma merendeira de escola, estava com câncer e deu à jornalista o privilégio de relatar os seus últimos dias de vida, sem o direito de ler o que seria escrito, já que a publicação ocorreria apenas após a sua morte.

Brum se deixou preencher por todas as conversas, sonhos e desejos de Ailce durante os dias em que elas estiveram juntas. Mas também soube compreender o seu silêncio com relação à doença que a acometia. Câncer, essa foi a palavra que Ailce nunca pronunciou nos 112 dias com Eliane. E desse não dito, a jornalista apreendeu o significado que a vida tinha para Ailce. São essas pequenas realidades, que escapam às teses prontas e ao fazer verborrágico do jornalismo convencional, que engrandecem o jornalismo de desacontecimentos de Brum.

A produção jornalística é também resultado da escuta. E escutar, segundo Brum, é não interromper as pessoas quando elas não falam na velocidade que se gostaria ou com a clareza que se desejaria e, principalmente, quando elas não dizem o que se pensava que diriam. Escutar é, portanto, não induzir as pessoas a dizer o que se gostaria, é deixar-se surpreender por ouvir algo que não se planeja. Escutar é tempo de espera, de reflexão.

“Como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta... Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos” (BRUM, 2008, p.38).

Neste trecho, depreende-se mais um valor do jornalismo de Brum: em sua técnica de entrevista, o segredo é ouvir, e não invadir na busca por uma declaração nova ou polêmica. Caminhando na vertente oposta das orientações de entrevista pregadas nas redações

convencionais, a única postura de Brum é se disponibilizar ao outro, assumir um diálogo possível, como propõe Medina (2008).

Essa atitude representa uma ruptura com a herança positivista que, de acordo com Medina (2008), deixou marcas que orientam a produção jornalística até os dias atuais.

Das ordens imediatas nas editoriais dos meios de comunicação às disciplinas acadêmicas do Jornalismo, reproduzem-se em práticas profissionais os dogmas propostos por Augusto Comte: a aposta na objetividade da informação, seu realismo positivo, a afirmação de dados concretos de determinado fenômeno, a precisão da linguagem. Se visitarmos os manuais de imprensa, livros didáticos da ortodoxia comunicacional, lá estarão fixados os cânones dessa filosofia, posteriormente reafirmados pela sociologia funcionalista (MEDINA, 2008, p.25).

Ao superar a rígida lógica de Augusto Comte e a tradição positivista das narrativas da contemporaneidade, valorizando as respostas em detrimento das perguntas, Brum compartilha da “arte de tecer o presente” (p.28) e revela interesse pelo modo de ser e o modo de dizer de seus personagens, dando voz à vida que ninguém vê e rompendo o paradigma convencional de atrelar-se às fontes oficiais e desconsiderar a visão oriunda de personagens do povo, da sociedade e das fontes não oficiais.

Em “Mães vivas de uma geração morta”, de *O olho da rua*, Eliane reportou a realidade do tráfico de drogas a partir da perspectiva das mães dos garotos envolvidos com o crime. “Nesta reportagem, a guerra brasileira é revelada pelo olhar e pela voz das mães dos mortos no tráfico” (BRUM, 2008, p.204). A jornalista se propôs a adentrar o cotidiano das mulheres que perdem seus filhos para o tráfico e que, tantas vezes, pela visão já estereotipada que circula nas mídias, são despersonalizadas e tratadas como invisíveis.

Ao se despojar dos pré-conceitos para com os envolvidos com drogas que se enraízam em nossa sociedade e se entregar à escuta das palavras que essas mães tinham a oferecer, Eliane conseguiu apreender uma nova dimensão para sua reportagem. “No avesso dos garotos mortos estavam as mulheres que sobreviviam ao que na nossa cultura é a maior de todas as dores, a de enterrar um filho” (BRUM, 2008, p.240).

O jornalismo de Brum cedeu espaço para que os que estavam à margem da narrativa se manifestassem e não hesitou em assumir os sentimentos que também assolam essas mulheres, apesar da frieza do tráfico.

A partir da escuta das declarações de cada mãe, Eliane deu ao leitor a oportunidade de conhecer e compreender os detalhes, as texturas, as ausências e os excessos do inferno

astral dessas mulheres, e também todas as motivações que as faziam sobreviver nessa realidade.

Por isso, o jornalismo de desacontecimentos é dono de palavras que agem. De palavras que, ao se materializarem como escrita, conseguem atingir o cerne das problemáticas sociais e propor mudanças. De palavras que, ao alcançarem o leitor, conseguem desacomodá-lo.

Assim, Brum permite que sua técnica de entrevista ultrapasse a intimidade entre o ‘eu e o tu’ e que tanto um como o outro se modifiquem. Dialogando com o método de Medina, a repórter deixa-se envolver pelo diálogo dos afetos, reconhecendo o mundo e lhe imprimindo o toque humano, desafiando o “status tecnológico com a inventividade das pequenas histórias de vida” (Medina, 2003, p.60), e conferindo uma postura dialógica e humanizada ao fazer jornalístico contemporâneo.

Toda reportagem é um encontro. É algo especial – e a gente sabe quando acontece. Por isso não acredito em história arrancada. Quando me perguntam qual é a minha “técnica” de entrevista, nunca sei o que dizer. Não conheço nem me interesso pelas técnicas de colegas que se orgulham de “arrancar” respostas, confissões das pessoas. Se as pessoas me contam suas histórias é porque quiseram contar, porque me deram algo precioso: sua confiança (BRUM, 2008, p.150).

No jornalismo praticado por Eliane Brum, assim como a reportagem não se faz somente de palavras, a apuração não se resume a somente entrevistar. A jornalista encara uma realidade feita de muito mais do que o que é dito. É por isso que apurar exige do repórter um processo interno, de espera, quietude e observação. Na etapa de entrevista, a distinção entre o jornalismo de Brum e o da mídia tradicional se torna mais evidente. Interessados em perguntas, os burocratas da notícia se esquecem da importância de escutar respostas, de esperar o personagem contar, em seu próprio tempo, o que deseja e, principalmente, de não induzi-lo a dizer o que se gostaria que dissesse.

A jornalista, no entanto, confessa que tal certeza é decorrente de um aprendizado, proporcionado pela experiência como repórter. Ao longo dos anos, percebeu que questionar é impor uma realidade, é valorizar sua própria busca em detrimento da necessidade do entrevistado.

O procedimento utilizado por Eliane, depois de tal constatação, é não elencar perguntas, mas, apenas, dizer ‘me conta’. Pois, dessa forma, a jornalista consegue se abrir para entender a história do outro, sem pressionar ou invadir sua realidade. Mais uma vez,

evidencia-se a presença da concepção da arte de tecer o presente, proposta por Medina (2008), nos procedimentos jornalísticos de Brum.

A arte de tecer o presente aponta, portanto, para a múltipla capacidade de produzir significados: em síntese, resgata o protagonismo, expande-se na contextualização sociocultural, pesquisa as raízes históricas e promove a escuta sobre o tema da pauta. Nesse processo de trabalho, o aparato de percepção e observação do produtor de sentidos é responsável pela ação criativa e transformadora da comunicação social. É necessário articular os cinco sentidos: perceber o real pela escuta, pelo tato, pelo paladar, pela visão e pelo olfato (MEDINA, 2008, p.95).

A percepção da evolução desse procedimento em sua técnica jornalística revela-se no contraponto entre suas duas obras *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua*. Na primeira, ainda se observa a presença de reportagens regidas pela estrutura padrão de uma entrevista no estilo “pingue-pongue”, de perguntas e respostas, como no caso da matéria “O Sapo”. Trata-se do perfil de Alverindo, pedinte da Rua da Praia, de Porto Alegre. Ou, então, na matéria “Dona Maria tem olhos brilhantes”, uma senhora que realizou seu sonho de conhecer as letras aos 55 anos. Já na obra *O olho da rua*, não é possível encontrar tal estilo em nenhuma das dez reportagens selecionadas para sua composição.

Essa postura de Brum vai ao encontro a sua concepção jornalística, na qual a observação e a escuta muito revelam sobre a história que se quer contar. Ser fiel aos significados e a realidade do outro é exprimir com fidedignidade seus valores mais intrínsecos.

São as palavras escolhidas e, mais ainda, as que escapam da fala do entrevistado que contam detalhes singulares sobre a vida que eles levam. Afirmar que nenhuma informação é mais importante que o indivíduo, como já mencionado no subitem sobre *ethos* jornalístico, é também respeitar o direito do outro de conceder ou não uma entrevista. Tal valor também sustenta a técnica noticiosa de Brum.

A arte de olhar e de escutar, na empreitada de sujar os sapatos pela busca da literatura da vida real, compõe de modo substancial o arsenal de apuração de Brum. Nessa nova configuração social, aliás, decorrente de um processo de cultura de convergência e adventos tecnológicos, a praticidade da obtenção da informação via dispositivos eletrônicos tem tornado a apuração noticiosa cada vez mais superficial.

“A entrevista internáutica se atém a ideias ou conceitos, não capta ambientes, cheiros, cores, gestos, paladares. O meio não permite que se vá adiante nessa resposta, como, aliás, em qualquer outra apressada captação, por exemplo, por telefone” (MEDINA, 2008, p.95).

Na vertente da relação fetichista entre repórter e tempo, como abordado em Traquina (2005), e na ânsia por comprimir os modelos partilhados dentro da cultura jornalística, depara-se, de modo crescente, com produções que se contentam em mostrar o raso e não aprofundar a discussão, optando pelo acontecimento e não pela problemática. Nesse sentido, a técnica jornalística de Brum também destoa da postura convencional.

Acredito que as melhores reportagens são resultado de uma pauta que se complicou. Se um colega me pede uma opinião, eu começo dizendo: ‘Complica a tua pauta’. A ideia mais fácil é sempre a mais óbvia, a que vai contar mais do mesmo, cumprir tabela. A primeira pergunta era: como eu poderia colaborar com esse debate, como eu poderia acrescentar algo a essa discussão? (BRUM, 2008, p.240).

Assim, muito além de uma prática divergente do circuito noticioso da grande mídia, a produção de Brum permite compreender a essência de um jornalismo que assume a sua função de mediador social, capaz de transformar o olhar de seus leitores para o mundo.

O jornalista, o comunicador como agente cultural, ocupa um lugar privilegiado na sociedade – não pode se contentar em exercer a função administrativa dos sentidos já estabelecidos em qualquer instância de poder. Para renovar e criar uma narrativa rigorosa, sutil e solidária, é preciso contato e o movimento: o corpo por inteiro abre a sensibilidade para a intuição criadora que, por sua vez, mobiliza a razão complexa para uma intervenção transformadora. E esse protagonismo humano a máquina ainda não superou (MEDINA, 2008, p.105).

Estudar as técnicas de reportagem e de entrevista de Brum, dessa forma, permite verificar a possibilidade de existência de um jornalismo que não se deixa corromper pelo caráter político e mercadológico da imprensa como empresa rentável.

A análise que segue continuará a adentrar os meandros da prática profissional de Brum, a fim de demonstrar não só suas diferenças para com o modelo convencional, mas suas contribuições para um jornalismo mais preocupado socialmente.

O universo a ser explorado por essa pesquisa, agora, é o da técnica redacional de Brum: como sua escrita ajuda a construir e a desconstruir o seu jornalismo, caracterizando sua trajetória identitária e fornecendo elementos argumentativos que ressaltem suas divergências para com a tribo jornalística.

2.4 Escrever para ser: um percurso de desidentidades

Em todo o caminho de análise desenvolvido até então, esse projeto tem se preocupado em demonstrar a relação interdependente entre ser e fazer jornalismo para Eliane Brum. Suas concepções enquanto indivíduo respaldam suas técnicas e sua prática noticiosa.

Assim como ser repórter é um estado visceral de Brum, escrever é também, para ela, transformar a vida em palavra. Por isso, seus registros são mais do que textos pré-moldados, prontos para a submissão às técnicas de *lead* e pirâmide invertida - estruturas tão partilhadas na tribo jornalística, segundo Traquina (2005).

Suas narrativas mesclam a arte de olhar e escutar com artifícios característicos à literatura, em um diálogo metafórico com esse campo tão cultuado por romancistas; mas que, quando bem aproveitados por jornalistas, muito agregam ao texto noticioso, sem dele retirar o caráter de fidedignidade necessário à informação. Para Brum (2013, p.46), “a narrativa da vida é um reconhecimento da vida”, e é nesse sentido que a jornalista incorpora suas experiências de mundo no que reporta.

Os escritos de Brum revelam, portanto, uma desconstrução de si mesma. Como estudado nos subitens anteriores, o valor primordial do *ethos* da jornalista é a técnica do despojamento, do esvaziar-se de si para preencher-se dos significados do outro.

Sendo assim, na medida em que se desconstrói para assumir a história de seu personagem, Brum também forma sua própria identidade, em um percurso de mão dupla, onde jornalista e entrevistado são modificados.

“De fato, e só percebi bem mais tarde, eu estava me desinventando, para poder manter o que é essencial e irredutível para mim, a reportagem” (BRUM, 2013, p.14). Trata-se não de um caminho espiral, já que Brum não retorna ao mesmo ponto ao final de seus textos, mas de um eterno ciclo de construções e desconstruções, na busca permanente pela consolidação de um eu repórter, capaz de sempre se desfazer por conta do outro e, a partir do outro, refazer-se.

Nesse cenário, a linguagem assume uma missão quase “carnal”, no qual o texto deve encerrar em si mesmo essa experiência tão intensa, característica do jornalismo de Brum.

Eu sou o que escrevo. E não é uma imagem retórica. Eu sinto como se cada palavra, escrita dentro do meu corpo com sangue, fluidos, nervos, fosse de sangue, fluidos, nervos. Quando o texto vira palavra escrita, código de tela de um computador, continua sendo carne minha. Sinto dor física, real e concreta, nesse parto. Sou tomada por essa experiência (BRUM, 2008, p.126).

A narrativa de Brum revela, portanto, uma obstinada busca pela precisão das palavras, distribuídas como se fossem compor uma melodia, com ritmo e sentimento. Criar texto por

música. Trata-se da materialização do valor de seus fundamentos, a arte de olhar e escutar, em palavras. Após empreender toda caminhada de apuração, em um esforço por encontrar os significados do outro, Brum delega ao plano narrativo a função de exprimir toda vivência com os grandes feitos dos despercebidos.

Esse cuidado com as palavras representa em muitos sentidos a divergência da produção noticiosa de Brum com os registros da grande mídia. O que se percebe na cultura das redações, seguindo o que propõe Lage (2005), é uma busca por se adequar ao melhor modelo de *lead* e empacotar histórias e conteúdos em formatações automatizadas, ausentes da delicadeza literária que compõe as narrativas.

Escrevo como se fosse música. As palavras para mim obedecem a uma composição imaginária, seguem uma melodia, eu tento arranjos diferentes. Fico atenta para não usar os truques melódicos de sempre, me desafio, faço repentes comigo mesma. E, quando alguém mexe no meu texto, eu ouço e ele desafina. E dói no ouvido. As palavras que escolho não são qualquer nota. E não, não me acho Mozart, mas esse é o jeito que eu gosto de tocar a música da minha vida (BRUM, 2008, p.128).

Esse modo de encarar a escrita jornalística advém de sua concepção de apuração e de entrevista. Por entender esses métodos como um verdadeiro encontro, em que significações são partilhadas, Brum leva à risca a necessidade de se manter fiel aos relatos de seus personagens e ser honesta em relação ao pacto de confiança que se estabelece entre ambos.

Tal postura abre espaço para um questionamento em torno do nível de intervenção do repórter na travessia de seu personagem – temática essa sobre a qual este projeto se debruçará com mais profundidade nesse momento.

Para Brum, esse é um assunto caro ao exercício do jornalismo, já que isenção e objetividade se colocam para o jornalista como um ideal que, muitas vezes, não deve somente ser perseguido, mas conquistado.

A objetividade, aliás, em conformidade com Traquina (2005), é um dos mitos que pairam sobre a cultura jornalística, como valor do *ethos* profissional partilhado entre a tribo. Nas produções de Brum, essa intervenção se revela não somente em suas técnicas jornalísticas, mas também em seus textos. “Nossa simples presença- ou decisão de fazer uma reportagem – já altera a realidade sobre a qual vamos escrever. Quanto mais claro isso ficar para o leitor, maior será a honestidade do nosso trabalho” (BRUM, 2008, p.419).

Por compreender a subjetividade como fator inerente à profissão e presente em todos os meandros da reportagem, da apuração à publicação, Brum não se posiciona em uma realidade externa, imune de implicações.

Ao contrário, em suas narrativas, sua busca é por deixar claro ao leitor qual é o seu lugar e onde sua interferência é decisiva. Essa relação de confiança que a jornalista estabelece com as fontes, inclusive, não a isenta de erros, que também são explicitados em suas reportagens.

Jornalista que se diz totalmente isento e objetivo, acima do fato e das pessoas, já começa a reportagem com uma mentira, para Eliane Brum. A impossibilidade de uma postura neutra e imparcial, por parte da repórter, justifica-se em sua inserção em um contexto histórico, com um envolvimento necessário com os personagens da notícia, já nos primeiros momentos da apuração jornalística.

É preciso que a presença do jornalista e sua visão de mundo interfiram o mínimo possível na história, para que seja possível alcançar o maior número de verdades. No entanto, é também necessário dar ao leitor a ciência de que entre repórter e fonte se estabelece uma relação de dois seres humanos, abarcados em um mesmo ambiente, em um determinado momento.

Envolver-se com o personagem de uma história, para Brum, é permitir se transformar pela realidade do outro. Porque só é válida a causa de reportar se o contato com a fonte for capaz de provocar mudanças nas certezas do jornalista. Por se tratar de um jornalismo que lida com a vida e com as histórias dessa vida, a relação que se estabelece com o entrevistado é de confiança e de responsabilidade.

Ao abrir a porta de sua casa, o indivíduo entrega para a repórter sua realidade e dela espera a escuta, a companhia. Brum assume-se, então, como personagem e participante da narrativa que conta. Porque é dela o dever de transmitir ao leitor o que se passa na vida de seu entrevistado.

Nessa relação de entrega e confiança, o papel da jornalista é proteger, sabendo manter o segredo e o sigilo das informações que forem necessárias. No jornalismo de Eliane Brum, o indivíduo é mais importante do que a notícia.

Sua gíria não é simples, é complexa. O que muitos confundiriam, por preconceito ou ignorância, com 'não saber falar o português', é um português criativo. E a forma como ele usou essa língua para expressar medo e desamparo, o impasse em que se encontrava na fronteira entre dois Brasis, é fascinante. Foi pelos nomes e pela linguagem que Fortalece sobreviveu. Se

eu não compreendesse essa dimensão da história, estaria cometendo um crime contra ele: reduzi-lo (BRUM, 2008, p.239).

Somente a atitude de priorizar os envolvidos na narrativa, unida ao despojamento, ao olhar e à escuta, é que permite a Brum essa demonstração de fidelidade às suas fontes. Seu interesse não é apenas em reportar fatos, mas em dar ao leitor a oportunidade de tatear realidade de modos diferentes, através de novos olhares e perspectivas.

Por se deixar permear pelo português criativo de Fortalece – citado no trecho acima, em “Expectativa de vida: vinte anos”, do livro *O olho da rua* - Eliane compreendeu a importância da linguagem no sustento da vida daquele jovem e ofereceu ao seu público uma nova dimensão na realidade da violência e do tráfico no Brasil.

Continuando as exemplificações dessa relação entre a jornalista e seus personagens, tomam-se três reportagens do livro *O olho da rua*. Na primeira, “Mães vivas de uma geração morta”, Brum objetiva mostrar a realidade das mães dos meninos do tráfico, nas palavras, no silêncio, nuances e texturas. Uma de suas personagens, Eva Sebastiana Araújo, moradora da Brasilândia, já havia perdido três filhos para o tráfico e, ainda, convivia com um marido violento. Eva relatou para Eliane todas as agressões que já havia sofrido do esposo, que a culpava pela morte de cada filho.

Antes de publicar a reportagem na revista *Época*, em 2006, a repórter telefonou para Eva, para avisá-la sobre a veiculação da matéria e para lembrá-la de tudo o que ela havia contado sobre o marido e sobre os problemas que isso poderia gerar, para sua vida e seu casamento.

Mesmo com a permissão de Eva, Eliane não revelou o seu nome na reportagem. Essa foi a maneira que ela encontrou para protegê-la. Somente dois anos depois, na publicação do livro, após a morte do marido, Eliane identificou a personagem.

Em outra reportagem, “A mulher que alimentava”, de 2008, que narra os últimos cento e quinze dias de vida de Ailce de Oliveira Souza, Brum se debruça sobre o tema da morte, seus mistérios e o encontro de uma pessoa com o fim de sua vida. Envolvida durante quase quatro meses com Ailce, Eliane percebe a confiança que nela foi depositada por Ailce: testemunhar sua luta até o último suspiro, e partir sem jamais ler o que a repórter escreveu dela. Mesmo dedicando vinte e uma páginas de escritos à Ailce, Brum afirma que ainda precisava de mais. Porque, para ela, cada frase e cada parágrafo cortados representavam uma traição, um pedaço da vida de Ailce arrancado.

Já em “Um país chamado Brasilândia”, o envolvimento de Eliane com seus personagens se faz por meio de um convite. Durante o casamento de Luiz e Adriana, moradores da região, a repórter foi chamada para substituir a madrinha, por ser preciso ter carteira de identidade para assinar o livro do cartório. Eliane passou de jornalista-hóspede a jornalista-personagem de seu texto. Ela aceitou o convite mesmo sabendo que seu par, o padrinho, era gerente da boca de fumo e que essa ligação ficaria registrada, documentada para sempre.

Em “O homem-estatística”, de *O olho da rua*: “nos reconhecemos. Eu era a repórter em busca de um personagem. Ele era o personagem em busca de alguém que contasse sua história. Toda reportagem é um encontro. É algo especial – e a gente sabe quando acontece” (BRUM, 2008, p.128).

Com uma linguagem muito própria, o texto jornalístico de Eliane Brum desafia os modelos tradicionais de *lead* e de pirâmide invertida, cuja estrutura de narração de fatos segundo o “grau de importância” padronizou as reportagens e tornou o fazer jornalístico uma produção burocrática e uniforme.

A narrativa de Brum cria uma atmosfera de expressão e descrição de sensações, com características jornalísticas que ganham contornos comuns à literatura, em uma fusão da informação com o literário.

Não raro é encontrar artifícios característicos a narrativas ficcionais nos relatos de Eliane. Figuras de linguagem, metáforas, comparações, sinestesia, personificação e repetições de sintagmas marcam presença no estilo de escrita da repórter.

Uma escrita que se assemelha a uma música, na qual o ritmo das sensações dita a ordem dos fatos. Um ato comparado a um parto, no qual a essência de seu jornalismo transpassa o material, para modificá-lo e se modificar.

Na reportagem “A Floresta das Parteiras”, de 2000, do livro *O olho da rua*, a riqueza da linguagem das parteiras do Amapá e a forma como cada uma se expressa toma o lugar central da reportagem, e os artifícios literários se tornam peças fundamentais na transmissão do conteúdo jornalístico. Abaixo, um trecho que exemplifica a figura de personificação:

Elas nasceram do ventre úmido da Amazônia, do norte extremo do Brasil, do estado ainda desgarrado do noticiário chamado Amapá. O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo, a toada de cantigas (BRUM, 2008, p.19).

Em “elas são chamadas nas horas mortas da noite para povoar o mundo” (BRUM, 2008, p.20), tem-se a utilização dos recursos de metáfora e paradoxo. Ainda nessa mesma

narrativa, a jornalista emprega uma comparação em “tem mais rugas no rosto do que a noite tem estrelas” (BRUM, 2008, p.24).

Em termos de linguagem, verifica-se, ainda, a preocupação de Eliane Brum em relação ao vocabulário de seus entrevistados. A maneira como falam é tão importante quanto suas próprias histórias de vida.

Por isso, a repórter não se vale de sinônimos, mas reconhece a importância, para seu texto, da escolha das palavras que cada entrevistado faz, assim reproduzindo-as. Em “A Voz”, da obra *A vida que ninguém vê*, tal percepção fica clara quando Brum aborda o jeito de falar de Clodair, cego e vendedor de jogos de loteria. “-É huuuuuuuuje a mega-sena acumulada. R\$ 40 milhões. É huuuuuuuuje! (BRUM, 2006, p.153). Ou, ainda, em “A Floresta das Parteiras”, de *O olho da rua*, com a transcrição fiel da linguagem das parteiras: “queria pedir a Deus o meu aposentamento de parteira” e “Senão, perde a valoridade” (BRUM, 2008, p.26).

Além das marcas literárias, a redação de Brum se caracteriza pela presença do narrador em primeira pessoa em alguns textos, demonstrando a necessidade da repórter de participar e fazer parte da história de seu personagem.

A consequência para o leitor que acompanha suas narrativas é a perda do distanciamento, em uma possibilidade de pertencer e se colocar no lugar da narradora, observando o que ela viu e sentindo o que ela experimentou.

Em *A vida que ninguém vê*, no relato “Um certo Geppe Coppini”, de 1999, o diálogo da repórter com o leitor, através do registro em primeira pessoa, evidencia-se na passagem: “Vou contar, então, a história desse tal de Geppe. E quando eu terminar me digam vocês quem é, afinal, Geppe Coppini” (BRUM, 2006, p.34).

Na obra *O olho da rua*, o texto “Um país chamado Brasilândia”, de 2007, conta o encontro de Eliane com Dona Eugênia, de 76 anos, em uma narração-personagem que permite ao leitor ficar a par dos bastidores de uma reportagem por meio somente das palavras. “Benzedeira e cartomante, dona Eugênia empunha uns olhos agudos, de raio X. Então, ela olha para a cinza. E olha para mim” (BRUM, 2008, p.285).

A participação da repórter é tão importante para a narrativa que, em alguns casos, a continuidade da história só se dá a partir de sua interferência. Interferência essa que é a marca da transparência de Eliane Brum para com o seu leitor.

“A mulher que alimentava”, do livro *O olho da rua*, traz a descrição do momento em que Eliane de fato adentrou na história de sua personagem, emitindo opinião sobre o que a oncologista disse a merendeira Ailce. “Desta vez, me sinto autorizada a falar: ‘ouvi tudo o que

a médica disse. Não importa se a senhora está gorda ou magra. Nunca importou. Não é culpa sua' (BRUM, 2008, p. 353).

Em um contraponto do fazer jornalístico na comparação entre suas duas obras - *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua* - é possível observar, no segundo livro, a presença de um espaço, após cada reportagem, dedicado ao relato das experiências jornalísticas de Eliane Brum, como uma espécie de bastidor da notícia, em mais um artifício da repórter para se aproximar de se interlocutor, contar-lhe seus erros, suas visões e seus aprendizados.

Apoiando-se nos recortes de suas obras aqui analisadas, o que se conclui é que as produções de Brum não se limitam a reproduzir aspas ou a modelar textos de acordo com o que se espera da fala dos entrevistados.

Para Brum, o real é feito de muito mais que palavras, ainda que nelas se encerrem experiências significativas do que se quer relatar. Antes de materializar o universo de cada um, a repórter se esforça por conhecer e tatear as ambientações que permeiam suas vidas.

Não há milagre em texto jornalístico. Pode ser um Prêmio Nobel da Literatura. Se não tiver apurado exaustivamente, vai escrever um texto jornalístico ruim. Só apurando muito – e com precisão – é que dá para escrever um texto substantivo, com tantos detalhes que o leitor pode ler com o prazer de uma ficção. Na matéria da morte, eu tenho umas 500 páginas de entrevistas, observações, sentimentos. Eu sempre acho que tudo é histórico e aí não quero perder nada (BRUM apud MARTINS, 2010).

Muito mais que um rigor técnico e metódico, a prática noticiosa de Brum evidencia um jornalismo diferenciado, cujo desenrolar caminha em vertente oposta à prática tradicional. Em uma escrita cujo percurso manifesta um processo de desidentidades da autora, o que se percebe é que não há recusa por parte da jornalista em se tornar-se parte da história noticiada.

E fazer-se parte não implica assumir o plano do entrevistado ou sobrepor-se à informação, mas se enquadrar enquanto mediadora social, enquanto documentadora da vida real, de um cotidiano que, de tanto cercar, chega a ser invisível.

Nesse ponto, a presente pesquisa situa seus estudos no âmbito da noticiabilidade do jornalismo de Eliane Brum, a fim de compreender qual é o universo relatado por ela, e o que isso tem a acrescentar sobre o seu *modus operandi*.

2.5 O cotidiano é noticiável: a vida comum é extraordinariamente ordinária

Verificar a existência de uma cultura partilhada no campo jornalístico não exige muitos esforços. O noticiário, em suas diversas plataformas – impressas, audiovisuais ou

digitais- revela frequentemente similaridades na escolha dos assuntos reportados e, até mesmo, na angulação de suas abordagens.

Por trás dessa postura comum, e como justificativa para a presença de tal cenário midiático, os estudos de Traquina (2005) propõem a existência de um *ethos* jornalístico, resultante de um processo de profissionalização, responsável por consolidar práticas e valores nos modelos de atuação daquilo que o autor denominou tribo jornalística.

As análises em torno dessa comunidade interpretativa transnacional foram exploradas no primeiro item dessa pesquisa e servem de suporte teórico para as observações que serão feitas agora, tomando como objeto algumas reportagens de Brum reunidas nas duas obras escolhidas como *corpus* deste projeto – *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua*.

O que se objetiva com esse percurso é aprofundar os estudos referentes à produção noticiosa de Brum, tendo como foco agora não as suas técnicas de reportagem e de entrevista, mas os seus critérios de pauta, os conhecidos valores-notícia, tão difundidos na mídia convencional.

Em torno dessa temática, muitas são as contribuições teóricas, que como já explicado anteriormente, datam de grandes estudiosos como Galtung e Ruge (1965), entre outros. Nessa pesquisa, as análises se sustentarão na abordagem desenvolvida por Traquina (2005), que também parte dos referenciais bibliográficos de autores já consagrados no campo das teorias do jornalismo. Antes de adentrar nesse universo, considera-se como relevante percorrer um caminho de observação em torno dos interesses jornalísticos de Brum.

Para entender o que é notícia, segundo seu prisma, faz-necessário debruçar-se sobre as temáticas reportadas pela jornalista, a fim de enquadrar mais esse panorama em todo circuito de estudo que está sendo esboçado até então. Somente assim, será possível confrontar os critérios noticiosos propostos por Traquina (2005) com a prática de Brum. Como resultado dessa equação, espera-se visualizar mais um fator argumentativo no que toca à divergência das produções jornalísticas de Brum com os registros da mídia tradicional.

A partir das obras escolhidas como *corpus* para esta pesquisa, verifica-se um grande interesse de Brum em noticiar aquilo que passa despercebido diante dos holofotes dos grandes veículos de comunicação.

A começar pelo título de seus livros, *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real*, já se tem um indício dos ambientes e personagens explorados por Brum. Para ela, os pequenos meandros que estimulam a vida real são noticiáveis.

Sua busca, ao detectar o cotidiano das pessoas comuns, é apreender as problemáticas que envolvem o dia-a-dia do cidadão e suas interferências na coletividade partilhada por todos.

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro – embora ache que essa seria uma história e tanto. O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal (BRUM, 2006, p.187).

A proposta de Brum, portanto, é estimular um olhar capaz de romper com o vício e com o automatismo de se enxergar apenas a imagem dada, o que pertence ao senso comum, o que faz com que se acredite que a vida nada oferece de grandioso.

Seu jornalismo, segundo a própria Brum (2006, p.187), é “com toda a pretensão que a vida merece, uma proposta de insurgência”. Isso porque é necessária uma postura transformadora para se perceber o real cotidiano enquanto algo extraordinário, e não ordinário como a miopia dos meios convencionais leva a crer.

Para compreender o interesse jornalístico de Brum, basta reunir suas concepções enquanto sujeito com sua metodologia de reportar e, como resultado, encontraremos um grande esforço por apreender os significados do outro, os milagres de gente.

Por isso, nesse cenário, qualquer aspecto que permeia a rotina pode estampar as páginas de um jornal. Não é preciso irromper a realidade, como a grande mídia espera de um acontecimento. É necessário apenas desacontecer, estar sempre ali. É esse detalhe, a delicadeza na brutalidade do cotidiano, que desperta o faro jornalístico de Brum.

Ao iluminar histórias de brasileiros desempregados, sonhos de famílias trabalhadoras, andarilhos, moradores tidos como ‘loucos’, vendedores de mega-sena, garimpeiros, o ofício das parteiras, a solidão na velhice – entre tantos outros assuntos – o olhar que Brum pretende é o de ser farol pelos muitos Brasis.

“Quando me perguntam sobre o que eu escrevo, nunca sei o que dizer. Eu não sou uma repórter especializada em nada. Eu conto histórias de gente. E acho que se entendo de alguma coisa, é de gente” (BRUM, 2008, p.13).

Uma vez compreendida como repórter desvinculada do círculo midiático tradicional, as escolhas de assuntos para as reportagens de Eliane Brum em nenhum aspecto assemelham-se a outras. Fugindo do lugar-comum da pauta, de assuntos e personagens que estão nas agendas das redações, Eliane enxergou o mundo recluso pela emergência da notícia e deu

destaque ao cachorro que morde o homem. Opondo-se aos dogmas da imprensa, a repórter defende o jornalismo da antinotícia, da rotina. Interessado não pela quebra, mas pelo que sempre acontece.

É no dia-a-dia de cada ser humano, e na significância que cada um dá a sua vida, que o jornalismo de Eliane Brum reside. Por isso, para a jornalista, em qualquer lugar é possível se encontrar uma boa história para contar, basta que se olhe de verdade para as pessoas. E tal olhar é vazio de todo pré-conceito e de todas as ideias prontas. É um olhar que deseja ser preenchido pela literatura da vida real, pela maneira como cada indivíduo se reinventa diante das adversidades de sua existência.

Como contadora de histórias reais, a pergunta que me move é como cada um inventa uma vida. Como cada um cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco. Como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa. Como cada um habita-se (BRUM, 2014, p.06).

A seleção de assuntos para as reportagens de Brum, portanto, é o encontro entre o cotidiano e a sua busca pessoal. Porque ela é ‘buscadora da vida’. E da disposição de observar, olhar e escutar as histórias, as pessoas e o ritmo das realidades da rua, seja da floresta ou de concreto, nasce a reportagem, muitas vezes sem pauta e até sem ideia.

Em cada narrativa, Eliane se depara com o desafio de se fazer estrangeira, para manter o olhar de espanto, necessário para ver uma camada além do óbvio. Mas uma estrangeira que não se deixa contaminar pelo olhar de turista, aquele que enxerga a realidade filtrada por preconceitos e fantasias.

Praticando um jornalismo centrado na apropriação de “fatos não-marcados” (SODRÉ, 2005, p.74), Brum constrói uma concepção jornalística pautada pelas histórias rotineiras de gente comum. Histórias essas que não recebem destaque na lista de valores-notícias, seguidos à risca pela grande imprensa, e propostos pelas teorias do jornalismo. Muitas vezes, assuntos de interesse da mídia convencional também circundam a atmosfera noticiosa de Brum; no entanto, o olhar e a abordagem proposta por ela são destoantes.

Em ‘O homem-estatística’, de *O Olho da Rua*, fui encarregada de fazer uma reportagem sobre a pobreza. Comecei a pensar no que poderia dizer que já não houvesse sido dito, em como olhar para um mal crônico, de outro ângulo. Pensei então nas perguntas a que eu não sabia responder. Eu acredito que a pergunta mais primária, quase estúpida, é sempre o melhor começo para uma reportagem (BRUM, 2008, p.148).

Assim, ainda que as pautas escolhidas já tenham sido noticiadas pela mídia tradicional, o que o jornalismo de Brum defende é a assunção de uma prática que revela os pormenores das realidades vividas todos os dias, por cada um. Mesmo com histórias diferentes, o que a produção jornalística de Brum permite concluir é a existência de um elo que envolve o social em um mesmo trajeto de anseios e percalços comuns.

Em circunstâncias diferentes, a noticiabilidade do cotidiano evidencia o fator que condiciona a existência dos seres humanos: a vivência de uma maratona diária em busca de realização, seja qual for a sua essência.

Para entender os fundamentos que sustentam a concepção de notícia para Brum, o presente estudo direciona seu foco de análise sobre os valores-notícia de seleção, conforme Traquina (2005), no subgrupo dos critérios substantivos, que se referem à avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia.

A produção jornalística de Eliane Brum será aplicada a cada valor destacado, com o objetivo de evidenciar as divergências entre seu jornalismo e o compartilhado pela tribo jornalística. Em última instância, o que se pretende comprovar é a existência de uma teoria do jornalismo de Eliane Brum, com critérios noticiosos e etapas de produção próprios.

O primeiro valor-notícia a ser destacado é o da morte, a razão que explica o negativismo do universo jornalístico. De acordo com os estudos de Traquina (2005), a comunidade jornalística revela grande interesse por acontecimentos que têm morte e, quanto mais morte tiver, mais noticiabilidade adquire o fato.

Violência não é uma novidade na programação de jornalismo da televisão brasileira. É possível percorrer toda a coleção de misérias humanas em 24 horas. A diferença é que a maioria dos programas é feita não para que possamos ver – mas para que possamos continuar não vendo. A maioria deles, com a voz do apresentador ou do repórter ao fundo apontando o que devemos ver ou como devemos ver, não mostra, esconde (BRUM, 2006, p. 236).

Entre 2008 e 2010, Brum trabalhou com a questão da morte em suas produções. Não a morte violenta, que em geral é o tema da imprensa, como mencionado pela jornalista no trecho supracitado, mas a morte que a maioria dos indivíduos terá, por doença e por velhice. E que, justamente por esse fato, torna-se silenciada e esquecida dentro das redações convencionais.

Nos *corpus* de análise selecionado para esta pesquisa, a morte é abordada em três reportagens: “Enterro de pobre”, do livro *A vida que ninguém vê*, “A mulher que alimentava” e “Expectativa de vida: vinte anos”, de *O olho da rua*.

No primeiro relato, a morte de um bebê, filho que os pais Antonio Antunes e a mãe não chegaram a conhecer, é o fio condutor que leva a uma reflexão em torno da problemática da saúde pública e das condições precárias de atendimento as quais os pobres estão sujeitos.

Já no segundo texto, a proposta de Brum é encarar a realidade de um indivíduo que se depara com a morte, em um relato dos últimos cento e quinze dias de uma senhora, dos mistérios e das incertezas que assolam todos os seres humanos.

Na última narrativa, o relato busca evidenciar não só a geração de garotos pobres exterminada à bala, mas também a realidade das mães desses meninos, vistas como “mães de traficantes”.

O que se percebe, dessa forma, é que, ao contrário das referências da mídia tradicional, a temática da morte, para Eliane, não deve ser abordada com sensacionalismo ou tom apelativo, para impactar através de um “bombardeio” de notícias ruins. Com uma escrita sensível e sutil, o que suas descrições buscam é propor um olhar sob outro ângulo, capaz de adentrar as convicções humanas e desacomodá-las.

No critério de notoriedade, referente ao destaque ou à visibilidade que o ator principal do acontecimento tem, a distinção entre a produção jornalística de Brum e a comunidade jornalística ganha forças. A exemplo do que se percebe no título de sua primeira obra - *A vida que ninguém vê* -, Brum sugere um olhar jornalístico a realidades não percebidas, de resgate às histórias não evidenciadas pela mídia.

Caminhando na vertente oposta a da grande imprensa, o faro jornalístico de Eliane persegue o anonimato. Distante da elite, de nome ou de posição, a prioridade da repórter é mostrar a literatura da vida real que cada indivíduo pode contar e a significância que consegue dar à sua própria vida.

Neste cenário, analfabetos, pedintes, mães de traficantes e tantos outros personagens, esquecidos pelos burocratas da notícia, aparecem como protagonistas do jornalismo de Eliane Brum, interessado em trazer à tona a realidade de uma sociedade que a mídia não quer ou então não enxerga. A própria concepção de jornalismo de Eliane Brum encerra em si mesmo um afastamento deste círculo de visibilidade perseguido pela grande imprensa.

No quesito proximidade, de busca da grande imprensa por assuntos próximos cultura e geograficamente, a jornalista destoa por procurar o oposto. Reportar o desconhecido

configura-se como sua chance de combater os preconceitos, que se enraízam em uma cultura que não permite e não propaga a manifestação do diferente.

Por isso, as reportagens de Eliane, sobretudo as de seu segundo livro *O olho da rua*, são ambientadas em diferentes regiões do país, em um jornalismo que ilumina o mosaico cultural brasileiro. As viagens a Rondônia, a Amazonas, a Tocantins, à Brasilândia, e a outros lugares, são impulsionadas pela busca de um jornalismo cujo olhar se volta para a realidade que grande parte da sociedade desconhece. Trata-se do relato do cotidiano de grupos culturalmente esquecidos, colocados à margem.

No critério de relevância, o contraponto entre o jornalismo de Eliane Brum e o da mídia tradicional incide na diferenciação do conceito do termo para cada um. O que é notícia para Brum- as histórias da vida real - não estampam os jornais dos repórteres da mídia convencional. Enquanto a relevância para Eliane Brum está na capacidade de cada anônimo reinventar sua própria vida, para a comunidade jornalística está nos feitos e não feitos de personagens públicos, políticos e celebridades.

O contraste maior reside em uma preocupação de Brum em abordar a problemática e uma postura da mídia tradicional em somente evidenciar os fatos, em um impacto que não busca reflexão, mas apenas audiência. Trata-se de uma concepção que dialoga com os jornalistas enquanto “homens de ação”, como sugere Traquina (2005).

Outros dois valores-notícia consolidados na prática jornalística atual podem ser agrupados neste ponto de análise: a novidade e o tempo. Pela prática de Brum e pela escolha de suas pautas, o que se verifica é que tais critérios são ignorados pelas produções da repórter.

Na cultura jornalística, a notícia é vista como um bem altamente perecível e deteriorável, razões pelas quais se valoriza a velocidade na transmissão do acontecimento. O imediatismo combate a deterioração do valor da informação. E os jornalistas cultivam o valor das notícias “quentes”, de preferência “em primeira-mão”. Notícias “frias” são “velhas”, que deixaram de ser notícia (TRAQUINA, 2005).

Ser obcecado pelo tempo é ser jornalista de uma forma que os membros desta comunidade interpretativa consideram ser especialmente sua. Para o sociólogo britânico Schlesinger, a empresa jornalística é uma ‘máquina do tempo’. A urgência é um valor dominante (TRAQUINA, 2005, p.38).

Nesse sentido, o jornalismo de Brum situa-se enquanto uma prática imune ao tempo. Por não apresentar um faro para o novo e, sim, para a rotina, Brum revela problemáticas em

detrimento de fatos. Reportar o cotidiano que se repete é propor um olhar diferenciado para os aspectos de um real que está sempre ali e que, justamente por isso, torna-se esquecido.

No critério notabilidade, em que se percebe uma tendência para a cobertura de acontecimentos e não problemáticas, o olhar jornalístico de Brum caminha na vertente oposta dos registros da mídia convencional.

Por não se valer das técnicas de reportagem de *lead* e pirâmide invertida, Brum não reporta visando ao enquadramento de conteúdo em formatos pré-moldados. A jornalista não se deixa atrair para o que é visível ou por aquilo que é fácil de apreender e de noticiar. Ao contrário, seu rigor de apuração e seu método de escrita permitem concluir uma preferência por questões que se escondem nas sombras de cada indivíduo, e que somente podem ser expressas com uma escrita cuidadosa e comprometida.

Nos três últimos tópicos de análise, referentes aos critérios de inesperado, conflito e infração, tem-se como fundamento similar a todos a busca do jornalismo convencional por aquilo que irrompe e surpreende suas expectativas.

Para a tribo jornalística, adquire valor enquanto notícia os assuntos que denotam a quebra da rotina, sendo a violação e a transgressão de regras o alicerce dessa abordagem. Tal postura não se verifica na prática noticiosa de Brum que, além de não se ater aos fatos que rompem com a lógica cotidiana, também não concebe no conflito e na infração boas temáticas de reportagem.

Sendo assim, uma vez confrontados os critérios noticiosos aplicados pela grande imprensa na prática jornalística de Eliane Brum, o presente estudo passa a admiti-la como repórter desvinculada do círculo midiático tradicional, praticante de um jornalismo de desacontecimentos.

Ao empreender todo esse percurso de análise, ora sobre as teorias do jornalismo, ora sobre a prática noticiosa de Eliane Brum, o esforço desse estudo foi por reunir subsídios teóricos que fundamentassem uma concepção jornalística destoante da partilhada pela tribo jornalística.

Tendo sido compreendidas todas as características que constituem o jornalismo de desacontecimentos - suas técnicas de apuração, de entrevista e de escrita - essa pesquisa acredita estar pronta teórica e interpretativamente para refletir sobre os valores-notícia presentes nas produções jornalísticas de Eliane Brum.

Ao contrário dos critérios de noticiabilidade estabelecidos por Traquina (2005) ou por tantos outros teóricos no campo da comunicação, esse projeto não elencará uma

diversidade de valores que permeiam o jornalismo de Brum, mas refletirá apenas sobre um valor que acredita ser o sustento de toda a narrativa dos desacontecimentos.

A concepção desse valor é fruto de um trabalho interpretativo sobre o *corpus* escolhido e da entrevista realizada com Eliane Brum, que estará transcrita no próximo item. Não seria coerente com a prática de Brum esboçar uma lista de critérios noticiosos aplicáveis aos seus textos.

O seu modo de ser/fazer jornalismo ensina que há uma singularidade dentro das narrativas que precisa ser respeitada. Cada personagem e cada história encerram em si uma unicidade que não pode ser submetida a modelos ou padrões. Sendo assim, não é possível identificar vários valores, mas apenas um capaz de tecer a singularidade que nos faz indivíduo e, ao mesmo tempo, capaz de fazer pulsar a veia que nos faz coletividade.

A chave para compreender esse valor se encontra no questionamento que move Eliane Brum enquanto repórter: “como cada um inventa a sua vida?”. A resposta para essa pergunta – o lugar onde é possível encontrar os aspectos que compõem o significado que cada pessoa confere à sua realidade – é o cotidiano.

É somente ao compreender o que permeia uma vivência em seu dia-a-dia que se pode alcançar os sentidos do outro. É no desenrolar dos dias comuns que se encontram os detalhes que significam. É no ordinário que se manifesta o extraordinário de cada vida. E esse é o valor-notícia do jornalismo de desacontecimentos. O cotidiano é o critério que permite apreender o individual e o coletivo presente em todos nós.

Pois, independente da classe social, em algum momento da vida, todos nós nos percebemos vivendo problemáticas comuns. Situações que exigem que nos refaçamos, que reinventemos nosso modo de pensar, de agir e de viver. No cotidiano aprendemos a lidar com a delicadeza e com o brutal. Fazer um jornalismo de desacontecimentos é se lançar ao desafio de mergulhar nessa radicalidade da vida, de se deixar modificar pelas tessituras que compõem o mosaico social.

Nas reportagens de Eliane Brum, nos dois livros escolhidos para estudo *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua*, percebemos esse fio que costura todas as narrativas. Não importa o cenário: nas florestas, em periferias, favelas, asilos, hospitais ou praças públicas, cada indivíduo assume uma singularidade em seu cotidiano que o faz pertencer ao coletivo.

Ao coletivo que é a sociedade em busca de significar o seu ‘eu’, a sua vida, o seu ambiente, os seus dias. Por isso, a partir da análise dos conteúdos de cada narrativa de Brum, encontramos, em cada relato, histórias que se concebem e se sustentam nesse valor.

Muito mais tarde a busca pelo extraordinário contido nas vidas supostamente comuns assinalou minhas andanças de repórter. E um dia virou uma coluna e depois um livro chamado *A vida que ninguém vê*. Para mim, as notícias habitam os detalhes, às vezes empoeirados, do cotidiano. A maior parte das histórias reais que conto vem dessa grandeza do pequeno, da delicadeza que anima cada vida humana, mesmo nas horas brutas (BRUM, 2014, p.105).

Em suas obras, percebemos também que, por trás do desejo de reportar pessoas comuns, está a iniciativa de reportar as problemáticas enraizadas em nossa sociedade: morte, violência, tráfico, desmatamento, corrupção, desemprego, pobreza, analfabetismo, desigualdade social, entre tantos outros que permanecem estigmatizando a realidade que vivemos.

Em “Sinal fechado para Camila”, do livro *A vida que ninguém vê*, Brum relata uma situação corriqueira para desenvolver uma crítica à sociedade a que pertencemos, com marcas de linguagem que questionam diretamente a atitude de seus leitores “Você ouviu esse hino em algum cruzamento. Você fechou o vidro para se defender do ataque à sua consciência” (BRUM, 2006, p.87).

Nesse texto, Eliane trata da desigualdade social que torna tantos indivíduos invisíveis aos olhos da maioria. Brum relata a história de crianças que pedem ajuda nos semáforos, todos os dias, em uma cena que se repete mais de uma vez no cotidiano da maior parte da população, que prefere fechar as janelas dos carros ao encarar o problema.

Camila, a garota que cantava nos sinaleiros na tentativa de atrair um olhar, morreu vítima da violência. O canto era o jeito de Camila “embelezar sua tragédia” (BRUM, 2006, p.85), dar sentido a sua vida. Ao alcançar a delicadeza que há no próximo, a partir da vivência de seu cotidiano, Eliane propõe uma nova perspectiva para a realidade que se repete. E pretende mudança ao questionar cada um de nós. “Não se iluda, você não vai escapar. Nós todos a assassinamos. Mas há um exército de Camilas pela cidade” (BRUM, 2006, p.85).

Lizete, esposa de Antonio, na reportagem “Enterro de pobre”, em *A vida que ninguém vê*, também morreu, mas como vítima do descaso governamental com a saúde pública. Nesta matéria, Eliane abordou a pobreza preenchendo-se do cotidiano de um casal pobre, com filhos em hospitais e invisíveis para a sociedade.

“A tragédia suprema do pobre é que nem com a morte escapa da vida. A diferença maior é que o enterro de pobre é triste menos pela morte e mais pela vida” (BRUM, 2006, p.165). Mais uma vez, visualiza-se a apreensão de uma problemática a partir do cotidiano de pessoas comuns.

Já em “O povo do meio”, do livro *O olho da rua*, Eliane escreve uma narrativa em que entrelaça aspectos ambientais, culturais e políticos ao reportar o Brasil dos grileiros na Amazônia. Buscando entender as nuances que preenchem o cotidiano dos habitantes de lá, o jornalismo de Brum quer dar oportunidade de voz para os anônimos e desconhecidos dessa região do país.

Raimundo Nonato da Silva não sabe quem é Luiz Inácio Lula da Silva. Ele vive num país desconhecido do próprio Brasil. Sua república fica no coração da Amazônia. É um país invisível porque 99% dos habitantes não tem documentos. O Povo do Meio pode desaparecer antes que o país oficial se aperceba dele (BRUM, 2008, p.159).

Desse modo, a partir dos trechos e das reportagens utilizadas como exemplo ao longo de todo esse projeto, buscou-se demonstrar em que consiste o jornalismo de desacontencimentos, calcado na prática noticiosa de Eliane Brum.

A análise interpretativa de seus textos permitiu refletir sobre o cotidiano que envolve cada indivíduo e também sobre os pequenos detalhes ordinários que compõem os significados extraordinários de cada vida.

Ao se debruçar sobre os estudos substanciais que sustentam a cultura profissional, essa pesquisa buscou direcionar suas observações para o jornalismo de Brum, de forma a compreender sua identidade enquanto repórter e o seu ser e estar no jornalismo. A partir da prática noticiosa de Brum, foi possível depreender características, técnicas e valores capazes de fundamentar um novo modo de pensar e de fazer jornalismo.

O presente projeto acredita, e defende essa ideia, que é possível praticar um jornalismo diferente dos modelos aplicados pela grande mídia. Mais uma vez, faz-se a ressalva de que seu objetivo não é desconsiderar as técnicas e o estilo de produção noticiosa atual, e sim propor uma nova possibilidade dentro desse cenário, de modo a agregar novos métodos à prática e de formular um novo *modus operandi*, interessado em cumprir a função primordial do jornalismo de mediação social e em assumir seu papel público da forma mais honesta e verdadeira possível.

3 ENTREVISTA COM A JORNALISTA ELIANE BRUM

Tendo sido realizadas as análises teóricas e interpretativas relativas ao *corpus* desta pesquisa, esse projeto encerra seus estudos sobre o Jornalismo de Desacontecimentos com a transcrição de uma entrevista feita com Eliane Brum, no dia 21 de maio de 2014, por telefone. A seguinte entrevista tem por intuito complementar as investigações desenvolvidas neste ciclo e lançar novas reflexões a partir da voz da jornalista referência para esta pesquisa.

A escolha de finalizar o presente estudo com esse diálogo converge com a proposta metodológica proposta no início deste projeto: proporcionar ao pesquisador um papel ativo no percurso investigativo, de modo a inspirá-lo na proposição de novos valores para a construção de um novo fazer jornalístico.

Desse modo, a entrevista somente foi feita após o aprofundamento teórico das obras selecionadas e após a apreensão das características presentes no jornalismo de desacontecimentos.

Todo esse estudo teórico-interpretativo consolidou a presente pesquisa, de forma a permitir a elaboração de questionamentos pertinentes a Eliane Brum. Acredita-se que a entrevista aqui realizada converge com as ideias lançadas nesse projeto e, de certo modo, abre espaço para reflexões a respeito de novas possibilidades jornalísticas dentro do cenário midiático atual.

Pergunta: Eliane, como foi o processo de escrita do seu mais recente livro *Meus Desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*? Você diz que sempre se esvazia de si mesma para se deixar preencher pelos significados do outro. E para essa narrativa, qual foi o percurso?

Resposta: Esse livro não é uma reportagem sobre mim mesma. O processo de reportagem exige um movimento de esvaziamento, e no meu livro eu faço um percurso pelas minhas memórias de infância em busca do sentido da palavra escrita na minha vida. É uma reconstrução, uma busca por sentidos para também reconstruir os sentidos da palavra na minha vida. Cada vez mais, nos últimos anos, tenho assumido várias vozes. Uma voz é a da reportagem, a outra é da ficção e agora tem essa voz que é diferente, tanto da reportagem quanto da ficção, porque é um percurso de memórias. E, para mim, é muito importante que essas vozes fiquem separadas. Cada uma delas exige um movimento diferente. Trata-se da forma como eu vejo a memória, e eu deixo isso bem claro na abertura do livro, quando eu falo

que nossa vida é a nossa primeira ficção. Apesar de eu fazer a pergunta que me move na reportagem - ‘como cada um inventa a sua vida’ – para mim mesma, eu não estou fazendo uma reportagem de mim mesma, porque eu não poderia. Na reportagem “O inimigo sou eu” – do livro *O olho da rua* – eu me coloco como personagem, mas em outro processo. Nesse livro não é.

P: Ainda que na reportagem isso também aconteça, mas de forma diferente, como tem sido para você saber que, a partir de agora, cada leitor carrega consigo um pouco do que é a sua vida?

R: Esse foi um livro mais difícil do que os outros, porque, se em todos os livros quem escreve está exposto de alguma maneira, é diferente quando se escreve um livro sobre memórias. Foi bem difícil esse processo de lançamento, e só agora é que eu começo a lidar melhor com isso. Eu tive muita insônia, foi um pouco doloroso. Porque eu ficava pensando: e agora, que eu me mostro nua, que eu me desvesti e talvez tenha tirado a minha pele, como é que eu me mostro ao mundo? Foi difícil, cada escrita é diferente, e essa foi mais difícil por conta do lançamento.

P: Falando agora de uma maneira geral, eu gostaria que você contasse sobre a Eliane jornalista. O que é mais significativo para você nesse percurso?

R: Como jornalista, o mais importante para mim é ser capaz de escutar. Essa escuta, para mim, é além. Eu não estou falando apenas de audição, mas de uma escuta com todos os sentidos, que pressupõe esse esvaziamento, esse desabitatar. Mas não é um desabitatar para se tornar uma carcaça, um corpo. É se desabitatar para ser habitada pelo outro, mas esse é um movimento ativo, é um movimento extremamente presente. Eu estou ali, sendo e não sendo ao mesmo tempo. Me desabitando para ser habitada. E a capacidade de escutar é o que me define como repórter e é o que define, eu acho, qualquer repórter. Mas a identidade não é algo que me interessa muito. Eu me interesso muito por um percurso de desidentidades. Eu acho que a vida é esse movimento. Aquele que se move, se move duvidando do que é. Tudo isso no sentido de que não me interessa uma identidade fixa ou estática, isso me parece uma espécie de morte em vida. O próprio movimento da minha escrita é sempre também no sentido de reconstituir, de compreender os sentidos que me movem naquele momento, para ser capaz de reconstruir os sentidos. Então, não me interessa uma identidade só.

P: Eliane, no seu livro *O olho da rua*, você conta que passou a dar mais liberdade às suas fontes, deixando de lado aquele modelo de entrevista baseado na formatação pergunta e resposta. Você pode comentar sobre esse seu amadurecimento no processo de apuração e de entrevista na reportagem?

R: Eu acho que não há fórmulas, algo que sirva para tudo. Na verdade, a cada reportagem você precisa avaliar como a história se desvela. Quando é possível, eu prefiro não fazer a primeira pergunta, exatamente para não direcionar. Ela diz mais de mim, que entrevista e que escuta, do que da pessoa que eu vou escutar e que está sendo entrevistada. Ela diz aquilo que eu quero, aquilo que eu estou buscando. E eu acho que na reportagem nós temos que entender o que o outro está buscando. Então, o que eu procuro entender numa reportagem, no geral, é como a pessoa conta a sua história. Se ela vai me contar de si mesma, o que ela me conta e o que ela não me conta. Se ela vai me mostrar o seu mundo, o que ela me mostra e o que ela não me mostra. É nessa intersecção que ela se desvela. Mas, há outros momentos, em que fazer as perguntas é importante. Como no caso do Adail (em *Adail quer voar*, do livro ‘A vida que ninguém vê’). Faz parte do processo de reportagem descobrir qual é a melhor forma de iniciar essa escuta. Por exemplo, no caso do Wanderlei, do gaúcho do cavalo de pau (do livro ‘A vida que ninguém vê’), se eu não perguntasse se ele era louco, que foi a minha primeira pergunta, eu jamais saberia a forma maravilhosa como ele se descreve. A pergunta foi a chance de ele devolver um olhar estereotipado de outra maneira. Nesse caso, a pergunta foi fundamental. Então não tem fórmulas. Mas a escuta em si a gente vai aprimorando durante toda a nossa vida, porque não acaba. É muito difícil se manter no lugar de escuta e não sair desse lugar. E sem conseguir escutar, você não faz esse processo de conseguir se esvaziar dos preconceitos e de sua visão de mundo, de si mesmo. Você não consegue escutar um pedófilo, por exemplo. Você consegue ouvir, mas através do teu olhar, do teu preconceito sobre o que é um pedófilo. Mas você não vai escutar ele se você não fizer esse movimento. Assim como você não vai conseguir escutar mesmo, de verdade, um *serial killer*. Como é que ele se sente, se vê, como é que é esse estar no mundo, que é totalmente diferente do teu? E é um estar no mundo que tem tanta rejeição. Então só a escuta te permite isso. E a escuta é esse movimento muito profundo e muito difícil de fazer, porque tem que ter uma disposição interna muito grande. Porque tem um custo muito alto. E depois você vai voltar, preenchido por esse outro jeito de ser no mundo. E tu vai ter que lidar com isso, porque aquela que foi já não é a mesma que volta, mas aparentemente o mundo continua o mesmo. Então é um processo de entrega

profunda, por isso é um ato ativo, de movimento, presença. E às vezes você pode chegar à conclusão de que não é pra ti, de que você não quer viver dessa maneira, porque não é fácil.

P: Você é sempre muito fiel às palavras e ao discurso dos seus entrevistados. Qual é a importância desse modo de narrar no seu jornalismo e como ele se materializa nos textos?

R: Eu acho que é a escuta que permite isso, porque eu preciso descobrir, pela escuta, como aquela pessoa fala. E nenhuma pessoa fala igual. Nenhuma pessoa habita a linguagem da mesma maneira, e eu preciso entender como ela habita a linguagem e com que palavras ela faz a tessitura do seu mundo. Tem uma textura narrativa que cada um tem e que eu preciso trazer para o meu texto. Então, é como eu falo no *Olho da rua*, não existem sinônimos, porque a escolha da palavra pela pessoa é uma escolha que tem um significado profundo. Por que ela escolhe uma palavra e não escolhe outra? Mesmo que, aparentemente, para quem ouça pareça ou possam existir sinônimos, para quem escuta – porque ouvir é diferente de escutar – nunca vai ser a mesma palavra. Então, é questão que a própria palavra, que a gente sabe desde Freud, tem um imenso significado, o que ela diz, o que vem do inconsciente, enfim. Mas, além das palavras, a gente tem que entender qual é o ritmo, como é o tecido narrativo mesmo que a pessoa conta a sua história. Isso faz parte da escuta, e eu tento trazer esse universo para dentro das minhas reportagens. Então, se há uma linguagem comum nas minhas reportagens é a linguagem de descobrir qual é a linguagem do outro. Porque as parteiras vão falar com palavras, com ritmo, com uma sintaxe totalmente diferente da mãe que perdeu o filho que era traficante, do cara da periferia de São Paulo. Se fosse o meu jeito de falar seria sempre a mesma matéria, as mesmas palavras, o mesmo ritmo. Seria eu. Mas não. Se tem algo que une é que cada um vai ser diferente, porque eu preciso alcançar o jeito que o outro se conta. E conta do seu mundo porque é assim que ele expressa todo o universo que ele habita com aquela palavra.

P: Em toda a sua carreira, você sempre buscou o significado que cada indivíduo dá à sua própria vida. No livro *O olho da rua*, a gente encontra o subtítulo ‘uma repórter em busca da vida real’. Como tem sido esse seu encontro com a vida real e de que maneira isso já modificou você?

R: Eu não saberia dizer quem eu sou sem ter vivido o que eu vivi. Eu sou totalmente marcada pela experiência da reportagem. Eu sou repórter há 25 anos e há 25 anos eu escuto pessoas nas mais diferentes geografias, internas e externas. Isso também, e de uma forma muito forte, tornou aquilo que eu sou. Eu carrego comigo todas essas vozes. Às vezes eu sinto que tem uma multidão de vozes dentro de mim. E eu carrego também todas as marcas, porque nesse processo de escuta, nesse movimento tão profundo, há sempre uma transformação. Se a gente não se transforma no final de uma reportagem pelo que escutou, é porque errou em algum momento, e aí não conseguiu alcançar e escutar de verdade. E volta o mesmo. Porque tu pode ir ao fundão do Sul, se não fez o movimento interno de escutar, tu vai ter ido para muito longe sem realmente ter saído de ti. E aí não adianta nada. Então cada reportagem que eu fiz me transformou. Eu sou todas essas transformações e eu carrego todas essas marcas. Não existiria esse eu sem todos esses outros.

P: Eliane, eu sei que cada história possui a sua singularidade; mas, pensando em todas essas narrativas que você já viveu, é possível perceber uma linha que perpassa e une todas elas? Quero dizer, é possível falar sobre o que há em comum entre o Adail, a Ailce, os garimpeiros, as parteiras, enfim?

R: Eu acho que o que une é a minha pergunta maior, essa que agora eu fiz para mim mesma: como cada um inventa uma vida. Eu acho que cada repórter tem uma pergunta que vai lhe mover pela vida, pelas suas andanças pelo mundo, e a minha é essa. É muito claro que o que eu busco é entender como cada um inventa uma vida. Nesse sentido, a vida de cada um de nós é a nossa primeira ficção. Mas, quando eu falo ficção, eu não falo de mentira, jamais uma mentira. Ficção é outra coisa. Porque eu acho essa capacidade humana de criar uma vida a partir do caos, a partir do silêncio, de ser arrancado do silêncio como narrativa, algo de uma beleza extremamente pungente. É isso que me fascina no humano. Então eu acho que todas essas histórias, se há algo que as une, por mais diferentes que elas parecem ser, o que está contado ali é como cada um inventa uma vida, como cada um criou um mundo, como cada um deu sentido ao seu estar no mundo. Seja aparando crianças e criando uma narrativa para esse aparar crianças, como a Ailce deu sentido à sua vida no seu processo de morrer. O que ela está contando ali é como ela inventou uma vida, para poder se apropriar do sentido da vida no momento tão limite que é o momento de morrer. Ou como qualquer uma das pessoas. É a história da construção de um mundo, de um universo de sentidos. É isso o que me fascina. Eu sou repórter, eu sou escutadeira, eu me movimento por causa disso. Me dá uma dor profunda,

porque se eu pudesse eu queria escutar todas as pessoas. Porque é isso, são tantas e tantas pessoas, tantos e tantos universos, com uma forma extremamente criativa de se reinventar. No sentido não de se inventar como algo definitivo, estático e imutável, porque isso seria cada um se tornar um morto vivo, mas se inventar de forma a permitir que, em uma vida só, se tenha vários nascimentos, várias vidas numa vida só.

P: E é essa sua pergunta que realmente define o valor de uma notícia para você? Eu gostaria que você comentasse sobre o conceito de notícia para o jornalismo de desacontecimentos.

R: Quando eu falo que eu sou uma repórter de desacontecimentos é uma provocação. Desde que eu comecei a trabalhar em redações – e eu comecei em duas redações grandes, eu já comecei no maior jornal do Rio Grande do Sul, e depois eu fui para a (revista) Época – eu comecei a perceber isso. Eu fazia a ronda policial. E a gente fazia umas 50 ligações para a delegacia, o IML, e a pergunta, invariavelmente, era: aconteceu alguma coisa? E a resposta, invariavelmente, era: não aconteceu nada, só morreu chibungo. No Rio Grande do Sul, chibungo quer dizer um zé ninguém, pobre, morador de favela. E eles só diziam que aconteceu quando era com alguém rico, famoso, importante. Então aí se explicita o que me move. Eu sempre tento fazer as perguntas pelo avesso: por que isso não é um acontecimento? Por que algumas vidas acontecem e outras desacontecem? Por que algumas mortes são acontecimentos e outras desacontecimentos? E de quem são as vidas que desacontecem? E logo a gente descobre de quem são as vidas que desacontecem, de quem são as vidas que não viram narrativa. E essa é uma escolha muito profunda, definidora, tanto da vida individual das pessoas, quanto da vida política. Isso é uma escolha política. A escolha do que é um acontecimento, do que é uma pauta para o jornalismo, não é uma coisa dada, é um campo em permanente disputa. É um embate no campo da política. Eu fiz uma escolha consciente pelos desacontecimentos. Eu escolhi contar e incluir na narrativa os que estavam à margem da narrativa, porque é brutal estar e viver à margem da narrativa. Especialmente na época em que eu começo o jornalismo, no século XX, na década de 1980, onde o que não era contado pela imprensa não existia. Hoje é diferente, a internet fez uma ampliação de narrativas e hoje o embate é muito mais profundo, muito mais acirrado, porque a imprensa é uma das vozes, uma das narradoras. Mas, no meu tempo não. Então, eu faço essa escolha pelos invisíveis, pelos que estão à margem da narrativa. E aí eu provooco e escrevo sobre desacontecimentos.

P: Diante desse cenário que você acabou de relatar, de certos valores que realmente estão enraizados na cultura profissional como dogmas, você consegue perceber alguma possibilidade de mudança?

R: Eu acho que isso já está mudando. A internet foi aquilo que a gente não sonhou. A gente não foi capaz, nem mesmo os grandes escritores de ficção científica do século XX, de sonhar com algo tão transformador e criar algo como a internet. A internet, para nós, é extremamente transformadora em muitos sentidos e em muitos caminhos. E um deles é essa mudança, porque se há a imprensa convencional tem que existir também outra. Esse jornalismo foi um narrador hegemônico de sua época, do século XX. Mas hoje ele está em crise, e essa é uma boa crise. Porque hoje temos narradores. O que a mídia tradicional não conta é contado de outras maneiras e, muitas vezes, ela é obrigada a contar porque já foi contado. O que é acontecimento e o que não é acontecimento se tornou hoje algo muito mais complexo, porque as disputas estão muito mais acirradas, se ampliou os narradores. Eu acho que a imprensa só vai continuar sendo uma voz importante, uma narradora importante do seu tempo nesse momento histórico, se ela fortalecer aquela que é o seu diferencial, a reportagem. A reportagem exige todo esse movimento e isso é a essência do jornalismo. Esse é o único caminho possível que eu vejo para o jornalismo continuar sendo uma voz importante sobre a história em movimento. Mas a gente já está em um processo grande de transformação, e esse resgate da reportagem está se fazendo em espaços não tradicionais também, como a Agência Pública, como a Repórter Brasil e outras. São jornalistas fazendo reportagens e criando espaço de reportagem fora da imprensa tradicional. Isso seria impensável quando eu comecei a ser jornalista. Por isso eu acho que esse é um momento histórico interessantíssimo. As pessoas estão achando que o jornalismo morreu, mas é o contrário disso. Só que agora se exige que cada um de nós se torne um protagonista. Essa vontade de fazer jornalismo diferente sempre existiu. No século XX muitos jornalistas fizeram isso dentro das redações. Sempre foi um embate, nunca foi algo dado, como se tivesse alguém impondo sobre outro. Sempre foi uma disputa.

P: Você passou por muitas dessas disputas dentro das redações?

R: Sim, eu passei o tempo todo. Eu escolho contar o que está à margem da narrativa. Então eu também estou escolhendo o lugar de onde eu falo e sobre que histórias eu vou contar. Isso é uma disputa. Todo esse jornalismo que conseguiu fazer grandes reportagens, não no sentido

do tamanho, mas de conseguir contar em sua época, eles se recortaram nesse universo. Eles escolheram o caminho mais difícil, que é o caminho de se contrapor, o caminho mais duro, mais árduo e, às vezes, até desesperador. Fizeram isso dentro das redações, como hoje ainda fazem. Só que hoje tu tens outras possibilidades. Quando antes não saia uma matéria que tu fazia, antes da internet, o que tu faz? Onde tu ia publicar? Agora não. Em 5 minutos, tu faz um blog na internet.

P: Você acredita que essa potencialidade da internet está sendo bem explorada? Nós estamos no caminho certo?

R: Eu acho que tem de tudo, pois esse também é um campo em disputa. O que é importante - e é uma coisa que eu tento marcar não só falando, mas fazendo, especialmente nesses últimos anos pela minha coluna, seja na Época ou no El País – é que, no momento em que a gente não precisa mais passar pela disputa do espelho no jornal ou na revista, – aquilo que vai ou não entrar e com que tamanho ou destaque vai entrar - a internet nos permite resgatar os textos de profundidade. Não tem limite de tamanho, em cada reportagem faz parte descobrir que tamanho ela vai ter. A internet nos permite resgatar as grandes entrevistas, onde o entrevistado pode desenvolver todo o seu pensamento. A internet resgata os ensaios. Quando, no começo da internet, se dizia, e ainda hoje tem gente que diz, essa bobagem que a internet no jornalismo serve para publicar textos curtos, imediatos e instantâneos... é uma imensa sacanagem. Porque, pelo menos me parece, tem espaço para isso também, tem espaço para tudo. Mas, me parece que o melhor que a internet nos dá é essa possibilidade de, ao contrário, resgatar a profundidade e a própria grande reportagem, na medida em que tu não tem mais esse limite. Tem espaço para desenvolver os textos como eles devem ser, com vídeos e seja lá o que for. Eu passei quase vinte anos da minha vida ouvindo que leitor não gosta de texto longo – e eu sempre escrevi textos longos e sofri muito com a perda de espaço, de páginas, porque eu sabia que essas páginas faziam diferença na história que eu estava contando, eu sabia que cada página que eu perdia, no caso da revista, ou cada coluna de texto no jornal, eu estava calando vozes da história, silenciando parte da história, deixando de contar – e qual é a pesquisa para se afirmar que leitor não gosta de texto longo? Não tinha pesquisa, isso era um dogma. Agora, com a internet, tu prova que leitor gosta sim de textos longos, tu sabe qual é a audiência que tu tem, quantas pessoas leram teu texto e quanto tempo elas ficaram no teu texto. Então, agora a gente pode responder essa pergunta. E a resposta é que sim, o leitor gosta de texto longo desde que respeite sua inteligência, que ecoe, que faça a diferença e

valorize seu tempo. A gente precisa trabalhar melhor para esse leitor que agora é muito mais exigente, e agora tem muito mais voz do que antes tinha. Então minha coluna também foi uma provocação a isso, porque parecia um contrassenso do que os arautos determinavam que era para a internet. Eu acho esse um grande equívoco, porque se o jornalismo ficar disputando banalidades, ele vai perder a importância e aquilo que faz a diferença. E no jornalismo o que faz a diferença é a profundidade, é a capacidade de fazer o movimento da reportagem.

P: Esse é mesmo um argumento muito utilizado hoje em dia, de que o leitor de internet quer textos curtos e de leitura rápida, já que faz muitas coisas ao mesmo tempo...

R: Pois é, mas agora nós conseguimos provar que não é bem assim. Basta olhar as minhas colunas, que tem em média quinze mil caracteres. Mas, tem colunas em que eu já escrevi até cem mil caracteres. E tem tantos outros exemplos.

P: O que a gente percebe é que muitos veículos jornalísticos não estão dando prioridade para o que é essencial, que é a reportagem. Os textos do impresso estão ficando mais curtos e na internet a profundidade também não tem sido explorada...

R: Esses textos de ocasião ou de fofocas em que estão se apostando pode dar uma audiência imediata, mas, a médio prazo, isso não se sustenta, porque isso qualquer um pode fazer. O jornalismo tem que fazer diferente se quiser se manter como uma voz importante, como um narrador importante. E tem muita gente fazendo isso. A *Pública* é um exemplo de uma agência de reportagem independente, e suas reportagens são enormes. E ela tem uma audiência importante, uma repercussão importante e vai ter cada vez mais. Outros espaços estão surgindo com essa mesma ideia, e acho que isso é a forma mais inteligente. É uma questão de valorizar o tempo das pessoas. O leitor vai ler aquilo que vai fazer diferença para ele.

P: E você sente falta do ambiente das redações? Consegue visualizar um retorno para esses espaços?

R: Eu não tenho essa coisa de que se eu estou vivendo de um jeito, eu terei de viver desse jeito para sempre. Agora não faz sentido para mim, porque eu estou experimentando outra maneira. Pode ser que mais para frente faça sentido e aí eu volte para uma redação tradicional

ou participe dessas novas redações que estão surgindo de outras maneiras. Nesse momento eu estou vivendo dessa maneira e não sinto falta.

P: Eliane, para encerrar nossa entrevista, como você pensa que deve ser essa mudança no modo de fazer jornalismo? São os meios de comunicação que devem propor novas ideias ou são os leitores que devem cobrar mais essa transformação?

R: Eu acho que nós vivemos um cenário tão dinâmico que já nem podemos pensar assim. Hoje já se tenta um processo em que os leitores financiam as reportagens e o que eles gostariam de ler. E o leitor hoje tem muito mais poder do que ele tinha. Mas o jornalismo não pode ser esse produto de consumo que só deve contar as histórias que o leitor quer. Embora eu receba e-mail de leitores toda semana me pedindo para escrever sobre determinado assunto – e eu acho isso muito importante – eu não escrevo para ter audiência. Audiência, para mim, é uma consequência, ou não. Por exemplo, na internet eu consegui perceber, pelos dados, que as minhas colunas menos lidas eram sobre moradores de rua. Quando eu escrevia sobre moradores de rua, a audiência abaixava, a leitura diminuía, como se as pessoas não quisessem ver e enxergar os moradores de rua. E isso não fez com que eu deixasse de escrever sobre moradores de rua, mas fez com que eu escrevesse mais sobre moradores de rua. O meu texto não é um produto para o mercado, é de outra ordem a relação. Se fosse isso há muito tempo eu já estava fora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desacomodamento. A desconstrução. A desidentidade. A busca do significado contido nas palavras, nos gestos, no silêncio, nas histórias. Das pessoas. Do cotidiano. De um jornalismo que age e que defende uma causa. A de disponibilizar olhos e ouvidos para ver e para escutar os que estão à margem da narrativa. A de escancarar subjetividade para apreender as nuances que compõem um indivíduo. A de se esvaziar a si mesmo para se deixar preencher pelas dimensões significativas do outro.

Eliane Brum, considerada pelo Instituto Corda¹ a jornalista brasileira mais premiada de todos os tempos, engrandece a profissão por simplesmente ser, e não somente fazer, jornalismo. Por viver um estado visceral de ser repórter e encarnar a palavra escrita, sua e de tantos anônimos que já deixaram de ser invisíveis por seu trabalho. Por aplicar as atitudes mais básicas e completas ao apurar e entrevistar seus personagens: saber observar e escutar. Por recusar teses prontas e optar pela dúvida. Por sujar os sapatos e enfiar os pés na lama dos desacomodamentos. Por resgatar a função primeira e essencial do jornalismo: a de vínculo e de mediação social.

Despojar-se para assumir o outro é um processo de entrega. De todos os preconceitos, pensamentos e ideias que se fixam em nós e que tanto nos custa deixar partir. É oferecer espaço para o significado que faz a realidade do outro. É se fazer espelho para que o invisível possa se descobrir habitante de um território de possibilidades. É renunciar às aspas prontas para ser fiel à literatura de cegos de letras. É simplesmente se surpreender com a capacidade de cada indivíduo de inventar uma vida. De ser a sua própria ficção. Não no sentido do engano ou da mentira. Mas no sentido da construção de si mesmo com o pouco.

O jornalismo de desacomodamentos alcança a delicadeza em meio à brutalidade da vida. Pois compreende que em cada um se encontra um tecido de significados pronto para ser costurado e unido a tantos outros cotidianos que formam o nosso coletivo. Ele não precisa de critérios para saber qual história merece ser contada, porque confere aos detalhes de gente comum a dignidade de pertencer à narrativa. Como diz Marcelo Rech no prefácio do livro *A vida que ninguém vê*: “até uma gota de água pode virar uma grande reportagem na mão de um grande repórter” (BRUM, 2006, p.13).

E, mais do que isso, um grande repórter não só torna uma gota de água uma grande reportagem, como apreende dela aspectos que fazem refletir sobre as diferentes dimensões da

¹ Pesquisa realizada em 2011, em parceria com a publicação Jornalistas & Cia. Disponível em: <http://www.portaldosjornalistas.com.br/noticias-conteudo.aspx?id=174>

vida. Trata-se da presença de uma veia social que leva o sangue para manter pulsando uma prática jornalística que saber ser e fazer diferente.

O interesse em compreender por que algumas vidas acontecem e por que outras desacontecem continua a motivar Eliane em sua caminhada como repórter. E motivou o desenvolvimento dessa pesquisa, que nasceu como projeto de Iniciação Científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em 2013, faz-se hoje como trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, e busca ser essência de uma dissertação futura no programa de mestrado em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), da Unesp.

Ao definir o *corpus* de análise desse projeto, o desejo foi o de agregar valor ao campo de estudos em comunicação, através da proposição de um novo modo de fazer jornalismo. Mais do que propor, o interesse era – e continua sendo – o de refletir sobre o cenário noticioso vigente. E questioná-lo.

Vivemos a padronização da informação em moldes de um “jornalismo de pacote”, como afirmou Traquina (2005, p.26). Burocratizamos o fazer e aceitamos a vigência de um modelo noticioso acomodado com a supremacia de interesses mercadológicos sobre interesses públicos. Satisfazemo-nos com as versões oficiais e silenciemos a voz dos indivíduos que vivem e sentem os problemas que assolam nosso país. Perdemos a capacidade de apreender sentidos, de tatear texturas, de escutar não ditos. Esperamos frases que se encaixem na entrevista, pronta antes mesmo da apuração da pauta. E perpetuamos valores corrompidos, contribuindo com a manutenção de uma realidade midiática que não sabe desacomodar ou transformar.

Por acreditar na necessidade de uma nova possibilidade de fazer jornalismo, tendo em vista os modelos atuais, é que essa pesquisa se lançou ao desafio de mergulhar na concepção jornalística de Eliane Brum.

Para tanto, foi traçado um plano de estudos que se norteou pela análise das teorias do jornalismo, a fim de compreender fatores que justificassem a padronização das notícias. O trabalho foi fundamentado nas obras do estudioso português Nelson Traquina, a partir do estágio com duração de dois meses no Centro de Investigação Media & Jornalismo (CIMJ), fundado por ele e associada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na Universidade Nova de Lisboa.

Com a orientação da professora doutora Maria Estrela Serrano, presidente do CIMJ, foram aprofundados os estudos sobre a “tribo jornalística” (TRAQUINA, 2005) e sobre as concepções de notícia na atualidade.

Aspectos da teorização do jornalismo, considerados relevantes para esta pesquisa, foram consolidados de forma a confrontá-los com o modo de fazer jornalismo de Eliane Brum. A compreensão de suas técnicas e valores enquanto repórter fundamentou a caracterização do Jornalismo de Desacontecimentos, modelo noticioso proposto neste projeto.

Foram, ainda, desenvolvidas análises interpretativas relativas ao *corpus* selecionado – *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua* – com a coleta de material complementar em outros livros de Brum, como *A menina quebrada* e o mais recente *Meus desconhecimentos*. Após interpretar suas reportagens, uma entrevista foi realizada com a jornalista e transcrita nos estudos do projeto que aí está.

Essa pesquisa encerra seus trabalhos na expectativa de ter contribuído com as investigações da área e de ter lançado subsídios para a realização de novos estudos e para a proposição de novas hipóteses. Debruçamo-nos sobre as obras de Brum resultantes de um período seu de trabalho no meio impresso, *Zero Hora* e *Época*, mas um novo caminho de análises sobre o jornalismo de desconhecimentos se abriu com a mudança de Eliane para as plataformas digitais, antes em *Época* e agora na versão brasileira do portal *El País*.

Como Eliane mesmo disse na entrevista concedida a este projeto, “o melhor que a internet nos dá é essa possibilidade de resgatar a profundidade e a própria grande reportagem, na medida em que tu não tem mais esse limite”. Um mundo com novas perspectivas para o jornalismo se constrói, portanto, com as novas possibilidades advindas da internet. E esse cenário abre espaço para novas hipóteses e questionamentos sobre a manutenção do jornalismo convencional, assim como novos pensamentos sobre propostas de um fazer noticioso diferente, tal qual o Jornalismo de Desacontecimentos.

Desse modo, mais do que questionar o panorama midiático atual e caracterizar novas técnicas e valores para o jornalismo, espera-se que, com este trabalho, novos interesses sejam concebidos no campo da comunicação, para refletir sobre novas possibilidades nos meios radiofônicos, impressos, audiovisuais e digitais. Independente da plataforma, o importante é assumir e sempre resgatar a função social do jornalismo, estabelecendo vínculo com os anônimos e invisíveis que compõem o mosaico em que vivemos.

“Somos todos mais iguais do que gostaríamos. E, ao mesmo tempo, cada um é único, um padrão que não se repete no universo, especialíssimo. Nossa singularidade só pode ser reconhecida no universal. Tudo é um jeito de olhar” (BRUM, 2006, p.187).

E é a partir do singular manifesto no cotidiano que Eliane Brum dá a Zés e Marias do Brasil a envergadura de personagens que merecem figurar o centro da narrativa, revertendo um dos mais arraigados dogmas da imprensa.

REFERÊNCIAS

- BIRD, Elizabeth S.; DARDENE, Robert W. Mito, registro e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
- BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras**. São Paulo: Leya Brasil, 2014.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.
- CALADO, Vanda; SILVA, M. T.; TRAQUINA, Nelson. **A problemática VIH/Sida como notícia: Elementos para uma teoria da notícia**. ed. 1. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.
- CHALABY, Jean. O Jornalismo como invenção anglo-americana: comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). **Media & Jornalismo**, Nov. 2003, Vol. 1, nº 3, pp.29-50.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d’aquém e d’além mar: percursos e géneros do jornalismo português e brasileiro**. Santarém: Jortejo, 2000.
- DUARTE, Adriano. O acontecimento. In: Traquina, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.
- DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6. ed., Record, Rio de Janeiro, 2006.
- LAGO, Cláudia, BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LOPÉZ, Xosé. O xornalismo em profundidade: das rutinas diárias á indagación. Prácticas, proxectos e obxectivos In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.)(2004). **Jornalismo de Referência: Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos/II Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo Fin-de-siécle**. São Paulo: Scritta, 1993.

_____. **Ser jornalista:** a língua como barbárie e a notícia como mercadoria. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTINS, Eliane. Entrevista Eliane Brum. **ABI online**. Rio de Janeiro, 05 fev. 2010. Em <<http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>> Acesso em 18 de setembro 2013.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente:** narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Ciência e jornalismo:** da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **Entrevista:** o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **O signo da relação:** comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MOURA, Paulo. **Passaporte para o céu.** Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2005.

_____. **SOS Zona Pobre.** Disponível em: <<http://paulomoura.net/>> Acesso em: 19 de janeiro 2014.

OLIVEIRA, Samir. “Eliane Brum: ser repórter é aprender a olhar e escutar”, **Sul 21**, Rio Grande do Sul, 12 abr. 2012. Em < <http://www.sul21.com.br/jornal/eliane-brum-%E2%80%9Cser-reporter-e-aprender-a-olhar-e-escutar%E2%80%9D/>> Acesso em 20 de julho 2012.

RESENDE, Fernando. As narrativas de resistência: o jornalismo ampliado. In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.)(2004). **Jornalismo de Referência:** Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos/II Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

ROSEN, Jay. Para além da objectividade. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo 2000.** Lisboa: Relógio d’água, 2000.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRE, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo:** questões, teorias e histórias. Lisboa: Vega, 1993.

SOUSA, Américo. **O estatuto da subjectividade no campo jornalístico.** In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.)(2004). **Jornalismo de Referência.** Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos/II Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos.** Coimbra: Minerva, 2000.

_____. **Construindo uma teoria do jornalismo.** Disponível em: <<http://goo.gl/Xtnta>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

SOUSA, Jorge Pedro (Org.)(2004). **Jornalismo de Referência.** Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos/II Congresso Luso Galego de Estudos Jornalísticos. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

_____. **Teorias da notícia e do jornalismo.** Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. O jornalismo português e a problemática VIH/SIDA: um estudo exploratório. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo 2000.** Lisboa: Relógio d'água, 2000.

TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo:** questões, teorias e 'estórias'. Lisboa: Vega, 1993.

_____. **Jornalismo 2000.** Lisboa, Relógio d'água, 2000.

_____. **Teorias do jornalismo:** porque as notícias são como são. Vol. 1. Insular: Florianópolis, 2005.

_____. **Teorias do jornalismo:** a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Insular: Florianópolis, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo:** questões, teorias e 'estórias'. Lisboa: Vega, 1993.

_____. Contando 'estórias'. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo:** questões, teorias e 'estórias'. Lisboa: Vega, 1993.

_____. **Making News:** a study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 1987.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo 2000.** Lisboa: Relógio d'água, 2000.